

Revista

RAÍZES

67

Publicação Semestral
Distribuição gratuita

Dezembro de 2023

Publicação da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul

ANO XXXV



Palavra do Presidente

Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

ESCREVO ESTA MENSAGEM, evidentemente, para você que inicia neste instante a leitura dos artigos que compõem a revista *Raízes* 67, mas escrevo também para todos aqueles que, no futuro, seja daqui a dois, cinco, 12 ou 50 anos, também irão folheá-la. Afinal, essa publicação nasceu para contar a história, aquilo que já aconteceu, e, portanto, que despertava vivo interesse, não só para quem lê nesse momento presente, mas sem dúvida a todos que, no futuro, vão ler estas páginas e descobrir, encantados, os fatos que contam a história e recordam a memória da rotina de como foi um dia São Caetano do Sul. Acreditamos que a missão da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul está sendo cumprida fielmente por seu projeto editorial, que, com muito zelo, valorizando a pesquisa, entrevistando personagens, resgatando fotografias, e com a participação de colaboradores externos, apresenta textos que transbordam emoções e conseguem nos transportar para um tempo em que só as lembranças fazem moradia. Agora só nos resta desejar que os textos sejam mais do que boas leituras e atinjam a alma de cada um. ■

Ano XXXV – Número 67
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

Prefeito Municipal: José Auricchio Jr. **Secretário Municipal de Cultura:** Erike Busoni. **Presidente da Fundação Pró-Memória:** Charly Farid Cury. **Conselho Diretor:** Charly Farid Cury – Presidente, Anna Figueira, Brenno Diorrener Pereira, Candido Giraldez Vieitez, Erike Laerte Busoni, Eva Bueno Marques, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Priscila Ferreira Perazzo, Wagner Antônio Natale, William Pesinato. **Conselho Consultivo:** Ana Paula Demambro, Donizetti Tadeu Moretti, Elisabete Montesano, Issao Toyoda Kohara, José Luiz Cabrino, Marcos Eduardo Massolini, Mário Porfírio Rodrigues, Nelson Albuquerque Oliveira Júnior, Newton Mori, Paulo Alves Rosa, Wander Correa.

RAÍZES

Jornalista Responsável: Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). **Edição e revisão:** Paula Fiorotti. **Serviço de Difusão Cultural:** Humberto Pastore e Rodrigo Marzano Munari. **Comissão Editorial:** Charly Farid Cury, Ana Maria Guimarães Rocha, Cristina Toledo de Carvalho, Heloisa Canga, Humberto Pastore, Maria Zulema Cebrian, Paula Fiorotti, Rodrigo Marzano Munari, Sandra Regina Bittancourt Gouveia. **Projeto Gráfico:** Roberta Giotto. **Digitalização de Imagens:** Nina Kuznetsov.

Tiragem desta edição:
1.000 exemplares
Dezembro de 2023

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC. A seleção do material é de responsabilidade da Comissão Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Carta ao leitor

☰ Paula Fiorotti

EDITORA

Mais uma edição da revista *Raízes* que conta a história e, ao mesmo tempo, entra para a história de São Caetano do Sul. Neste número, celebramos, na seção *Capa*, os 70 anos da Guarda Civil Municipal, com um artigo especial que retrata toda a trajetória da corporação, criada em 1953. Responsável pela preservação da ordem e da segurança na cidade, protege bens públicos, serviços e instalações municipais, agindo de forma integrada a outros órgãos da segurança pública. Uma missão tão importante e essencial, em um caminho tão longínquo, merece destaque em nossos registros históricos.

E por falar em aniversário, a publicação comemora vários. São 15 anos do Atende Fácil, 50 anos do Hospital Infantil Márcia Braido, 75 anos da autonomia política e administrativa do município, 85 anos da criação do primeiro centro espírita e 100

anos da presença da congregação estigmatina na localidade. Além disso, outro artigo trata das mais antigas igrejas evangélicas instaladas em São Caetano, sendo a primeira delas, a Igreja Presbiteriana Filadélfia, que aqui está desde 1923.

O número 67 de *Raízes* vem com uma novidade, uma seção nova, denominada *Almanaque*. Entre fotos e pequenos textos, o objetivo é resgatar algumas efemérides relativas a instituições municipais e acontecimentos significativos para a história de São Caetano.

Além da nova editoria, a revista apresenta-se, como sempre, repleta de muitas histórias, causos, entrevistas, relatos, fotografias lindas e resultados de muita pesquisa. Espero que o leitor aproveite cada página e cada imagem para dar aquela voltinha ao passado, que tanto nos faz lembrar de quem somos! ■

Paula Fiorotti

é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul. É responsável pelo Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, sendo editora da revista *Raízes*, e está atuando como responsável pela programação da Pinacoteca Municipal, do Espaço Cultural - Casa de Vidro e de outros espaços da instituição..

✉ raizes@fpm.org.br



8 CAPA

Polícia! Guarda! Nomes que valorizam o passado da Guarda Civil Municipal
Humberto Domingos Pastore

Na imagem de capa, guarda civis municipais enfileirados durante evento realizado em 1998. Na contracapa, guardas femininas durante desfile na Avenida Presidente Kennedy, em 2001

Acervo/FPMSCS

4
#HASHTAG

5
ALMANAQUE

21
ARTIGOS
Poder e memória: o caso da Árvore das Lágrimas
André Aparecido Bezerra Chaves

32
Há mais de 100 anos tombou o padre Luiz Capra: o primeiro vigário da Paróquia de Santo André, o eterno vigário de São Caetano
Rodrigo Marzano Munari

38
Uma história narrada pela metade? Hipóteses e questões sinalizadoras da participação de mulheres na articulação do movimento autonomista
Cristina Toledo de Carvalho

44
RAÍZES E RETRATOS
ACERVO/CELSO CAPARROZ

45
MEMÓRIA
A primeira igreja evangélica do ABC nasceu em São Caetano
Humberto Domingos Pastore

58
Família Castaldelli: uma história de sucesso
Paulo Alves da Rosa

62
Hospital Infantil e Maternidade Márcia Braido: 50 anos de uma instituição pública pioneira na região
Rodrigo Marzano Munari

65
Estigmatinos: frutos de 100 por um!
João Tarcísio Mariani

68
Atende Fácil: 15 anos de serviços prestados à população de São Caetano do Sul

71
A árdua missão de resgate do Hino da Autonomia de São Caetano do Sul

73
Doutrina espírita em São Caetano nasceu com a benzedeira Georgina
Humberto Domingos Pastore

75
CURIOSIDADES
A antiga Rua São Caetano, coração da vida comercial da cidade

76
RAÍZES E RETRATOS
ACERVO/LUIZ ROMANO

77
MEMÓRIA E AFETO
Um escorregador de elefante em São Caetano

78
PERSONAGENS
Dona Lucy: história de uma pioneira no ensino infantil de São Caetano do Sul
Artur Henrique da Cruz Carvalho

80
Uma estrangeira em São Caetano do Sul
Ala Voloshyn

83
Abanadeira de café, mãe de oito filhos: Maria Thereza e seus 100 anos

85
HISTÓRIA ORAL
Décio e Esmeralda: a história de um casal sul-são-caetanense

87
CURIOSIDADES
Rua homenageia quem nunca existiu

88
ESPORTES
Luís Pereira, o “Luís Chevrolet”
Mario Edson Botteon

91
Os jogos do São Paulo Futebol Clube em São Caetano do Sul
Renato Donisete Pinto

98
Arco Verde Futebol Clube Campeão do Torneio Municipal Luiz Mantovani de 1967
Luiz Domingos Romano

100
POESIAS E CRÔNICAS
As bancas de jornais são eternas
Marcos Eduardo Massolini

103
NOSSO ACERVO
MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

104
NOSSO ACERVO
PINACOTECA MUNICIPAL

105
ACONTECEU

109
MEMÓRIA
FOTOGRAFICA

(#) HASHTAG

A HISTÓRIA DE SÃO CAETANO PARA CRIANÇAS (sem sair de casa)

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul preparou um conteúdo especial para que as crianças possam ter contato com a história do município de São Caetano do Sul. O livro *A História de São Caetano do Sul*, editado pela instituição em 2015, está disponível para download em nosso site (www.fpm.org.br). Além disso, há materiais como vídeo, cenários para construção de maquetes, um jogo de tabuleiro, toy papers e sugestões de atividades para serem realizadas em casa.



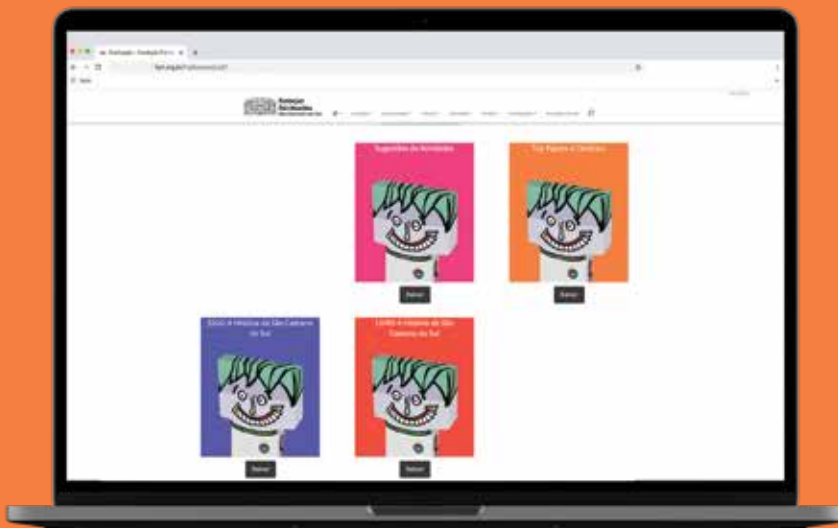
[instagram.com/fpmscs_oficial](https://www.instagram.com/fpmscs_oficial)



[facebook.com/promemoria.caetano](https://www.facebook.com/promemoria.caetano)



Voltado ao público infantil, o livro *História de São Caetano do Sul* foi escrito por Nereide Schilaro Santa Rosa (escritora, pedagoga e arte-educadora vencedora do Prêmio Jabuti em 2004) e leva os pequenos leitores a um passeio pela história do município, por meio de textos curtos, simples e objetivos, e ricas ilustrações da designer Roberta Giotto.



➔ Acervo/FPMSCS

145 anos da segunda leva de imigrantes italianos destinados ao Núcleo Colonial

1878

É bem conhecida a história da fundação do Núcleo Colonial de São Caetano, em 28 de julho de 1877, com a chegada da primeira leva de imigrantes italianos à localidade. Menos conhecido é o fato da vinda de outras famílias nos anos seguintes. Já em 1878, mais precisamente no dia 2 de janeiro, atracou no porto do Rio de Janeiro o vapor Sully, trazendo a bordo 627 imigrantes italianos. Algumas famílias ficaram no Rio, outras foram enviadas ao Paraná e ao Rio Grande do Sul. Nove dessas famílias foram enviadas a São Paulo e encaminhadas ao Núcleo Colonial de São Caetano, aonde chegaram no dia 4 de janeiro. São as famílias que vieram com os seguintes colonos: Francesco Coppini; Luigi Baraldi; Pasquale Cavanna; Giuseppe Carnevali; Giuseppe Ferrari; Luciano Gennari; Filippo Roveri; Antonio Zapparoli; Dionisio Madella. Novos grupos chegariam em 1879, 1882, 1884, 1887, 1888, 1889 e 1890, quando entra no Núcleo Colonial o último imigrante. Ao lado, vemos um retrato da família de Filippo Roveri (ao centro, sentado), que chegou a São Caetano na leva de 1878. Foto da década de 1910.



Apami: 70 anos

1953

A Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância de São Caetano do Sul (Apami) comemorou 70 anos de atividade no último dia 22 de maio. A entidade foi fundada em 1953, durante o governo do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957), por iniciativa da primeira-dama, Aracy Torres Campanella, com a finalidade de fornecer assistência às mães carentes. Aracy foi a primeira presidente da Apami. Com o apoio da comunidade e do Rotary Club de São Caetano do Sul, a entidade conquistou, em 1954, o estabelecimento do primeiro posto de puericultura da cidade, em terreno doado pela prefeitura, na Avenida Doutor Augusto de Toledo, esquina com a Avenida Goiás: é o local registrado pela foto abaixo. Hoje, a Apami tem sua sede social localizada na Rua Marechal Deodoro, nº 400, no Bairro Santa Paula, e continua cumprindo a missão de suas fundadoras.



Aresm: 60 anos

1963

Quando foi instalada a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, em 3 de abril de 1949, o primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, tinha ao seu lado sete funcionários para tocar os trabalhos. A cidade cresceu e o número de servidores também. Tanto que, 15 anos depois, em 28 de outubro de 1963, era fundada a Associação dos Servidores Municipais de São Caetano do Sul, atualmente denominada Associação Recreativa e Esportiva dos Servidores Municipais (Aresm). Lá se vão 60 anos, seis décadas de muita atuação em prol do funcionalismo municipal. Essa história, que ganha um registro nesta publicação, foi contada na edição 48 (dezembro de 2013) da revista *Raízes*, em artigo escrito pelo jornalista Paulo Alves da Rosa. Na foto abaixo, dos anos 1970, a ex-presidente Alexandrina Moretto, ao lado do então prefeito, Raimundo da Cunha Leite, e demais diretores, assina documento de posse da sede da associação, localizada na Rua Maranhão, nº 96, no Bairro Santo Antônio.



1953



Paróquia Nossa Senhora da Candelária: 70 anos

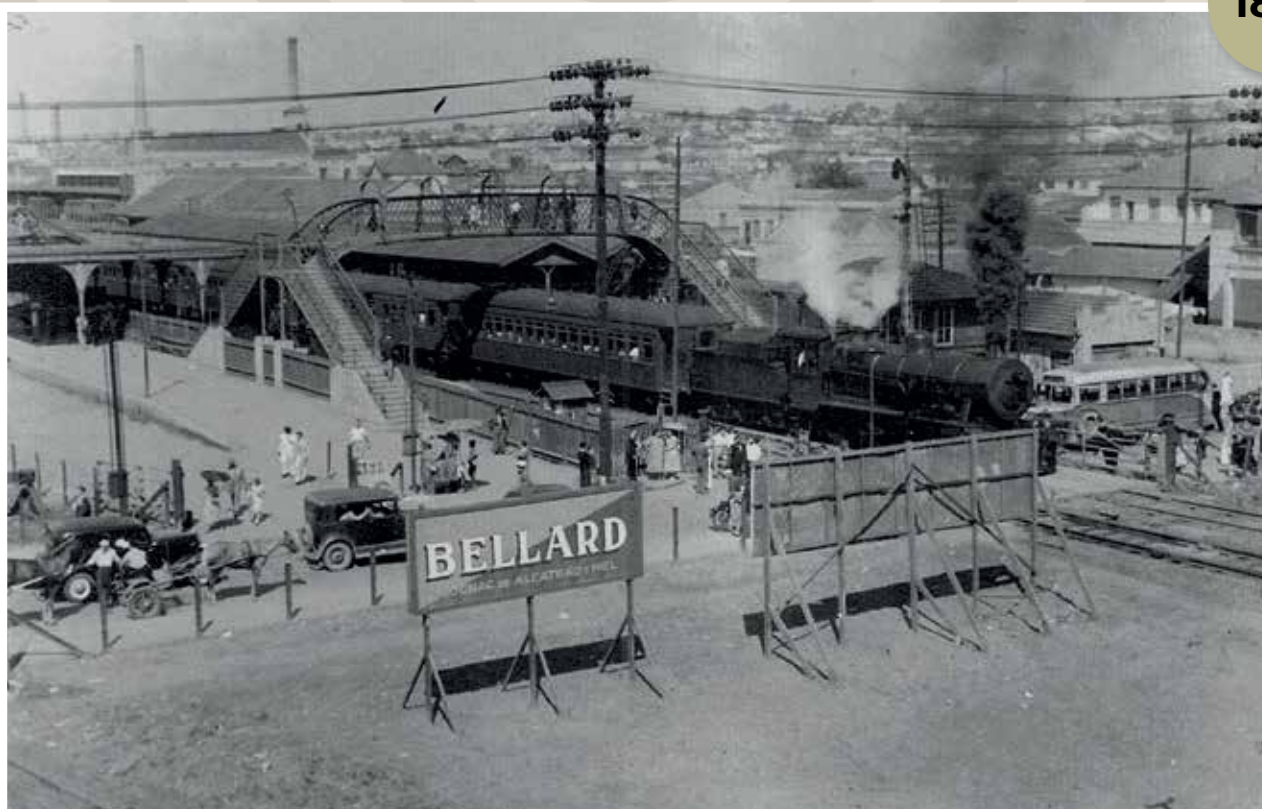
A igreja da Candelária, um dos templos mais conhecidos e frequentados de São Caetano do Sul, completou seus 70 anos de existência como paróquia em 29 de junho de 2023. A sua história, entretanto, começou bem antes de 1953, ano em que foi oficialmente criada a paróquia. O início da comunidade da Candelária remonta à década de 1920, quando foi construída uma capela rústica em terreno doado pela família Gonzaga, na mesma região em que se localizava o cruzeiro erguido pelos monges beneditinos para marcar a divisa entre a Fazenda de São Caetano e o bairro que receberia o nome do mesmo santo no século 18. Em 1924 foi criada a Paróquia São Caetano (no atual Bairro da Fundação), cujos padres passariam a atender a pequena Capela da Candelária, erguida nas proximidades da olaria da família Benedetti, entre residências de italianos e espanhóis. A escolha do título da padroeira remete a esse intercâmbio cultural que marca, ainda hoje, a história familiar de vários membros da comunidade. Na foto à esquerda, presumivelmente do final da década de 1940 ou início da de 1950, temos uma visão parcial da fachada da capela que, já ampliada, seria elevada a Paróquia Nossa Senhora da Candelária.

1993

Festa Italiana: 30 anos

Cultura, tradição e gastronomia são os ingredientes principais da Festa Italiana de São Caetano do Sul. O evento foi criado no primeiro ano do governo do prefeito Antônio José Dall'Anese (1993-1996) com a finalidade de reforçar os antigos e sólidos laços do município com a comunidade italiana, resgatando, ao mesmo tempo, uma tradição local que data do final do século 19: as festas em homenagem ao padroeiro da localidade, São Caetano Di Thiene (cuja memória é celebrada em 7 de agosto), realizadas ao redor da antiga capela construída (entre 1717 e 1720) pelos monges beneditinos, local em que atualmente se encontra o templo da Paróquia São Caetano (no Bairro da Fundação). Assim como as festividades de outrora, a atual Festa Italiana é realizada no mês de agosto, na Praça Comendador Ermelino Matarazzo, e hoje também ocupa, além de uma parte das ruas 28 de Julho e Mariano Pamplona, um espaço do Parque Municipal Província de Treviso. Tendo ao fundo a igreja, também conhecida como "Matriz Velha", a foto aqui apresentada registra o cenário da "1ª Festa Italiana de Rua de San Gaetano", em 31 de julho de 1993, dia da abertura do evento.





Estação ferroviária de São Caetano: 140 anos

Cento e quarenta anos de embarques, desembarques e incontáveis histórias. Construída pela *São Paulo Railway Company*, apenas seis anos depois da chegada dos primeiros imigrantes italianos que se estabeleceram no Núcleo Colonial de São Caetano (1877), a estação foi inaugurada em 1º de maio de 1883, em terreno cedido pela família Baraldi. Apresentava arquitetura tipicamente inglesa e estilo vitoriano, com passarelas metálicas, cancelas e coberturas de telhas para passageiros. Essa estrutura foi substituída, na década de 1970, pela atual estação de concreto armado, mais condizente com o “progresso” de São Caetano. Foi em torno dela que a localidade desenvolveu um polo econômico de grande importância, servindo como ponto de circulação de pessoas e mercadorias na estrada que partia da cidade de Santos rumo à capital paulista e estendia seus trilhos até Jundiá. Nesta foto, da década de 1940, vemos a estrada de ferro em pleno funcionamento, numa São Caetano em crescente movimentação comercial e industrial.

Polícia! Guarda! Nomes que valorizam o passado da Guarda Civil Municipal

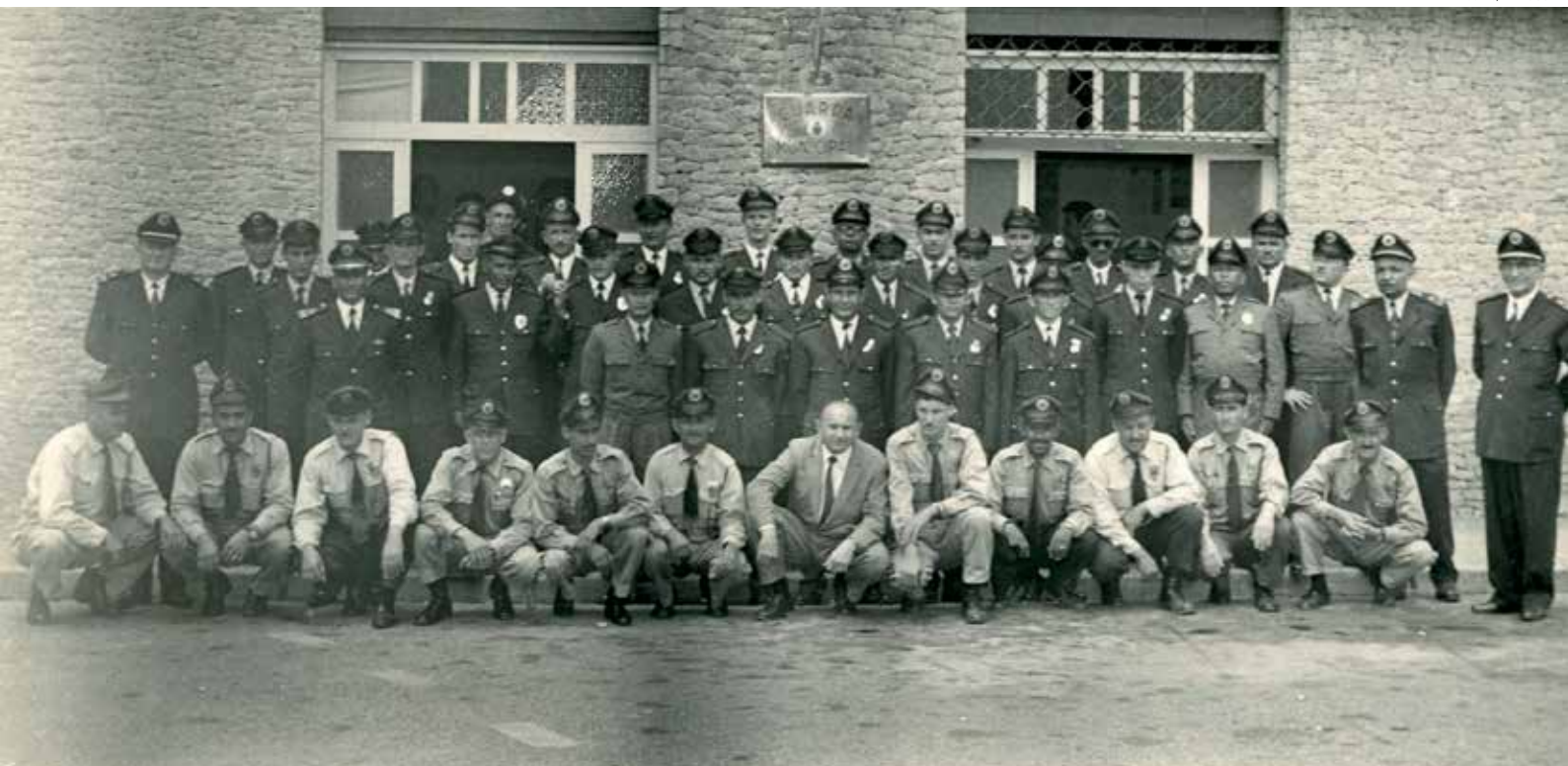
 Humberto Domingos Pastore

CONTAR A HISTÓRIA DOS 70 ANOS DA GUARDA CIVIL MUNICIPAL (GCM) de São Caetano do Sul é recordar os seus vários nomes, as muitas definições de função, os diversos desmembramentos, os variados uniformes. É escrever que, antes de sua criação, em 1953, já existia na cidade a Guarda Particular e a Guarda Noturna. É lembrar que, no mesmo documento da lei que a criou, encontramos a denominação de “Polícia” e de “Guarda”. No cabeçalho da lei nº 358, de 17 de setembro de 1953, lê-se: “Cria a Polícia Municipal e dá outras providências”. E, três linhas abaixo lemos, no artigo 1º: “Fica criada a Guarda Municipal...”. E, curiosamente, os termos Polícia e Guarda vão se revezando em documentos como sinônimos aceitos não só pela população, como também pelas autoridades de cada época. Neste preâmbulo, merece ser valorizado o trabalho do GCM

Ricardo Quiles, um apaixonado pela história da Guarda Municipal, um guardador de informações e garimpeiro de fotografias relacionadas à GCM. Ele foi o grande incentivador para que este artigo ganhasse as páginas da revista *Raízes* e colaborou imensamente para que o projeto se tornasse realidade.

Guarda Municipal nasceu quatro anos depois da criação do município - A hoje GCM já foi batizada com diversos nomes. A primeira denominação, Guarda Municipal, pode ser encontrada na lei nº 358, de 17 de setembro de 1953, cujo teor começa com “Anacleto Campanella, prefeito municipal de São Caetano do Sul, usando de suas atribuições que lhe são conferidas por Lei, faz saber que a Câmara em sessão realizada no dia 11 do corrente, decretou e eu promulgo a seguinte Lei. Artigo 1º: Fica criada a Guarda Municipal de São Caetano do Sul...”. Cabe o registro de que ela só entraria em vigor em 1º de janeiro de 1954.

Ainda do mesmo documento é a informação de que a Guarda Municipal nasce destinada a colaborar com a Delegacia de Polícia local nos serviços de manutenção da ordem e tranquilidade pública, assim como nos de segurança pessoal e proteção à propriedade privada dentro do município, principalmente durante a noite. Compete a ela também prestar auxílio nos serviços de combate a incêndios e de salvamento, além do socorro urgente em cooperação com os serviços públicos, de assistência médica e, especialmente, nos de policiamento e guarda dos parques, jardins, monumentos, repar-



tições e edifícios públicos.

A citada lei também servia para criar os cargos de um chefe, cinco inspetores, 32 guardas e um escriturário. O limite de idade estipulava a margem de 21 a 40 anos. Interessante que esse documento deixa claro que já existia na cidade a Guarda Particular e a Guarda Noturna, cujo acervo foi doado para a prefeitura. Outro dado importante é que, nessa primeira fase, o delegado da polícia local, a título precário, cuidaria da orientação policial da Guarda Municipal e que, para tanto, receberia, em dinheiro da época, uma gratificação mensal de dois mil cruzeiros.

O artigo 4º explicita que a Guarda Municipal usará equi-

pamentos e uniformes próprios, confeccionados de acordo com modelos e especificações previamente aprovados pelo prefeito, e que todos os membros da corporação ficam obrigados a usá-los, com exceção do escriturário.

Para bancar as despesas decorrentes da execução dessa lei, ficou definido que os recursos seriam provenientes da arrecadação da Taxa da Vigilância, no valor de 5%, adicional ao Imposto Predial, ao Imposto de Indústrias e Profissões e à Taxa de Conservação de Estradas Municipais.

O prefeito que comandou o Serviço Municipal de Trânsito - Em São Caetano do Sul, Raimundo da Cunha Leite foi

Antes de ser prefeito, Raimundo da Cunha Leite (agachado, ao centro) comandou o Serviço Municipal de Trânsito, que foi integrado à Guarda Municipal

vereador, prefeito e deputado federal, mas, antes disso, esteve à frente da diretoria do Serviço Municipal de Trânsito. Relato precioso desse período é contado pelo próprio Cunha Leite em seu livro *Memórias* (lançado em 2002), como veremos nos trechos a seguir:

Com a vitória de Oswaldo Massei como prefeito, coube ao PTN, partido que presidia, três diretorias e uma delas era a do Serviço Municipal de Trânsito, que assumi na manhã de 9 de outubro de 1957. Esta diretoria posteriormente seria unificada à Guarda Municipal, passando a constituir-se na Polícia Municipal.

Na página 63 de seu livro, Raimundo da Cunha Leite recorda que, nos anos 1950, a malha viária de São Caetano do Sul era carente de uma melhor planificação do trânsito, tanto que foi necessária uma ação conjunta com o diretor estadual de trânsito da época, Nicolau Tuma, que trouxe uma equipe de renomados técnicos, a qual, após estudos, definiu um plano viário, que, por muitos anos, orientou e disciplinou o tráfego de veículos na cidade.

Na página seguinte, há a informação de que também foi elaborada uma ação para desenvolver o transporte coletivo no município, que era muito precário, principalmente em relação aos bairros. Cunha Leite conversou com os pioneiros desse

serviço, entre os quais os irmãos Felipe e Manoel Figueiredo Freitas, que iniciaram uma pequena frota que viria a se transformar em uma famosa empresa de ônibus. Outros nomes dessa área foram Lindolfo de Moraes, Nestor de Carvalho, Aquilino Novato e Orlando Moretto, que levaram as linhas de ônibus, respectivamente, para as então vilas Barcelona e Santa Maria; Paula e Monte Alegre Novo; Monte Alegre e Gerty; Cerâmica e São José. O transporte de passageiros para as cidades vizinhas era feito pela Empresa Auto Ônibus Santo André (Eaosa).

Também recordou que o trânsito ficava bastante caótico em virtude do Dia de Finados, ocasionando grande acúmulo de veículos nas proximidades dos cemitérios, principalmente no Cerâmica. Por essa razão, logo de manhãzinha, Raimundo da Cunha Leite e toda a sua equipe iam para as proximidades desses campos santos para “pôr ordem na casa” (ou melhor, nas ruas).

Foi nesse período também que ocorreu a implantação do serviço de táxis em São Caetano, já que, até então, as corridas eram feitas na base do se combinar o preço com o motorista. Curiosamente, os motoristas de táxi, a princípio, mostraram-se descontentes com a medida, mas logo compreenderam que ela seria benéfica para todos.

Cunha Leite termina seu relato citando que, com a unifica-

ção entre o Serviço Municipal de Trânsito e a Guarda Municipal, surgiu a Polícia Municipal, período em que esteve à frente da nova corporação. Frisou, todavia, que, anos depois (já no governo de Anacleto Campanella), houve novamente o desmembramento e, conseqüentemente, a separação dos seus respectivos serviços em duas áreas distintas: Trânsito e Guarda Municipal.

Na década de 1960, a Guarda teve um desmembramento

- Antes de ganhar o nome de Guarda Civil Municipal, a corporação passou por significativa mudança por conta da lei nº 1.151, de 12 de novembro de 1962, quando o então prefeito Anacleto Campanella promulgou o decreto que denominou Seção Municipal de Trânsito o órgão que até então tinha o nome de Seção de Polícia Municipal. O mesmo documento trouxe a decisão de ser extinta a Taxa de Vigilância, que havia sido criada no artigo 5º da lei nº 358, de 17 de setembro de 1953.

Com o desmembramento, foi criada também a Seção de Fiscalização de Próprios e Logadouros Públicos Municipais junto ao gabinete do prefeito. Já o cargo de chefe, definido pela lei que criou a Polícia Municipal, passou a pertencer à Seção Municipal de Trânsito.

Um anexo, ao final dessa lei, define a súmula de atribuições para cada seção criada. Para a



Guardas diante da sede do Serviço Municipal de Trânsito, em foto do final da década de 1950 (aproximadamente)

chefia de fiscalização de próprios municipais, descreve que deve orientar e distribuir as tarefas relacionadas com a fiscalização de próprios e logradouros públicos municipais em períodos diurno e noturno.

Já os encargos para a chefia da Seção Municipal de Trânsito eram os seguintes: orientar, distribuir e fiscalizar as tarefas relacionadas com o controle do transporte de passageiros do município, sinalização do trânsito, determinação das correntes de tráfego, apreensão de veículos, expedição de alvarás, de guias pa-

ra arrecadação de multas e outras atividades correlatas, sob a orientação do delegado de polícia.

Em 1988, o Serviço de Fiscalização se torna Guarda Municipal - Uma nova mudança de nomenclatura ocorre no dia 8 de novembro de 1988, quando a lei nº 2.967 é promulgada pelo então prefeito Hermógenes Walter Braido, transformando a Seção de Fiscalização de Próprios e Logradouros Públicos Municipais (SFPL) em Guarda Municipal. A mesma lei também trouxe a incumbência dos guar-

das municipais, que deveriam efetuar o policiamento e guarda das repartições e logradouros da cidade; manter a ordem e a disciplina no Acampamento de Operários; prestar auxílio de forma geral, quando solicitado por autoridade; manter sigilo às ordens superiores, cumprir ordens e zelar pela integridade pública municipal; manter assiduidade, pontualidade, discrição e urbanidade, sobretudo lealdade às instituições constitucionais e administrativas a que serviam.

Entre os requisitos necessários para fazer parte da Guarda

Municipal, a lei trazia a informação de que teria que ter no mínimo 21 anos e no máximo 35; não registrar antecedentes criminais; ter aptidão física e mental, comprovada em inspeção médica; e ser residente, no mínimo, há dois anos no município de São Caetano do Sul. Os guardas municipais, ao serem contratados, passavam a ter plena assistência jurídica nos casos decorrentes do exercício de suas funções, bem como seguro para cobertura em caso de morte acidental e invalidez permanente durante o expediente de trabalho.

GCM é instituída no ano 2000 para ter até 500 guardas - Mais uma alteração nominal ocorre com a lei nº 3.875, de 25 de março de 2000, promulgada pelo então prefeito Luiz Olinto Tortorello. Sai a Guarda Municipal e entra a Guarda Civil Municipal, uma corporação uniformizada e armada, com efetivo de até 500 guardas, abrangendo quadros masculino e feminino, que passam a contar com carreira funcional formada por quatro classes distintas identificadas de 1º a 4º nível, sendo o primeiro o de inspetor de Guarda Civil Municipal e os demais por 1ª, 2ª e 3ª classe.

A título elucidativo, transcrevemos os trechos da citada lei que define as atribuições pertinentes aos níveis apresentados acima, tais como, para o inspetor, a incumbência de coordenar e superviso-

nar as atividades na área da sua jurisdição; propor as alterações para aperfeiçoamento administrativo e operacional das atividades da Guarda Civil Municipal; orientar e elaborar escala de serviço da sua divisão; executar e fiscalizar as atividades da sua área de atuação; participar na instrução de seu contingente; solucionar dúvidas, conflitos e ocorrências; executar rondas periódicas nos postos, em próprios ou bens do município, na área de sua jurisdição; e prestar assistência ao comando nas ações de sua divisão.

Ao guarda civil municipal nível III cabe distribuir as tarefas, ordens e serviços aos integrantes do nível II; executar o serviço de ronda nos postos de proteção ao patrimônio da cidade; e orientar e fiscalizar os guardas subordinados nas situações decorrentes do serviço.

Cabe ao guarda civil municipal nível II distribuir as ordens e serviços aos guardas civis municipais; executar as rondas aos postos de serviço; orientar e fiscalizar a atuação dos guardas civis municipais; inspecionar a guarda quanto à apresentação individual; corrigir suas atitudes ao executar as atribuições, intermediando-os e apoiando-os. Por fim, orientar os guardas civis municipais solucionando situações decorrentes em serviços.

As atribuições do guarda civil municipal nível I são: executar policiamento ostensivo, preventivo, uniformizado e ar-





Guardas municipais de trânsito. Foram identificados: Reny Zonconato (inspetor), Rubens de Jesus Gomes, Augusto da Silva, Jairo Jesus Gomes, Artur Petta, Hermes Fonseca, Manoel Oliveira, André Gomes, José Antonio dos Santos e Alcides Foriam. O chefe do Serviço Municipal de Trânsito era Raimundo da Cunha Leite. Foto da década de 1960



Veículo Rural Willys que compunha a frota da Polícia Municipal de São Caetano do Sul em foto de 1960

mado junto aos bens e serviços do município; executar atividades de orientação, fiscalização e controle de tráfego e do trânsito; colaborar com os órgãos públicos das atividades pertinentes nos limites e nas condições da legislação vigente; executar as atividades de segurança escolar e comunitária nas escolas e próprios municipais; e executar, em ocasiões especiais, a atividade ornamental.

Canil da GCM: 20 anos de apoio canino antidrogas - Criado pelo decreto nº 8.798, de 19 de novembro de 2003, o canil da Guarda Civil Municipal está sediado desde 2013 nas instalações da Avenida Guido Aliberti, nº 20, pertinho da saída de São Caetano do Sul. Ali estão hoje 13 cães, sendo duas fêmeas. A maioria pertencente à raça pastor-belga-malinois e só um pastor-alemão. Para conhecer mais de perto a história destes 20 anos do canil, a revista *Raízes* entrevistou o encarregado por esse serviço, GCM 1ª Classe Alexandre Cortez.

Interessante registrar que, mesmo antes da criação do canil da GCM, já havia ocorrido uma primeira experiência com os cachorros, que relataremos adiante. Cortez, que, pela segunda vez, responde pelo canil, recorda que, ao ser criado esse serviço, a prefeitura comprou dez cachorros. Atualmente, essa renovação acontece com os próprios filho-



Arquivo/FMNSCS

tes. O adestramento deles começa aos três meses, e, após dois anos de treinamento e já com o tamanho adulto, passam à ação junto aos guardas civis municipais.

Os cães são levados à aposentadoria após 8, no máximo 9 anos de idade. A prioridade para adotá-los é do seu condutor, depois, da corporação e, por fim, são oferecidos para a população, mas sempre seguindo os requisitos exigidos pelos órgãos que cuidam de animais.

A GCM de São Caetano do Sul foi a segunda a implantar esse tipo de serviço. A primeira foi a do município de São Paulo, que, aliás, passou toda a experiência para nossa cidade. Hoje, a Guarda Civil Municipal de São Caetano é que exporta seu

conhecimento. São várias as cidades, como São Vicente, que buscaram aqui a prática que tem alcançado tanto sucesso. Na unidade de São Caetano, já aconteceram dois cursos certificando não só guardas civis como agentes da Polícia Militar e da Rodoviária Federal de vários municípios do Estado de São Paulo.

Os cães são treinados para participar do patrulhamento do dia a dia, quer em ação preventiva, quer ostensiva, ao lado de equipe técnica especializada para detecção de faro em busca de drogas escondidas. No momento, 12 GCMs atuam nesse trabalho e respondem pela manutenção do treinamento de forma diária.

As escolas, centros de terceira idade e demais entidades da

Integração e atualização constante: guardas civis municipais e integrantes da defesa civil participam de curso ministrado pelo grupamento de bombeiros. Foto de 2009

cidade podem contatar o canil municipal e agendar visitas monitoradas com demonstrações do potencial desses cães.

Primeira experiência com o canil foi em 1992 - São Caetano do Sul já tinha tido uma experiência com o canil da Guarda Municipal. Pelo decreto nº 6.926, de 24 de novembro de 1992, ficamos sabendo que o município recebeu em doação 12 cachorros. Para saber mais sobre esse fato, entrevistamos o GCM Wilson Caboclo, que está na prefeitura desde 1988. Ele recorda que a Guarda tinha

Trailer da Guarda Civil Municipal em foto de 13 de junho de 2000



Acervo/FPMSCS

Cerimônia de formatura da Guarda Civil Municipal, realizada em 12 de maio de 2000



Acervo/FPMSCS



sendo extinta pelo prefeito Walter Braido durante o seu mandato de 1983 a 1988, que criara no seu lugar o serviço de vigilância.

Quando Luiz Tortorello assumiu a prefeitura, para o mandato de 1989 até 1992, recriou a Guarda Municipal e montou a primeira experiência do canil. Para tanto, contratou o adestrador Tchang, que conseguiu a doação dos 12 cães da raça capa preta, conforme vimos no decreto acima. Para comandar a corporação, Tortorello nomeou, inicialmente, para chefe Clóvis de Deus Carvalho e, depois, tenente Silvino Fiorio Neto.

O GCM Wilson Caboclo também recorda que a missão da Guarda Municipal era a de

A Guarda Civil Municipal em um evento festivo na cidade



Membros da Guarda Civil Municipal em evento e data não identificados

fiscalizar e vigiar os próprios municipais e as escolas. Já o canil, tinha 12 guardas, com cada um ficando responsável por dois cães, o que ele mais gostava era do Tutu. Eles faziam apresentações, participavam de competições estaduais e, principalmente, agiam no Estádio Anacleto Campanella nos dias de jogos da A.D. São Caetano, período de glória do Azulão. Além de Caboclo, os outros guardas com essa missão eram: Leonardo, Ari, Daniel Felipe e Wellington.

Com a entrada do governo do prefeito Antônio José Dall'Anese (1993), o canil foi desativado e só retornou em novembro de 2003, na terceira administração do prefeito Luiz Olinto Tortorello.

Novo Estatuto da GCM já é realidade - Aguardada com ansiedade pela corporação da Guarda Civil Municipal, a readequação do Estatuto da GCM (instituído pela lei nº 5.000, de 18 de maio de 2011) visa, acima de tudo, à valorização profissional. Os projetos de lei enviados pelo chefe do Executivo, José Auricchio Júnior, e aprovados pela Câmara Municipal no dia 19 de setembro de 2023 trazem no seu bojo a nova progressão de carreira dos servidores; o aumento do vale-refeição da Guarda; e as bonificações para profissionais das forças de segurança (GCMs, policiais civis e militares e bombeiros que atuam em São



A GCM em um desfile de 7 de Setembro



Os cães em uma das apresentações para a comunidade

Caetano) e para a Tropa Especial da Guarda Municipal.

Na mesma data, os vereadores também aprovaram mais dois projetos voltados para o efetivo da segurança da cidade, ambos do Executivo municipal: o projeto que autoriza a prefeitura a conceder bonificação por resultado aos policiais militares, civis e do Corpo de

Bombeiros, pertencentes aos efetivos das unidades sediadas em São Caetano do Sul, e o que altera a lei nº 5.087, de 29 de junho de 2012, que institui a gratificação pelo exercício de atividade operacional diferenciada de segurança, em situações ou eventos especiais, aos guardas civis municipais e aos agentes de trânsito da cidade. ■



GCM 1ª Classe Vanessa
Herrera Pacheco

A primeira – e, até agora, única – mulher a comandar a GCM de São Caetano do Sul

A Guarda Civil Municipal de São Caetano do Sul já teve uma mulher no seu comando. É a GCM 1ª Classe Vanessa Herrera Pacheco, que, aliás, pertence à primeira turma feminina e que participou do concurso realizado em 1999. Na sequência, segue a entrevista em que narra sua história.

R O que a motivou a entrar para a GCM de São Caetano do Sul? Quando foi?

Meus pais estavam separados. Eu e meu irmão, ambos desempregados, vivíamos com minha mãe. Na época, era atleta e fazia faculdade, e minhas amigas vieram me contar que a prefeitura de São Caetano tinha aberto concurso para a guarda municipal feminina. Nem fazia ideia do que era, pensava que fosse algo dos Patrulheiros Mirins, mas me inscrevi e passei no concurso. Das 3.500 candidatas, 50 foram chamadas e eu estava nesse grupo. Foi na apresentação que descobri que usaríamos farda e até armamento. Fiquei superfeliz com essa descoberta, já que meu pai, hoje falecido, pertencia à carreira militar. Isso aconteceu no ano de 1999. Das 50 dessa primeira turma, somos hoje só 22.

R Teve uma questão de emancipação por causa da sua idade, não foi? Conta essa história.

Durante o processo de inscrição para o concurso, descobri que era necessário ter, no mínimo, 21 anos para participar, e eu só tinha 20. Liguei para a coordenação e me contaram que, sem os 21 anos, só poderia participar se fosse casada ou emancipada. Conversei com meus pais, e eles concordaram em conceder a emancipação. Com esse documento, fiz a inscrição e participei do concurso. Lembro que, com muita dedicação, passei em todas as etapas e, quando estava fazendo a prova física, machuquei meu joelho e não queriam deixar eu continuar, mas exigi fazer mesmo assim. Já estavam para me levar ao pronto-socorro, mas corri e, mesmo com muita dor, completei a prova e me gabaritei com sucesso entre as 50 aprovadas. Só que, quando me apresentei, a funcionária se recusou a efetuar a inscrição, pela idade e por não aceitar minha compro-

vação de emancipada. Cheguei em casa chorando, mas meu pai disse para ficar calma, que eles teriam que reconhecer o documento. E foi o que aconteceu. Quinze dias depois, veio a convocação oficial.

R **Quais cargos já ocupou? Quais foram essas missões? E hoje?**

Em 1999, entrei como GCM 3ª Classe. Quando abriu o concurso, passei para a GCM 2ª Classe e, quando abriu o novo concurso, me candidatei e passei para a GCM 1ª Classe. Já fui chefe da equipe de motos, a Rotam (Rondas Táticas com Apoio de Motocicletas), chefe da inspetoria Romu (Rondas Municipais), supervisora de plantão, subcomandante e comandante da Guarda Civil Municipal. Desde 2019, respondo pela chefia da Divisão Operacional (Doper). Participei de vários concursos sempre com excelentes resultados, como o realizado pela Garra, quando, entre 22 homens, conquistei a segunda colocação.

R **Quais os fatos que mais te marcaram nesta caminhada?**

As ocorrências em si sempre deixam marcas, claro que a primeira prisão de um bandido armado é algo que nos marca para sempre. No dia a dia, se destaca a adrenalina, que é alta quando temos de pilotar a moto ao mesmo tempo que estamos falando pelo rádio, seguindo em alta velocidade em uma perseguição e preocupada com a nossa segurança e da população. Em nossa profissão esses são sempre momentos que ficam muito marcados. E, depois, nem tudo são só alegrias. Neste período, também vivi muita tristeza, como quando perdi meu parceiro de trabalho, inclusive em rondas noturnas. Foi em um acidente em casa que o GCM Vasconcelos perdeu a vida. Um outro momento de muita tristeza para mim foi a perda da GCM Iara, vítima de uma tentativa de roubo que resultou em um assassinato por estar uniformizada.

R **Apuramos que é uma excelente piloto de moto patrulha. Fale dessa experiência.**

Na verdade, eu nunca pensei em atuar na guarda pilotando moto. É que, na ocasião, tinha acabado de tirar a habilitação e, como essa informação valia na pontuação, eu informei e, com isso, acabei indo para a equipe de motos. Interessante que, eu que não queria entrar, depois não queria mais sair. Amei a experiência. Lembro que, no primeiro exame, não tinha ido muito bem, mas, ao refazer, um mês depois, o resultado ficou na margem do excelente. Costumo dizer que devo muito ao chefe da equipe de trânsito na época, o GCM Edemir. Ele passava orientação, dava dicas, fazia a gente enfrentar desafios como subir e descer escadas com a moto. Realmente devo muito a ele pela experiência que adquiri. Hoje também sou instrutora de motos, e temos feito ações de pilotagem segura também de forma externa.

R **O que representa em sua carreira ser a primeira mulher a assumir o comando da GCM?**

O período em que assumi como subcomandante e comandante abrangeu dois anos. Foi entre 2015 e 2016. Sem dúvida, essas nomeações vão ficar na minha história. Essa oportunidade ficará registrada para sempre. Sinto-me realizada por ter dado essa alegria ao meu pai, que acompanhou minha nomeação, assistiu à minha posse antes de falecer. Claro que também tem o outro lado. Infelizmente, ainda vivemos num mundo muito machista. Não foi fácil aquele período. Muitos não aceitam, não acreditam na capacidade feminina. Mas eu galguei degrau por degrau, foi tudo graças ao meu esforço e dedicação. Sinto muito orgulho de tudo que conquistei.

Viatura da Guarda Civil Municipal (as últimas renovações da frota aconteceram em 2022 e 2023) na entrada da sede da corporação, localizada na Avenida Fernando Simonsen, nº 160, desde 2012



Comandantes da Guarda Civil Municipal de São Caetano do Sul

Estiveram à frente das corporações, independentemente da denominação que tiveram em cada período, os seguintes comandantes:

Arnaldo Belo Galvão
 Raimundo da Cunha Leite
 Lauriston Garcia
 Cel. Juventino Borges
 José Antônio Campiotti
 Tenente José Pereira Novaes
 Edson Alves de Oliveira
 Raymundo Vandir José Della Negra
 Clovis de Deus Carvalho
 Tenente Silvino Fiorio Neto
 Tenente Nelson Veiga
 Kevork Hadjnlian
 Tenente Alírio França Vilas Boas
 Salum Kalil Neto
 Tenente Balbo Santarelli
 Gilberto Motta Correa
 GCM 1ª Classe Lourival dos Santos Silva
 Major Carlos Augusto da Silva
 GCM 1ª Classe Douglas Bispo da Silva
 Alexandre Tucillo
 GCM 1ª Classe Vanessa Herrera Pacheco
 GCM 1ª Classe Lourival dos Santos Silva
 GCM 1ª Classe Claudinei da Silva Magalhães
 GCM 1ª Classe Douglas Bispo da Silva



A Guarda Civil Municipal utiliza imagens de câmeras de videomonitoramento do CGE (Centro de Gerenciamento de Emergências), inaugurado em 2019, para auxiliar no patrulhamento virtual

Datas e fatos importantes para a Guarda Civil Municipal

- **Doação de 12 cachorros para a GCM**
Decreto nº 6.926, de 24 de novembro de 1992
- **Regulamentação do uniforme da corporação**
Decreto nº 7.022, de 14 de abril de 1993
- **Criação da Medalha de Honra ao Mérito da GCM**
Lei nº 3.985, de 11 de setembro de 2001
- **Criação do Canil da Guarda Civil Municipal**
Decreto nº 8.798, de 19 de novembro de 2003
- **Instituição do Novo Estatuto da Guarda Civil Municipal**
Lei nº 5.000, de 18 de maio de 2011
Lei complementar de nº 31, de 3 de outubro de 2023
- **Instituição do Dia da Guarda Civil Municipal**
Lei nº 5.750, de 18 de junho de 2019

Humberto Domingos Pastore é jornalista, teólogo e pós-graduado em Docência em Ensino Superior. É supervisor do Museu Histórico Municipal, mantido pela Fundação Pró-Memória.

Poder e memória: o caso da Árvore das Lágrimas

☰ André Aparecido Bezerra Chaves

“O que é uma lágrima?
A ciência dar-nos-á
uma explicação positiva;
a poesia dirá que é o soro da alma,
a linguagem do coração.
Bem pouco avulta
essa leve gota de humor
que os olhos vertem
por alguma causa física ou moral.
É nada e é tudo;
para os ânimos práticos
é um sinal de fraqueza;
para os corações sensíveis
é um objeto de respeito,
uma causa de simpatia.”

Joaquim Maria Machado de Assis, *Jornal das Famílias* (1867) ¹

NA EPÍGRAFE, O IMORTAL-FUNDADOR DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS indica duas possibilidades – díspares, senão antagônicas – para entendimento de um fenômeno orgânico humano: a lágrima, segundo os cientistas fisiologistas (positivo, circunspecto na racionalidade conceitual e experimental do fenômeno) ou de acordo com os artistas poetas (soberano, liberto na expressão emocional, mesmo no uso dos procedimentos que a linguagem formal exige).

Passados os tempos, incontáveis cabeças pensantes se debruçaram sobre o tema, e as respostas se multiplicaram. Entre inúmeras surgidas, é estimulante compreender a lágrima conforme oportuna explicação contemporânea que transita entre as duas possibilidades cêntuplas.

Ela confirma que a lágrima de natureza humana pode se manifestar de três maneiras: lágrima basal, cuja função principal é lubrificar o globo ocular para que não resseque; lágrima reflexiva, quando o corpo responde a uma investida externa como um cisco ou o ácido sulfínico que emana da cebola cortada; lágrima psíquica, ativada quando se manifestam emoções de variadas causas e magnitudes, especialmente as intensas. Nesta, a

sentar pontos de vista diferentes sobre o fenômeno social que gerou as permanências psíquicas.

A memória coletiva ou social torna-se objeto do cientista em História Social quando o número de indivíduos do grupo se amplia para uma sociedade inteira ou parte profusa dela, vinculada à necessidade de se manter uma tradição ou constituir uma identidade. No caso ora tratado, a memória coletiva ou social está relacionada à cultura da civilização ocidental europeia à qual pertencemos, não se adequam os povos que possuem outras tradições culturais e valorizam ou possuem apenas linguagem oral a exemplo de inúmeras etnias da África, Oceania e em modelos pontuais na Ásia e América.

Nessa cultura na qual estamos envolvidos, porém, a memória coletiva ou social não deve ser entendida tão somente como o triunfo da identidade ou da tradição, ela precisa ser identificada como um objeto e/ou instrumento de poder⁶. Seja o Estado, seja um indivíduo e/ou classe social detentora do poder político, econômico, social ou cultural – neste caso podem ser incluídas as universidades, os museus, entre outras instituições – constrói um discurso e edifica uma memória coletiva ou social (escrita; edificada em pedra, metal, vidro, madeira ou outra matéria-prima; cercada ou protegida de grades, vidros, acrílicos ou outro anteparo de segurança)

como empenho para se manter, legitimar e consolidar o poder; a memória social ou coletiva é transformada em um instituto oficial⁷. Por outro lado, esse poder também tem a força de promover o esquecimento quando a memória se opõe ao seu projeto.

O historiador tem, portanto, autoridade e responsabilidade nessa decisão: por ser carregada de ideologia e convicção moral e ética, sua análise ou narrativa pretende criar um discurso científico – lógico e metodológico – que preserva e legitima ou critica e propõe reestruturações às mais variadas formas de poder⁸.

Mergulhados no mundo da globalização do capitalismo cuja estrutura tecnológica movimenta informações em quantidades e velocidades inéditas na História, a formação e o trabalho perito do historiador (em especial do cientista acadêmico) precisam estabelecer vigorosa interação entre suas escolhas teóricas e metodológicas específicas e outras ciências sociais e a Filosofia, somada ao cuidado de refletir profundamente sobre os dados das fontes históricas escolhidas e a construção do texto, porque o modo como os espaços sociais e culturais promovem interação entre os agentes históricos, que se apresentam como novos objetos e púberes arranjos de poder, pode eclipsar e tornar limitado o produto da ciência do homem no tempo⁹.

Constantemente nos deparamos com objetos inusitados que cativam o historiador e o estimulam no exercício de compreender a memória, a História e o esquecimento. É o caso da *Árvore das Lágrimas*, monumento natural com importante legado histórico, localizado no Bairro do Sacomã, na cidade de São Paulo.

Como ponto de partida, busquemos compreender a origem da memória coletiva ou social em torno desse espécime¹⁰. Como fonte histórica célebre que o menciona, tem-se a narrativa de viagem do jornalista e escritor português (naturalizado brasileiro em 1856) Augusto Emílio Zaluar (1826 – 1882), editada pela primeira vez em 1862. Vindo do Rio de Janeiro (capital do Império do Brasil), transitou por vários povoados e cidades da província de São Paulo entre 1860 e 1861.

No capítulo *Porto de Santos*, com a intenção de registrar o deslocamento de São Paulo para a cidade do mais importante porto paulista, o noticiário descreveu o trajeto do Caminho do Mar. Em sentido sudeste, chegou à “campina” do Ipiranga e criticou a indiferença da elite político-econômica e do Estado que ela rege – responsáveis pela guarda oficial da memória política na época¹¹ – pela ausência de quaisquer monumentos responsáveis por oferecer referência e memória ao que considerava importante evento histórico transcorrido no lugar¹²:

Para quem sobe de São Paulo pela estrada de Santos, depois de haver deixado o pitoresco sítio da Gloria, celebre por uma casa que se vê distante do caminho e pelo echo que ahi de desafia nas bellas noites de luar, o primeiro objecto digno de attenção que encontra é, a pouco mais de uma legua da cidade um lugar esteril, abandonado e ermo, onde apenas crescem algumas hervas rasteiras, e arbustos enfezados, por entre os quaes, serpeia o triste arroio, e onde imperão o silencio. Este lugar chama-se a campina do Ypiranga! Não ha ahi um monumento uma coluna, uma pedra, uma estaca ao menos que indique ao passante ser esse o átrio onde se consummou o facto mais brilhante da historia nacional, e onde se gravou a data immortal da independencia de um povo!

Quando passámos nesse sítio, lembrám-nos a soberba apostrophe de Garret no seu grande poema *Camões*, e seguimos nosso caminho repetindo mentalmente esses dous versos:

Nem o humilde lugar onde repousão

As cinzas de Camões conhece o luso!¹³

Logo depois, o intelectual teve o ânimo invertido: identificou e se sensibilizou com o que seria um ponto eleito pela população como marco onde famílias moradoras do planalto se despediam dos parentes, amigos, estudantes da Academia de Direito de São Paulo, viajantes ou hóspedes que seguiriam para o litoral ou os reencontravam no retorno:

Pouco mais adiante de Ipyranga encontra-se uma bellissima figueira brava, cujos galhos, bracejando em sanefas de verdura, formão um docel em toda a largura da estrada. É este o sítio das despedidas saudosas. Aquí vem abraçar-se e jurar eterna amizade aquelles que se separão, para em opostas direcções da estrada seguirem depois, e quantas vezes na vida, um caminho e um destino tambem diversos.

É conhecida essa figueira pelo poetico nome de *Arvore das Lagrimas*.

É tão doce a frescura que exhala, tão suave a sombra que projecta, que muitas vezes o corpo fatigado do viajante pelo calor d'esses descampados, deita-se e adormece ao suspirar do vento que susurra na ramagem, e ao canto do solitario de algum sabiá namorado que desfere nas azas da viração as endechas sentidas de suas canções amorosas!

Ao lado d'essa arvore fica um rancho de tropeiros, onde tambem se abrigão e descansão muitas vezes as pessoas que transitão por estas paragens.

Continuando a seguir pela estrada de Santos, encontrão-se os seguintes pousos: S. Bernardo, que é uma pequena povoação adornada de uma igreja; o Ponto Alto, o Rio Grande, Caveiras, o Zanzallar, Rio das Pedras, e finalmente o Alto da Serra e a Cachoeira¹⁴.

Na forma como a narrativa foi apresentada, a attenção do cronista é considerar a existência do “rancho de tropeiros”¹⁵ e da *Árvore das Lágrimas*, de maneira inusitada à época: aquele como suporte na logística das actividades económicas; esta como monumento, sem pedra nem metal, apenas natural, adotado pelos próprios paulistas (e não pelo poder político-económico e pelo Estado!) ao confirmar a existência do costume herdado dos séculos coloniais entre eles¹⁶. Seria longa tradição popular caracterizada pela referência geográfica espacial da dita planta (ponto final da vila de São Paulo e início de uma das mais movimentadas estradas que seguiam ao litoral) e pelo apelo sentimental ou fraterno que nela depositavam, manifestação emocional entre entes benquistos que se separavam ou se uniam.

Com o desenvolvimento da economia capitalista na província de São Paulo, a vila de São Paulo de Piratininga ganhou dimensões de cidade. O crescimento populacional e a ampliação do espaço físico de São Paulo coincidiram com o surgimento dos negócios que gravitavam a cafeicultura (transporte, manufaturas, indústrias, comércio, etc), com a tecnologia de construção (a taipa foi substituída pelo tijolo e aço; depois, veio o concreto) e com a

A "ARVORE DAS LAGRIMAS"

FOI DOADA AO MUNICIPIO UMA PARTE DO TERRENO ONDE SE ERGUE A ARVORE TRADICIONAL — A PREFEITURA MUNICIPAL TOMOU A SEU CARIUO A CONSERVAÇÃO DA VELHA PLANTA

A alguns kilometros da cidade, na encosta da collina em que se assenta o monumento commemorativo da nossa independencia, uma arvore antiga existe, depositaria de muitas recordações e digna do nosso carinho: é aquella figueira brava, a cuja sombra recobravam animo para a arriscada travessia da serra os que demandavam o litoral, pela unica estrada que então existia ligando-nos a Santos.

Quem quer que se recorde da Paulicéa de algumas dezenas de annos atrás ha de lembrar-se della com saudades. A "Arvore das Lagrimas", como romanticamente se convençionou chamal-a, foi testemunha das mais commovedoras scenas.

A "Arvor das Lagrimas", não obstante o builtio que fala ao coração dos paulistas, tinha estado até hoje mais ou menos abandonada. Tão abandonada, que em 1909 uma alma caridosa se lembrou de chamar para ella a attenção da imprensa, levando e visital-a um dos novos compenheiros de trabalho. Já então não era a mesma dos tempos em que sob a sua frondosa copa, entre souagos e prantos os que partiam para defender a patria na guerra do Paraguay se despediam dos parentes que ficavam, ignorando o que ella significava na sua respeitavel velhice, haviam-lhe decepado a golpes de machado a frondosa copa. Diasmos no dia seguinte, a má impressão da visita, e lembramos á municipalidade a necessidade de proteger aquella arvore, tão cara aos nossos corações.

As nossas palavras foram ouvidas. Varios discursos se fizeram na Camara, recordando as commovedoras scenas de outrora, testemunhadas pela figueira e pedindo para ella um pouco de pedado. Entretanto, não se sabe prque, os discursos se perderam no recinto em que foram pronuciados, como coisas multi lindas, mas... romanticas. E a depositaria de tantas tradições se continuou, lembrada de quando em quando pelos que a amavam, e de continuo cobizada pelas lenheiros, que a viam com os restos de galhós, capazes de produzir lume.

"necessidade ideológica de criar um passado que justificasse o presente pujante e poderoso, econômica e politicamente"¹⁷.

As obras da ferrovia pioneira a fazer ligação entre a costa marinha e o planalto, a São Paulo Railway (SPR), foram iniciadas em 1860; a inauguração aconteceu em 1867. Possuía inicialmente quatro pontos de parada: Estação de Santos, no Bairro do Varlongo; Parada da Vila de Paranapiacaba, no alto da Serra do Mar; Estação de São Paulo (que, após algumas reconstruções, recebeu o nome de Estação da Luz, em 1901) e a Estação de Jundiaí. Construída inicialmente com foco em transportar a produção cafeeira do interior do Estado de São Paulo, que se tornava a principal província produtora e exportadora dessa *commodity*, ao porto de Santos, principal escoadouro do produto para o mercado internacional, em poucos anos passou a servir também como transporte de passageiros. Doravante, passou-se a preferir esse tipo de transporte, e as pessoas passaram a amargar despedidas ou felicitarem-se com encontros nas estações¹⁸.

Não tardou também para que a elite político-econômica paulista, com alguma ingerência do governo imperial, se encarregasse da construção de monumentos na região do Ipiranga que produziriam a memória da Independência. O projeto se arrastava desde 1823, quando Dom Pedro I concedeu licença para a construção de um monumento em homenagem à Independência do Brasil, a pedido de Antônio da Silva Prado (1778 – 1875), futuro Barão de Iguape. Porém, em 1876, já no Segundo Império, foi organizada pelo governo da província uma Comissão Provincial do Monumento do Ipiranga, que promoveu o primeiro

Notícia da doação do terreno onde fica localizada a Árvore das Lágrimas para a prefeitura de São Paulo, publicada em 9 de junho de 1920 no jornal *O Estado de S. Paulo*

concurso para escolha de um projeto, mas os resultados não agradaram; em 1884, houve o segundo concurso, mas os indicados não foram aceitos pelo Governo Imperial. No ano seguinte, o projeto de Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844 – 1915) foi escolhido por influência do Imperador Dom Pedro II e de José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco (1819 – 1880); iniciaram-se rapidamente as obras de construção, concluídas após cinco anos, já na República¹⁹. O local onde foi construído ficava às margens do Caminho do Mar, próximo ao Riacho Ipiranga, e apenas poucas casas rurais se avizinhavam²⁰, embora não representasse com exatidão o ponto geográfico onde o príncipe regente decidira pela emancipação em 1822. Chamou-se Museu de História Natural, marco representativo da Independência, da História do Brasil e paulista, mas era conhecido mesmo por Monumento do Ipiranga. Somente para o Centenário da Independência, em 1922, foi reforçado o caráter histórico da instituição, que ficou popularmente conhecida como Museu do Ipiranga (ainda que seu nome oficial tenha mudado para Museu Paulista), mesmo ano em que foi inaugurado, ainda que inacabado, o Monumento da Independência²¹.

Acompanhando as metamorfoses dos espaços da periferia (das fábricas e dos trabalhadores) e de centro (ocupado pelas elites político-econômicas) que ocorriam nas cidades industriais do velho continente²², a cidade de São Paulo viu se erguerem bairros industriais com residências comedidas para as classes sociais de baixa renda (Ipiranga, Cambuci, Mooca, Brás, Pari, Luz, Bom Retiro, Barra Funda, Água Branca, Lapa) e bairros residenciais e de infraestrutura - do saneamento básico à cultura - (Santa Ifigênia, Campos Elísios, Consolação, Liberdade e Vila Mariana)²³. Ligando todos eles, em relevo repleto de colinas, pontes e viadutos; bondes para o transporte dos trabalhadores; carros para os ricos²⁴.

Diante dessas mudanças urbanas decorrentes da dinâmica capitalista na cidade de São Paulo, o Estado optou por valorizar os monumentos relacionados à Independência do Brasil no Bairro do Ipiranga por ele construído e em detrimento da Árvore das Lágrimas, que perdeu importância na vida cultural paulistana e passou gradativamente para as valências da memória popular.

A fim de usar o terreno com propósitos mais pragmáticos (seja para venda, seja para a construção de moradia ou pré-

dio para exploração de atividade econômica), o proprietário da área onde fica a Árvore das Lágrimas pretendeu derrubá-la. Ao cobrir o assunto em 1909, o jornal *O Estado de São Paulo* posicionou-se contra as intenções do proprietário, gerou relevante opinião pública e pressionou as autoridades municipais para que intervissem. O titular da prefeitura de São Paulo, Antônio da Silva Prado (1840 – 1929), resolveu a contenda negociando a transição da propriedade da área à municipalidade²⁵.

Diante da efervescência da classe obreira resultante das crises econômicas e da exploração do trabalho ao longo da década de 1910, que culminou com as Greves Gerais de 1917, o Estado tentou valorizar o nacionalismo (entusiasmo que procura tornar homogênea a sociedade dividida socioeconomicamente por meio do conceito de “povo”), e a Árvore das Lágrimas foi lembrada. Em 1920, enquanto promovia as comemorações do Centenário da Independência, o então prefeito da cidade de São Paulo, Firmiano de Moraes Pinto (1861 – 1938), determinou a construção de uma mureta com grades e, para reconhecer a importância histórica da árvore, fixou uma placa de bronze com um poema do político e historiador Eugênio Egas (1863 – 1956):

Sou a Árvore das Lágrimas e das Saudades.
Sob minha sombra, corações sem número separam-se afflictos.
Aqui as acadêmicas, portadoras de saber, confiantes, voaram para a vida.
Represento passado glorioso.
Recordo suaves tradições da brumosa pauliceia.
Vi e admirei, hei de ver e admirar a vertiginosa marcha triunfal do
progresso paulistano
Viandante que me contempla, descobre-te²⁶.

Passadas as festividades, o Movimento Tenentista se radicalizou em São Paulo, o que levou à Revolução Paulista de 5 a 28 de julho de 1924, conflitos armados que geraram destruições e mortes. Preocupados com a reconstrução e investimentos que amenizassem a tensão que existia entre os municípios e o Estado, os ocupantes do poder político na esfera estadual mudaram de posição em relação à valorização da memória da Árvore das Lágrimas em curto espaço de tempo. Na reportagem *A árvore das lágrimas* do jornal *Folha da Noite*, publicada em 23 de junho de 1928, assinada por Manuel Victor, após fazer discreto, mas sentimental, histórico de sua importância para a sociedade paulista, já se apontava a falta de interesse da comunidade próxima e do Estado no tocante à sua manutenção ou promoção enquanto monumento:

Hoje, a árvore, testemunha verde de todos os adeuses e de todos os
soluções que sua sombra acolheu, lá está agonizando também.
Árvore de lágrimas, vive a chorar pela consumação das próprias
folhas que lhe abandonaram a espaços galhos tropegos.
Chora ella também pelos homens pigmeus, ella, árvore-mãe,
“edificante exemplo das energias immortaes da terra”, chora pelas
suas folhas de outomno, a saudade da vida que se esvaé, a saudade
da sombra... a saudade do fructo...²⁷

A relação do Estado com a memória da Árvore das Lágrimas parece ter ficado inalterada por mais duas décadas. A crise econômica internacional de 1929 chegou velozmente ao Brasil, atingiu a economia cafeeira e, por conseguinte, todos os setores a ela relacionados. Após perder o poder no governo federal durante a Revolução de 1930, a elite política paulista levou o Estado à guerra civil, que ficou conhecida como Revolução Constitucionalista de 1932. Mais uma vez, os objetivos do governo estadual esta-

vam voltados a acalantar conflitos sociais.

Após a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o país passou por um ciclo de desenvolvimento econômico que terminou em meados do decênio seguinte²⁸. Em meio à crise, foi necessário encontrar esperança e, mais uma vez, evitar embates de classe. O modelo de desenvolvimento do capitalismo paulista precisava de um marco simbólico que homogeneizasse as classes sociais da capital e do Estado, bem como sustentasse a imagem de São Paulo como padrão para o país. Assim, as elites paulistas vislumbaram o IV Centenário da Cidade de São Paulo. Eventos de natureza performática foram promovidos em várias áreas como inaugurações de monumentos, apresentação de música, dança e teatro, encontros e congressos, exposições em museus e promoção de roteiros turísticos cheios de marcos históricos²⁹. Neste contexto, foi lembrada a Árvore das Lágrimas.

Por conta disso, dois anos antes do ponto maior das festividades, no Dia da Árvore (21 de setembro de 1952), a Sociedade Geográfica Brasileira instalou no próprio tronco do espécime uma pequena placa de bronze com os seguintes dizeres do poeta português Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850 – 1923):

Essa árvore não pode ser tocada. Foi semente, embrião de monstro. Alma latente, na terra a germinar. Aspirando num sonho obscuro, vagamente, ao infinito, à Vida, à Luz Vermelha, ao Ar³⁰.

Com o crescimento da cidade de São Paulo, o traçado do Caminho do Mar foi integrado gradativamente à malha viária urbana e recebeu o nome de Estrada das Lágrimas, que começa no Bairro

do Sacomã, passa pelo Bairro São João Clímaco e termina em São Caetano do Sul, no ABC Paulista. O terreno onde fica a Árvore das Lágrimas recebeu o número 515. A nova paisagem em asfalto, concreto e veículos com motor à explosão integrou a Árvore das Lágrimas, que ficou mais parecida com um ponto de resistência verde em um quintal comum de um morador conservador que ainda não se rendeu a alguma oferta de construtoras interessadas em empreendimentos lucrativos.

Seguiu contíguo o desenvolvimento da comunidade de Heliópolis, assim batizada porque o terreno onde foi erguida recebeu os primeiros ocupantes em 1972 vindos da cidade de Heliópolis (BA) – migrantes tentavam melhoria na qualidade de vida no Sudeste diante da política recessiva do governo federal – e sem-tetos expulsos pelo poder público municipal das comunidades da Vila Prudente e Vergueiro. A favela adquiriu o estatuto de bairro em 2006, passando a ser chamada Cidade Nova Heliópolis. Décima favela mais populosa do Brasil³¹, algumas políticas públicas de desfavorecimento – em especial organizadas pelo governo municipal em convênio com os governos estadual e federal, com a participação da iniciativa privada em alguns momentos – foram desenvolvidas em Heliópolis, mas a situação está longe do ideal:

muitas famílias ainda vivem sob condições de moradia inadequadas e imorais³². A região ainda é marcada pelo emprego não formal, tráfico de drogas e armas, violência a eles relacionada, assaltos, roubos e latrocínios a pedestres, motoristas e residentes³³.

Em dezembro 1988, o governo do Estado de São Paulo (sob o comando de Orestes Quercia - 1938 – 2010) e a prefeitura da cidade de São Paulo (regida por Jânio da Silva Quadros - 1917 – 1992), com o intuito de reedificar símbolos históricos que marcassem mais uma vez o modelo paulista para a Nova República, publicam na Série Documentos a *Vegetação Significativa do Município de São Paulo*, em que consta a Árvore das Lágrimas como exemplo de uma das “ocorrências extraordinárias, detectadas e registradas, tanto em propriedades públicas como em particulares, que podem constituir um ponto de referência para a preservação e a propagação dessas espécies”³⁴.

Um ano depois, pelo decreto nº 30.443, de 20 de setembro de 1989, que “considera patrimônio ambiental e declara imunes de corte exemplares arbóreos, situados no Município de São Paulo, e dá outras providências”, a Árvore das Lágrimas foi reconhecida como patrimônio ambiental do Estado de São Paulo, e ficou proibido seu corte por sua *beleza e raridade*³⁵, o que não significou uma ação responsável do Estado

em sua manutenção preventiva e valorização histórica.

Intensificou-se no Brasil o neoliberalismo na década de 1990. O Estado mínimo passou a fazer parte do discurso e das políticas públicas dos detentores do poder político na prefeitura do município de São Paulo. Contudo, esse exercício de poder foi direcionado com maior envergadura para a periferia: as iniciativas e investimentos culturais, educacionais ou preservacionistas nessas regiões urbanas deveriam ser, segundo os donos do poder, conquistados junto a “parcerias” do setor privado.

Ciclos econômicos de ligeiros períodos de crescimento foram sucedidos por longos anos de crise, isso diminuiu não apenas a renda das famílias como também a arrecadação tributária do Estado, o que o fez escolher os setores de atuação junto à população, aumentando a precariedade das áreas periféricas. No mesmo período, quase a totalidade das instituições municipais das áreas nobres continuou a ser bem gerenciada, ou mais, ganhou investimentos. Passaram-se quase três décadas de negligência na manutenção e promoção da Árvore das Lágrimas pelo Estado³⁶.

Ela não foi abraçada apenas pela brutalidade da violência, do esquecimento, da ignorância e da indiferença. Existe a atenção de vizinhos, outros membros da comunidade, imprensa local, entre outras pessoas engajadas³⁷



Imagem disponível em <https://fotosensendia.com.br/fotos/clipart/guerrilha-da-figueira-101625>

que tentam sensibilizar a população e pressionar o Estado para a preservação e promoção do monumento natural e oficial.

Conectados com o mundo que os cerca, o Estado e as elites mais uma vez se conjuminaram para exercer seu poder sobre a memória coletiva e social.

Conforme notícias divulgadas pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP)³⁸, em 10 de agosto de 2017, pelo jornal da Universidade de São Paulo³⁹, em 30 de outubro de 2017, pela revista *Veja São Paulo*, em 11 de agosto de 2017⁴⁰, entre outros veículos de imprensa locais e estaduais⁴¹, com iniciativa do Ateliê Hugo

França, da Cardim Arquitetura Urbanística e do Instituto de Biociências da USP, a *Árvore das Lágrimas* foi alvo de experiência de clonagem: duas mudas assim obtidas em laboratório seriam plantadas nos parques Ibirapuera e Villa-Lobos.

Foi uma parceria selada entre os empresários e Estado. Com recursos oriundos do leilão de uma peça doada pelo artista plástico Hugo França na quarta edição do Design Weekend de 2015, a empresa Cardim Arquitetura Paisagística (com sede no Bairro de Pinheiros), por meio de seu diretor, Ricardo Cardim, entrou em contato com o Instituto de Biociências da USP por

Imagem da demolição do muro histórico que protegia a *Árvore das Lágrimas* há cerca de 100 anos, ocorrida em julho de 2019

intermédio de seu pesquisador André L. W. Santos, do Laboratório de Biologia Celular de Plantas, com o intuito de preservar o que denominaram um “monumento vegetal” da história de São Paulo a partir do plantio de mudas-clones em espaços verdes sob a administração da prefeitura de São Paulo.

Para se entender o cabimento dessa nova empreita, é necessário não apenas analisar a informação explícita, mas também a oculta: que idealismos esse gesto guarda.

O poder político (mais uma vez nas mãos da elite econômica paulista) integrou-se com o projeto neoliberal do Estado mínimo: para evitar oneração com o espaço na periferia, viabilizou outro espaço em áreas verdes de bairros nobres, as quais já são cuidadas com zelo, digo, com investimentos constantes ou progressivos, para assumir de vez a preservação de cópias consideradas “a mesma” *Árvore das Lágrimas* e promoção da memória paulista que ela representa; com sorte, terão pequenas placas explicativas diante de seus troncos fortes porque jovens.

Articulação do idealismo liberal e alienante: afasta-se a *Árvore das Lágrimas*, por meio de seus clones, da periferia de São Paulo, área e cidadãos preteridos da ação do Estado, assim se conjuga “causa nobre” à “área nobre”, e a memória coletiva ou social se desconecta do monumen-

to físico; pode-se desprezar de vez a *Árvore das Lágrimas* original à própria sorte, ou à ação destemida de seus defensores, até que desapareça e o terreno onde está seja aproveitado por iniciativa mais lucrativa; dessa forma, o Estado exime-se de princípios democráticos de zelar pela igualdade social e pelo patrimônio histórico existentes até mesmo na Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988⁴².

O poder econômico representado pelos empresários percebeu a oportunidade de relacionar seu nome à causa virtuosa: uma ação preservacionista em uma época na qual os problemas ambientalistas estão em evidência. Com isso, esperam ter maximização de lucros a partir da aceleração de seus negócios, porque acreditam atrair mais clientes que esperam essa ética da empresa fornecedora de bens e serviços verdes para sua demanda particular.

Observa-se que as cópias da *Árvore das Lágrimas* foram realizadas a partir de avançadas técnicas de clonagem vegetal⁴³, possíveis graças aos atuais estágios de desenvolvimento técnico e tecnológico oriundos de universidades que investem em pesquisas científicas. O poder cultural (do saber científico) serviu-se do princípio de interação com a sociedade para oferecer técnica e tecnologia como ins-

trumentos científicos capazes de trazer resultados positivos para o projeto, bem como justificar a iniciativa. Em uma época em que a sociedade valoriza a tecnologia mais avançada, de ponta, esse método de salvação do exemplar de figueira em questão tornou seus resultados inquestionáveis aos leigos. Contudo, o trabalho científico foi assentado sobre bases éticas e morais que não fugiram ao senso comum: a partir da decisão de aceitar que parte do projeto fosse feito em suas instalações, o Instituto de Biociências da USP não legitimou a “salvação” da *Árvore das Lágrimas* a partir de seus clones plantados em áreas melhor cuidadas pelo Estado, mas validou o idealismo liberal de exclusão da periferia metropolitana por parte dos detentores do poder político.

O poder da comunicação veloz e objetiva dos sites, dos blogs, das redes sociais, enfim, dos meios mais disseminadores de informações na Internet procura manter o teor em várias fontes, o que sacraliza a notícia e a ideologia nela implícita; a impossibilidade de réplica traz consigo a mudez dos insatisfeitos e a aceitação fria dos cidadãos que leem os textos com os olhos do senso comum.

Demonstrou-se que muitas pessoas que detiveram o poder nas suas manifestações políticas, econômicas, sociais

ou culturais na cidade de São Paulo tiveram a pretensão de manter a tutela sobre a memória coletiva ou social, mesmo diante do empenho de cidadãos com outras posições ideológicas, que desejam manter o monumento natural e histórico da Árvore das Lágrimas como autêntica fonte da memória coletiva ou social do Bairro do Sacomã. Memória construída de maneira voluntária, carregada de emoções.

O caso da Árvore das Lágrimas representa a longa permanência da austeridade usada pelo poder em suas várias facetas para se perpetuar ao tentar gerenciar as manifestações da memória coletiva ou social, manipular seu esquecimento utilizando silêncios, discursos racionais e apelos emocionais para manter estruturas de diferenciação socioeconômicas típicas da sociedade capitalista na qual vivemos.

Parece não termos forças para suportar tal perversidade, mas é exatamente na nossa identidade com idealismos humanistas, em diálogos diretos ou a partir de intermediários eletrônicos que nos sensibilizamos, resgatamos memórias de maneira luminar e reconduzimos monumentos ao seu espaço na História. ■

Texto originalmente elaborado como parte do Curso de Extensão Universitária Caminhos do Mar – História, Memória e Ambiente desenvolvido pela Universidade Federal do ABC.


Notas

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. História de uma Lágrima. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000093pdf.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- ROSE-LYNN, Fischer. *The Topography of Tears*. Bellevue Literary Press, New York, 2017, pp. 7 - 8.
- FREUD, Sigmund. *Project for a Scientific Psychology*. University of Florida Press, Flórida, 1950 (1ª Edição em alemão *Entwurf einer Psychologie* de 1895).
- Idem. *A interpretação dos sonhos*. Publifolha, São Paulo, 2010 (1ª Edição em alemão *Die Traumdeutung* de 1899), pp. 14 - 20.
- KAPLAN-SOLMS, Kären & SOLMS, Mark. *Clinical Studies in Neuro-Psychanalysis: An Introduction to Depth Neuro-psychology*. Karnak Books, London, 2000.
- Poder aqui deve ser entendido no sentido que Karl Heinrich Marx (1818 - 1883) lhe atribui: o Estado e as instituições que o representam para legitimar e manter a relação entre dominantes e dominados no capitalismo. MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Editora Boitempo, 2014, pp. 33 - 46.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, pp. 405 - 409; 455 - 457.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a História e o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, pp. 451 - 466.
- GLEZER, Raquel. Ser historiador no século XXI. *Revista Antíteses*, Londrina, Volume 7, Número 14, Julho-Dezembro - 2014, pp. 10 - 19.
- As informações não são concludentes acerca da espécie da Árvore das Lágrimas: a placa colocada ao seu lado por motivo de seu tombamento como Patrimônio Natural do Governo do Estado de São Paulo a apresenta como *Ficus benjamina* originária da Ásia, o que pode ser confundido com um exemplar dessa espécie plantada ao lado da Árvore das Lágrimas na década de 1970; o site do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo a identifica como *Ficus organensis*; já o botânico Ricardo Henrique Cardim afirma que é uma *Ficus globosa*. Importante é saber que as duas últimas espécies eram comuns na Mata Atlântica que cobria o Estado de São Paulo em época pré-cabralina (conforme listagem no **Portal Árvores do Brasil** - arvoresdobrasil.com.br. Disponível em: http://www.arvoresdobrasil.com.br/?pg=lista_especies&botao_pesquisa=1. Acesso em: 30 jun. 2018), o que implica também sua importância como exemplar do ecossistema original da região.
- Mesmo que a Constituição de 1824 fosse unitária e centralizadora, deixando pouca autonomia política e econômica às províncias, as elites político-econômicas tinham grande domínio do Estado local devido à característica censitária do voto e relacionamentos com o poder central; portanto, sua ideologia permearia suas iniciativas. IGLÉSIA, Francisco. *Trajeto Política do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993, pp. 134 - 160.
- Com formação em Portugal e conhecedor da capital do Império do Brasil, o jornalista reconhecia a importância dos monumentos como símbolos da identidade nacional e a responsabilidade das elites políticas em erguê-los e popularizá-los. O sentimento de indignação tornou-se merecedor de nota porque em 1854 a Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprovou a construção de uma estátua equestre de Dom Pedro I na Praça da Constituição (atual Praça Tiradentes) como celebração aos trinta anos de promulgação da primeira Carta Magna do Brasil independente. A estátua (projeto "Independência ou morte" do brasileiro João Maximiano Mafra (1823 - 1908), fundido na França por Louis Rochet (1813 - 1876)) foi inaugurada em 17 de novembro de 1861, embora a população acompanhasse sua construção em função das notícias divulgadas pelos jornais. Portanto, o Estado esquecia o suposto local real do episódio da Independência do Brasil para valorizar o centro real do poder que essa Independência e a Constituição de 1824 representaram.
- ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo 1860 - 1861*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d, p. 314.
- Idem, pp. 314 - 316.
- Também conhecidos nas atuais regiões Sudeste e Sul por carreiros, buaqueiros, arrieiros, eram condutores de tropas de cavalos e muare, contratados por produtores e comerciantes para abastecer os mercados da região, além de conduzir viajantes e pertences. SALVADOR, José Gonçalves. Transportes em São Paulo no Período Colonial (Subsídios para a História de São Paulo). *Revista de História*, São Paulo, Volume 19, Número 34, Editora da Universidade de São Paulo, 1959, pp. 131 - 134.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio, Vida Cotidiana e História da Cidade de São Paulo*. São Caetano, do firm do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Editora Hucitec, 1992, pp. 119 - 120.
- GLEZER, Raquel. As transformações na cidade de São Paulo no final do século XIX e início do século XX. In: *Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo*. São Paulo: Editora Alameda, 2007, pp. 172 - 174.
- ANTUNES, Camila & FERREIRA, Fernanda & PÁSSARO, Thiago. *Entre Trilhos - Uma viagem de histórias pela primeira estrada de ferro paulista, a São Paulo Railway*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2014.
- FLINN, Maria Helena. Concursos públicos para o Monumento do Ipiranga. In: MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de (Org.). *Às margens do Ipiranga 1890 - 1990. Catálogo da Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP*. São Paulo: Edusp, 1990, p. 14.
- FILHO, Nestor Goulart Reis. Sobre o local do Museu do Ipiranga. In: MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de (Org.). *Às margens do Ipiranga 1890 - 1990. Catálogo da Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP*. São Paulo: Edusp, 1990, pp. 24 - 25.
- SEVCENKO, Nicolau. Museu Paulista: História, Mito e Crítica. In: MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de (Org.). *Às margens do Ipiranga 1890 - 1990. Catálogo da Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP*. São Paulo: Edusp, 1990, pp. 22 - 23.
- MUMFORD, Lewis. *A cultura das cidades*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1961, pp. 152 - 181.
- GLEZER, Raquel, op. cit., 2007, pp. 171 - 172.
- CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da. *De Modesta Província a Metrópole do Café. Coleção Nosso Século 1900/1910 - A Era dos Bachareis*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1980, pp. 162 - 189.
- Árvore das Lágrimas. In: **Portal do Ipiranga - Independência ou Morte**. Disponível em: <http://independenciaoumorte.com.br/embrancas/item/71-%C3%A1rvore-das-l%C3%A1grimas.html>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- Idem.
- Folha da Noite (atual Folha de São Paulo), Edição de 23 de junho de 1928, p. 3. In: **Portal da Folha de São Paulo**. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitord?numero=39942&anchor=4677664&origem=busca&pd=033f999a_272a0a6632d4f-1db71b993cb. Acesso em: 30 jun. 2018.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982, pp. 96 - 101, 157 - 163.
- Árvore das Lágrimas. In: **Portal do Ipiranga - Independência ou Morte**. Disponível em: <http://independenciaoumorte.com.br/embrancas/item/71-%C3%A1rvore-das-l%C3%A1grimas.html>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- 41.118 habitantes segundo o Censo de 2010. **Portal do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - censo2010**. ibge.gov.br. Acesso em: 30 jun. 2018.
- MOREIRA, Felipe de Freitas. Heliópolis e a produção municipal de moradias populares em favelas. In: **Anais do XVII ENANPUR - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**. São Paulo, 22 a 26 de maio de 2017, Sessão Temática 5 - Habitação e Produção do Espaço Urbano e Regional, pp. 2 - 22.
- Dados da SSP-SP Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, 95º Distrito Policial - Cohab Heliópolis. **Portal da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo**. Disponível em: <http://www.ssp.sp.gov.br/Estatistica/Mapas.aspx>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- Dados da SSP-SP Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, 95º Distrito Policial - Cohab Heliópolis. **Portal da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo**. Disponível em: <http://www.ssp.sp.gov.br/Estatistica/Mapas.aspx>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- Governo do Estado de São Paulo - Secretaria do Meio Ambiente & Prefeitura do Município de São Paulo - SEMPLA. Secretaria Municipal de Planejamento. **São Paulo - Vegetação Significativa do Município de São Paulo**, 1988.
- Decreto número 30.443 de 20 de setembro de 1989 - Considera patrimônio ambiental e declara imunes de corte exemplares arbóreas, situados no município de São Paulo. In: **Portal da ALESP - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1989/decreto-30443-20.09.1989.html>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- BEDINELLI, Talita. Área da figueira descrita em livro de 1862 vir depósito de entulho. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 set. 2010, p. C10.
- A vizinha Yara Rodrigues Caldas há mais de quatro décadas tem sua residência na Estrada das Lágrimas e é considerada uma das mais insistentes zelantes da Árvore das Lágrimas; o advogado Julio Cesar Sanchez representou a comunidade local em uma Ação Popular junto ao Poder Judiciário que pedia recursos e empenho da prefeitura de São Paulo para a preservação da Árvore das Lágrimas e conservação do entorno em meados de 2018; os jornais locais engajados nessa causa são: *Gazeta do Ipiranga*, *Ipiranga News*, *As Margens do Ipiranga*, *O Patriota*.
- CLONE da árvore mais antiga de SP será plantado no parque do Ibirapuera. In: **Portal do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo**. Disponível em: <http://www.ibusp.br/mais-noticias/2420-clone-da-arvore-mais-antiga-de-sp-sera-plantada-no-parque-do-ibirapuera.html>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- ÁRVORE mais antiga de São Paulo ganha clone no Parque Ibirapuera. In: **Portal Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/arvore-mais-antiga-de-sao-paulo-ganha-clone-no-parque-ibirapuera/>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- Portal da Revista Veja São Paulo** - veja.abril.com.br. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cidades/nova-figueira-das-lagrimas/>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- Portal do Ipiranga** - independenciaoumorte.com.br; **Jornal Folha de São Paulo** - folha.uol.com.br; **Jornal O Estado de São Paulo** - estadao.com.br; **Portal Globo** - G1.Globo.com; **Portal do Governo do Estado de São Paulo** - ambiente.sp.gov.br, entre outros.
- Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural; X - combater as causas da pobreza e os fatores de marginalização, promovendo a integração social dos setores desfavorecidos". **Portal da Câmara dos Deputados** - camara.leg.br. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural; X - combater as causas da pobreza e os fatores de marginalização, promovendo a integração social dos setores desfavorecidos". *Ibidem*.

André Aparecido Bezerra Chaves

é formado em Administração de Empresas, com pós-graduação em Academias de Ginástica. Possui licenciatura, bacharelado e mestrado em História Social e doutorado em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tem especialização em Ética e Filosofia Política, Filosofia da História e História e Literatura pela mesma instituição. É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupando a Cadeira 06.

Há mais de 100 anos tombou o padre Luiz Capra: o primeiro vigário da Paróquia de Santo André, o eterno vigário de São Caetano

 Rodrigo Marzano Munari

NO PRIMEIRO DOMINGO DO ANO DE 1920, desfaleceu no interior da igreja (a atual Paróquia São Caetano, também conhecida como Matriz Velha), tomado por um súbito mal-estar, o padre Luiz Capra, quando se preparava para a missa, costumeiramente celebrada às 9h. Nesse mesmo dia, daria seu último suspiro o sacerdote que tanto havia cativado os corações dos fiéis que frequentavam aquele singelo templo, erguido à custa de muito sacrifício da comunidade. O padre Capra, afinal, tinha vindo preencher uma lacuna muito sentida por aquelas famílias de imigrantes italianos que chegaram a São Caetano em 28 de julho de 1877 e em levas posteriores: o servo de Deus vinha ministrar-lhes os socorros espirituais de forma assídua e zelosa. A sua morte causou geral consternação em São Caetano, “onde os fiéis lhe queriam guardar os despojos venerandos”, e em Santo André, onde seu cadáver foi velado e acompanhado pelo “povo em massa” até o lugar de seu repouso final.¹

A muitas pessoas pode parecer familiar o nome do padre Capra, que é designativo de uma escola pública de São Caetano do Sul, mas poucas são as que conhecem sua história. O propósito deste artigo é justamente oferecer ao leitor uma ideia aproximada de quem foi Luiz Capra, este sacerdote católico cuja atuação foi tão marcante na São Caetano da década de 1910, quando ele era presença constante por essas bandas. Já não estão mais entre nós os cidadãos que o conheceram e conservaram na memória alguns traços de sua personalidade inolvidável.

Luiz Capra era oriundo de Parma, na Itália, onde nasceu em 1878. Feitos seus estudos secundários e superiores em várias cidades italianas, ingressou, em 1904, na Congregação dos Missionários de São



Acervo/FMNSCS

Padre Luiz Capra.
Foto sem data

“Possuía o segredo de cativar os corações. Arte? Fino diplomático? Havia disso também, não se pode excluir: mas o que dominava era a sinceridade, o coração aberto, a alma franciscanamente caritativa”.

(Trecho extraído do livro de Renato Bellucci, *Pagine di verità e di vita*, do ano de 1927)

Carlos, também conhecidos como carlistas ou scalabrinianos. Transferindo-se para a cidade de Placência (*Piacenza*), foi ordenado sacerdote, em 8 de abril de 1905, pelas mãos de Dom João Batista Scalabrini, bispo diocesano e fundador da referida congregação.

Destinado às missões já estabelecidas no Brasil, aqui aportou em 21 de agosto de 1905, fixando residência no Orfanato Cristóvão Colombo, no Bairro do Ipiranga, em São Paulo. Durante dois anos foi capelão da Fazenda Santa Gertrudes, importante propriedade cafeeira, na época administrada pelo Conde de Prates. Exerceu por quatro meses a função de vigário coadjutor da Paróquia do Brás, na capital, e foi depois nomeado capelão das igrejas do Alto da Serra (atual Paranapiacaba) e Ribeirão Pires, permanecendo nessas missões do mês de outubro de 1909 até o dia 3 de março de 1912, quando tomou posse da recém-criada Paróquia de Santo André. Após ser oficialmente estabelecida, a nova paróquia foi confiada à Congregação de São Carlos, que tinha como superior regional o zeloso padre Faustino Consoni, cuja intercessão em favor da comunidade nascente, diante do arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, foi fundamental para levar a bom termo esse primeiro esboço de organização da igreja local.

Em sua nova missão, padre Capra deparou-se com uma humilde capela, recentemente ereta e então transformada em igreja matriz. De acordo com o livro de tombo, “o novo vigário não encontrou absolutamente nada na capela de Santo André. Ele trouxe do Alto da Serra os paramentos, a pedra sagrada, missal, etc. Encontrou somente

quatro paredes e nada mais”.² Esse registro fornece uma ideia das dimensões do desafio que o padre havia de enfrentar. Havia carências e limitações materiais, e por isso ele rapidamente providenciou um aumento provisório do templo, não se preocupando com a própria residência, pois vivia albergado em casa alheia. E logo tratou de organizar os trabalhos pastorais com vistas a fomentar a participação do povo e ampliar a ação da igreja naquele florescente povoado, de feições marcadamente operárias. Tendo em vista essa realidade, o padre não tardou a pensar e a colocar em prática uma ação de cunho social e religioso. Pouco tempo depois de ter tomado posse de suas funções na paróquia, Capra comprou de Alfredo Luiz Fláquer, líder político local, dois lotes de terreno para a construção de um grande salão, com 35 metros de comprimento e 10 de largura, concebido para se tornar “a sede de uma futura Sociedade Católica Operária, com divertimentos para os alunos do catecismo e suas famílias, revertendo os lucros em benefício das obras da Matriz”. O salão foi inaugurado em 14 de setembro de 1912, quando passou a exibir, nas tardes de domingo, “projeções de fitas de cunho moral para as famílias”, seguidas das aulas de catecismo. O empreendimento, embora bem projetado, padecia de algumas dificuldades,

sobretudo de ordem financeira, e acabou sendo suspenso 18 meses após a inauguração.³

Paralelamente a essa tentativa de apostolado, não descuidou o padre Capra da construção da igreja matriz, cujas obras efetivamente se iniciaram em outubro de 1912. No dia 25 de março de 1914 foi solenemente inaugurada a Matriz de Santo André. Era também seu desejo erguer outra igreja nas proximidades da estação ferroviária, onde se estava concentrando um bom número de trabalhadores, dado o desenvolvimento das fábricas e oficinas. Efetuada a doação de um terreno à Mitra Metropolitana, em 1917, a pedra fundamental dessa nova igreja foi assentada no dia 29 de junho de 1919. Trata-se da futura Igreja Nossa Senhora do Carmo, elevada à condição de Catedral Diocesana a partir de 22 de julho de 1954, quando foi desmembrado da Arquidiocese de São Paulo o território que então passou a constituir a Diocese de Santo André.

O padre Capra deixou uma igreja terminada e outra iniciada em Santo André. Entretanto, as suas obras mais importantes - e que mais fundo penetraram nas almas de seus paroquianos - não foram feitas de alvenaria nem eram de ordem propriamente material. Uma de suas maiores virtudes, atestada por seu biógrafo, padre Francisco Milini,

também scalabriniano, era o espírito profundamente caritativo. Os pobres, em sua concepção, eram legítimos representantes de Jesus Cristo, que não tinha, segundo os evangelhos, onde repousar a cabeça. Convém aqui reproduzir um excerto do livro do padre Milini, que, por sua vez, fazia ecoar os testemunhos de outros fiéis que tiveram a ventura de conhecê-lo:

Impregnado de tais verdades, deu tudo a todos, com generosidade comovente. Interpretou o *quod superest* não no sentido de “supérfluo”, nem menos ainda no sentido de “sobras”, porque lhe repugnava dar os “restos” aos necessitados. Quando um mendigo a ele recorria, o padre Capra dava-lhe o que tinha ao alcance da mão, sobre a mesa ou no bolso, sem cuidar das suas próprias necessidades. Quando para si precisava de qualquer coisa, adiava-lhe a compra, contentando-se com o que tinha, até estragado ou imprestável.

Contaram-nos que, não dispondo de chapéu melhor do que o velho que vinha usando desde vários anos, dissimulava-lhe o descolorido com frequentes aplicações de tinta de escrever. Nos dias de chuva, escorria-lhe a tinta pelo rosto e adjacências, rindo-se do imprevisto o bom do padre, que

procurava remediar a situação, enxugando-se com o lenço.

Garantiram-nos que, certo dia, voltava da capital com novo par de sapatos. Não chegou, porém, a noite e já os sapatos novos tinham sido dados a um mendigo que lhe batera à porta.⁴

Sensível às crises que ocasionavam o fechamento de algumas fábricas, trazendo como decorrência o empobrecimento das famílias, e atento às movimentações operárias, na época muitas vezes imbuídas de ideais anarquistas, o padre Capra foi um apaziguador, sem nunca deixar de tomar parte nas lutas que julgava dignas de serem enfrentadas. Opunha-se a quem incitasse o operariado à greve, limitando-se a recomendar aos proprietários e industriais que agissem com justiça e equidade para com os trabalhadores. Se não deu impulso ao movimento operário, sua contribuição aos assolados pela crise, pela misé-

(...) o padre Capra foi um apaziguador, sem nunca deixar de tomar parte nas lutas que julgava dignas de serem enfrentadas.



Templo da Paróquia São Caetano (Matriz Velha) em 1908, ainda em construção, à frente da qual se presume estar boa parte dos moradores da localidade na época. Em 1912, quando foi nomeado vigário da Paróquia de Santo André, padre Capra tornou-se responsável também pela Igreja de São Caetano, na qual viveu seus derradeiros momentos



Reprodução de https://culturasembaradas.gov.br/visao/287/

A antiga Igreja Matriz de Santo André, onde o padre Capra exerceu seu ministério, como primeiro vigário do lugar. A igreja foi inaugurada em 25 de março de 1914. O atual templo (a "Igreja Rosa") começou a ser construído em 1945 e foi inaugurado em 1958

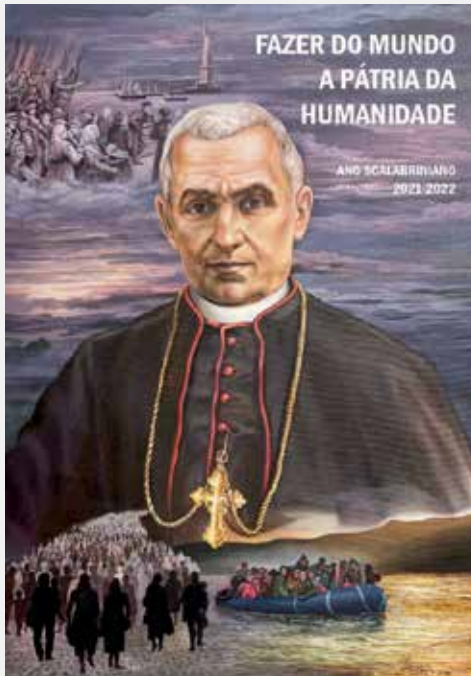
A atual Catedral Nossa Senhora do Carmo, cuja pedra fundamental foi lançada pelo padre Capra em 1919



Reprodução de <https://www.decessos.org.br/2014/11/05/catedral-nossa-senhora-do-carmo/>

ria e pelo desemprego foi de outra ordem. Deu-se no terreno próprio da igreja: a caridade. Insuficiente, é certo, para resolver a dura situação desses irmãos mais necessitados, mas nem por isso pouco generosa e sincera. O padre solicitava auxílio dos políticos, negociantes e industriais, angariava doações, fazia distribuição de gêneros alimentícios. A situação ficou pior ainda quando à crise econômica juntou-se a irrupção da chamada “gripe espanhola”. Na localidade, a pandemia começou a se manifestar em outubro de 1918, fazendo 43 vítimas em Santo André e 17 em São Caetano. Muitos paroquianos e o próprio vigário foram infectados pelo terrível vírus. Organizou-se na paróquia uma junta de socorro, que fornecia medicamentos e prestava ajuda aos doentes pobres.⁵

Quando foi criada a Paróquia de Santo André, por decreto de 21 de dezembro de 1911, a região de São Caetano foi desmembrada da Paróquia do Brás e ficou incorporada àquela de Santo André até a data de sua emancipação, quando foi estabelecida a Paróquia de São Caetano (1924). Desde a fundação do Núcleo Colonial (1877) alguns padres passaram por essas terras do antigo Tijucuçu e fixaram residência por mais ou menos tempo. A partir de 1900, quando foi demolida a velha capela barroca dos beneditinos, para ser construída a igreja atual, os Missionários de São Carlos, do Orfanato Cristóvão Colombo, assumiram o encargo de dar assistência religiosa aos fiéis da localidade (o que se deu até 1923, pois no ano seguinte a nova paróquia foi assumida pelos padres estigmatinos). Pouco se sabe sobre a frequência dos padres scalabrinianos em São Caetano, mas, de acordo com o testemunho



Reprodução de <https://www.scalabrini.org.br/poster/>

Pôster de divulgação do “Ano Scalabriniano” (de 7 de novembro de 2021 a 9 de novembro de 2022), instituído por ocasião dos 25 anos da beatificação do fundador da congregação, João Batista Scalabrini (na imagem), que foi canonizado pelo Papa Francisco em 9 de outubro de 2022



Arquivo/FMCS

Retrato do padre Luiz Capra. Essa mesma imagem foi reproduzida em muitos lares de São Caetano e da região após sua morte (4 de janeiro de 1920)

de Oscar Garbelotto, os mais antigos diziam que apenas com a chegada do padre Luiz Capra à região é que a assistência religiosa foi solucionada de forma regular.⁶ Os quase oito anos em que permaneceu como vigário de Santo André, atendendo à população de São Caetano, marcaram uma época da qual os moradores de ambas as localidades conservaram muitas boas lembranças.

Todos os domingos, na estação de São Bernardo (atual Santo André), o padre Capra tomava o trem para São Caetano, onde presidia a celebração da missa às 9h. Na igreja do atual Bairro da Fundação, que ele contribuiu para ser ampliada e melhorada, recorrendo à boa vontade dos fiéis, Capra fundou o Apostolado da Oração, a Pia União das Filhas de Maria e a Associação de Santo Antônio, congregando, em organizações adequadas, os vários elementos católicos dispersos pela comunidade. Também logrou impulsionar as festividades religiosas dedicadas ao padroeiro, as quais, nos meses de agosto, mobilizavam os moradores em diversas atividades e atraíam devotos de toda a região. Memorável foi, nas palavras do padre Milini, a romaria de mais de 800 pessoas que de Santo André, no dia 13 de agosto de 1916, encaminharam-se para São Caetano a fim de participarem da festa do santo vêneno do pão e do trabalho, em uma admirável demonstração de fé e devotamento. Em 19 de agosto de 1917, por instância do padre Capra, e “por ocasião da festa do Padroeiro, o senhor Arcebispo veio (pela primeira vez) a São Caetano, e administrou o Sacramento da Crisma a mais de 700 crianças (muitos eram de Vila Prudente e do Ipiranga)”.⁷ Esses e outros registros referentes às solenidades de São Caetano Di Thiene, santo que os locais celebravam com toda pompa e circunstância, podem ser colhidos no livro da crônica paroquial (o livro de tomo da Paróquia de Santo André).

No dia 4 de janeiro de 1920, como era seu costume aos domingos, padre Capra tomou o trem

das 8h com destino a São Caetano. Chegando à igreja, quando se preparava diligentemente para a missa, sentiu-se mal e baqueou. Consta ter sido vítima de um ataque cardíaco que lhe seria fatal. Chegou a ser socorrido por algumas pessoas que se encontravam no templo e que o levaram às pressas a uma casa na vizinhança.⁸ Capra, no entanto, só teve forças para reclamar insistentemente a presença do padre Faustino, que quando chegou já o encontrou morto. A muito custo foi seu corpo removido de São Caetano, onde os fiéis lhe tinham grande veneração, e transportado para a Matriz de Santo André, onde foi exposto e reverenciado pelos desolados paroquianos, até ser sepultado no atual Cemitério da Saudade, em Vila Assunção.

Foi-se prematuramente e deixou no bolso “apenas o relógio, a carteira vazia e o bilhete ferroviário para a volta a Santo André. Na casa paroquial só foram encontrados móveis velhos e contas a saldar”.⁹ Deixou também muitas saudades e uma legião de admiradores. Diversas famílias antigas referiam-se a ele como a um santo e conservaram fotos e lembranças suas. E por longos anos após sua morte ainda havia muitas casas em São Caetano onde “a meiga figura do bom padre” podia ser encontrada “entre os retratos das pessoas mais queridas”.¹⁰ ■

Notas

¹ MILINI, Francisco. Padre Luiz Capra (Missionário de S. Carlos). São Paulo: Orfanato Cristóvão Colombo, 1935, p. 28. Arquivo da Cúria Diocesana de Santo André.

² Esses e outros trechos do Livro de Tombo da Paróquia de Santo André foram transcritos na seguinte publicação: COSTA, Gelmio (org.). Centenário da presença dos Missionários de São Carlos no ABC Paulista: Novembro 1904 a Novembro 2004. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 87. Os dados biográficos aqui apresentados sobre o padre Capra baseiam-se principalmente nesses registros e nas informações do padre Milini, cuja obra foi referenciada na nota anterior.

³ MILINI, op. cit., p. 14-15.

⁴ *Ibidem*, p. 23-24.

⁵ *Ibidem*, p. 25-26.

⁶ GARBELOTTO, Oscar. Da velha capela de 1877 à Matriz Velha de 1927: o símbolo da religiosidade dos pioneiros. Raízes, São Caetano do Sul, n. 1, p. 4-6, jul. 1989, p. 5.

⁷ MILINI, op. cit., p. 22; COSTA, op. cit., p. 111.

⁸ Segundo informação de Mário Botteon, o padre Capra, quando se sentiu mal na Matriz Velha, foi socorrido e transportado para a residência da família Capuano, na Rua 28 de Julho, onde faleceu. Cf. A família de Fernando Capuano. Raízes, São Caetano do Sul, n. 3, jul. 1990, p. 49.

⁹ MILINI, op. cit., p. 28.

¹⁰ BELLUCCI, Renato. Pagine di verità e di vita (Cinquant'anni di storia della popolazione di São Caetano). São Paulo: Tipografia de l'Argus, 1927, p. 18.

Rodrigo Marzano Munari

é historiador e professor. Bacharel, licenciado, mestre e doutor em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). É autor do livro *Deputados e delegados do poder monárquico* (Intermeios, 2019) e coautor do livro *70 Anos de História da Educação em São Caetano do Sul - 1949-2019* (Fundação Pró-Memória, 2021), tendo diversos artigos publicados na revista *Raízes*. É membro da Comissão Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Uma história narrada pela metade?

Hipóteses e questões sinalizadoras da participação de mulheres na articulação do movimento autonomista¹

 Cristina Toledo de Carvalho

O MOVIMENTO AUTONOMISTA de São Caetano consiste num tema bastante rico em termos de possibilidade de análise, interpretação e abordagem, o que impõe a nós, historiadores, o desafio do enveredamento rumo a esse campo. Estudá-lo pela perspectiva do imaginário, por exemplo, é uma das possibilidades mais proveitosas, podendo dar origem a uma análise sobre as narrativas veiculadas pelo *Jornal de São Caetano* (grande articulador da causa emancipacionista e da vida da cidade, como um todo) na época do advento do movimento, em 1948. Cumpre ressaltar

que tais narrativas ajudaram a produzir a memória desse movimento e a compor o leque de representações que alimentaram o imaginário social acerca dele. Por ter se concretizado a partir de uma consulta plebiscitária, o movimento autonomista foi responsável pela articulação de uma extensa campanha junto a amplos setores da população, ensejando a emergência de enunciados representativos de uma tradição que teve nas imagens de progresso, pujança e desenvolvimento (as quais se constituirão em referenciais da identidade do futuro município

de São Caetano do Sul) importantes ingredientes do embate travado com o segmento oposto do ideal emancipacionista.² Em face do exposto, o movimento em favor da autonomia político-administrativa da cidade pode ser concebido como uma luta que tivera no simbólico um de seus campos mais expressivos, caracterizando o confronto entre suas forças litigantes como uma disputa identitária pelas imagens do progresso.³

Com base no levantamento de determinadas hipóteses e questões, à luz de algumas fontes e registros pesquisados, este

artigo aborda o assunto referente à participação de mulheres na liderança ou articulação do movimento autonomista de São Caetano, de modo que seja possível aventar que, além dos cinco nomes que integram a extensa listagem dos líderes autonomistas, a presença feminina fez-se notar de forma mais ampla. De acordo com a lista oficial, 95 nomes compuseram a liderança do movimento, entre os quais os de Helena Musumeci, Laura Moretti, Sofia Sampaio, Olga Montanari de Mello (que se elegeria vereadora para as três primeiras legislaturas do município de São Caetano do Sul, 1949-1953; 1953-1957; e 1957-1961) e Odette Paschoal ou Odette Moraes, conforme aparece na lista divulgada no programa relativo à sessão solene que se realizou em 20 de novembro de 1971 na Câmara Municipal, em homenagem à liderança autonomista.

Levando em consideração que, na época da eclosão do movimento autonomista, em 1948, a atuação de mulheres, no âmbito público, dava-se, sobretudo, junto aos segmentos de cunho beneficente, filantrópico e caritativo, é possível supor que componentes de entidades como a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano (SBHSC), criada em 7 de dezembro de 1946, com o propósito de viabilizar a construção de um hospital no então subdistrito de São Caetano) - tenham, de alguma maneira, contribuído para a causa da emancipação. Assim, sem desconsiderar a importância de uma pesquisa criteriosa que possa investigar, de fato, qual fora o papel da mencionada sociedade hospitalar frente ao movimento emancipacionista, a hipótese de que as integrantes de seu vasto quadro feminino tenham, em algum momento, colaborado para o atendimento das demandas e contingências do dito movimento apresenta-se plausível. Isso porque muitas delas mantinham vínculos com os membros de sua diretoria e conselho administrativo (dos quais, um número significativo veio a compor a liderança do movi-

Olga Montanari de Mello, uma das líderes autonomistas reconhecidas oficialmente. Foto de 1957



mento autonomista, como João Dal'Mas, Mário Porfírio Rodrigues e Luiz Rodrigues Neves, entre outros) na qualidade de suas respectivas esposas. Diante do exposto, torna-se pertinente a seguinte questão: Nomes como os de Celestina Dal'Mas, Diamantina Rodrigues Neves e Macaria Garcia Rodrigues, esposas dos integrantes da diretoria da SBHSC e líderes autonomistas acima destacados, não teriam aderido também ao ideal da emancipação da cidade, deixando sua parcela de contribuição à articulação de sua campanha? E isso sem



Piquenique realizado pela Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano (SBHSC) em 1947. Junto ao numeroso grupo, destaca-se a presença de algumas mulheres, a saber: Maria Clara Morselli, Ana Maria Cambaúva, Aracy Torres Campanella, Maria Campanella, Arcília Vidales Cambaúva, Ladislene Cambaúva, Maria Rene Poli (Nena), Palmira Poli, Alzira Cambaúva e Iracema Flores Vincenzi

falar de outras integrantes cujos estreitos laços com líderes autonomistas são também sugestivos de um possível envolvimento mais incisivo delas junto ao movimento autonomista, a saber: Zuleika Barile, Ophélia Carmela Barile, Odette Fraissat Paez, Elba de Barros Marchesan, Iracema Flores Vincenzi, Bruna Bisquolo Constantino, entre outras. Lembrando que Bruna Bisquolo Constantino tivera o seu pai, Bruno Bisquolo, e seu marido, Concetto Constantino, na liderança autonomista. Portanto, o seu vínculo afetivo com dois personagens da causa dava-se duplamente. Nesta esteira, não nos esqueçamos de nomes como o de Aracy Torres Campanella,

uma das principais apoiadoras e entusiastas da causa pró-construção do hospital (presença frequente nos eventos promovidos pela SBHSC para arrecadação de fundos) e esposa do líder autonomista Anacleto Campanella, que, na oportunidade do advento do movimento em prol da emancipação de São Caetano, era vereador junto à Câmara de Santo André, vindo a constituir, ao lado de João Dal'Mas, Lauro Garcia e Antônio Dardis Neto, o abnegado quarteto dos autonomistas da casa legislativa andreense. Campanella chegaria ao posto de prefeito sul-são-caetanense em duas ocasiões: 1953-1957 e 1961-1965. Durante o seu primeiro mandato, deu-se

a inauguração do tão sonhado hospital, em 1954, ao lado de outras obras que seriam elevadas à qualidade de símbolos da São Caetano da pujança e do progresso, como o Viaduto dos Autonomistas e o Jardim Público Primeiro de Maio, muito em virtude das reportagens enaltecidas publicadas pelo *Jornal de São Caetano*, que, assim, mostrava-se como uma das forças responsáveis pela construção da identidade do então novato município de São Caetano do Sul.

A Sociedade Beneficente Hospitalar torna-se emblemática frente à proposta do presente artigo, sendo referenciada na hipótese mencionada anterior-

A ligação observada entre tal campanha e o ideal autonomista foi notória, de modo que a mobilização para a edificação de uma casa de saúde em São Caetano tornou-se mote para o próprio delineamento da causa emancipacionista.

mente em razão da proximidade que estabelecera com a causa autonomista, mantendo com esta um estreito diálogo. Vale ressaltar que tal entidade, que tinha como finalidade a viabilização da construção de um hospital na cidade, foi criada após uma campanha promovida pelo *Jornal de São Caetano* na conjuntura do início de sua caminhada de luta em favor dos interesses do então subdistrito de São Caetano, que, na época, só contava com os deficitários serviços de um pronto socorro, inaugurado pela prefeitura de Santo André em 10 de agosto de 1946. A ligação observada entre tal campanha e o ideal autonomista foi notória, de modo que a mobilização para a edificação de uma casa de saúde em São Caetano tornou-se mote para o próprio delineamento da causa emancipacionista. Esta foi tecida junto às reivindicações encaminhadas pelo jornal, evidenciando que de seu êxito dependeria não só a construção de uma unidade hospitalar, mas também a resolução de outras questões prementes, como as relativas à implantação de serviços de saneamento básico, dos quais São Caetano prescindia na ocasião de sua subordinação ao município de Santo André.

As palavras do médico Valentim Ignácio da Silva, que se firmaria como um dos líderes da autonomia política da cidade, vindo, aliás, a responder pela comissão organizadora da União

Autonomista de São Caetano (entidade idealizada com o objetivo de promover a defesa da emancipação político-administrativa local, que possuía também uma finalidade beneficente, como mantenedora de um ambulatório médico infantil, instalado na sede provisória da citada instituição, na Rua Heloísa Pamplona, nº 20, sob a direção clínica do próprio Valentim Ignácio), são bastante esclarecedoras, nesta perspectiva, ao apontarem que a questão da construção de uma casa de saúde na cidade articulava-se, simbioticamente, à da própria autonomia. Disse ele ao *Jornal de São Caetano*, na oportunidade em que o periódico, em sua edição de 22 de setembro de 1946, publicara uma reportagem para justificar a importância da organização de uma campanha como a da construção do hospital, que, pouco a pouco, vinha, por meio de suas páginas, ganhando corpo na cidade: “O hospital só virá, como tudo mais, se São Caetano for autônomo, pois os homens de Santo André não se esforçarão por nós. Lutemos pela autonomia, portanto, e estaremos nos batendo por uma casa de saúde.”⁴

A despeito da proximidade existente entre ambas as causas, constatação que direcionou a hipótese de uma maior participação feminina no movimento autonomista para o plantel de mulheres da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano,



Baile promovido pela SBHSC no dia 10 de maio de 1947. Na imagem, a presença feminina é significativa. Ao centro, está Olga Montanari de Mello. Entre as outras participantes do evento, estão nomes como os de Ophélia Carmela Barile, Macária Garcia Rodrigues, Norma Marcucci, Bruna Bisquolo Constantino e Bruna Cassetari Ricci

a segunda hipótese aqui levantada volta-se para uma outra instituição, que, contemporânea àquela Sociedade Hospitalar, teve importância direta na organização do movimento emancipacionista, em termos jurídicos e burocráticos: a Sociedade dos Amigos de São Caetano. Criada em setembro de 1947, aderira ao referido movimento após solicitação do *Jornal de São Caetano*, que, por meio de uma missiva datada de 31 de janeiro de 1948 (publicada pelo próprio jornal em sua edição de 22 de fevereiro daquele ano), propôs a ela que estudasse “a possibilidade de nos desligarmos de Santo André e formarmos um município autônomo.”⁵ À Sociedade dos Amigos de São Caetano cumpria a função de coordenar, entre outras atividades do interesse da causa autonomista, a preparação da documentação exigida para a formalização do

pedido de plebiscito junto às autoridades competentes. Tal documentação deveria apresentar, além de outros dados, um memorial com assinaturas de, no mínimo, 10% dos moradores maiores de 18 anos do subdistrito e com residência superior a dois anos na localidade. Segundo o relato de Laura Moretti, uma das cinco mulheres reconhecidas, oficialmente, como líderes autonomistas, a participação feminina no movimento resumia-se às visitas às casas, realizadas com o fito da obtenção das assinaturas exigidas,⁶ conforme ressaltado. Se à Sociedade dos Amigos de São Caetano coube a articulação dessa tarefa, estando à mesma submetida a participação das mulheres no movimento, é possível supor que esposas e/ou filhas de membros de seu quadro associativo tenham, no cômputo das demandas da causa emancipacionista, assumido tal função. O fato de não ter encontrado nomes de mulheres nos dois documentos que o acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul apresenta acerca da entidade (Estatuto e ata de uma reunião extraordinária que realizara em 22 de dezembro de 1948) não descarta a possibilidade da presença feminina entre os seus sócios, mesmo que minoritariamente.

Para finalizar, cumpre ponderar que as hipóteses aqui aventadas sugerem que o movimento autonomista pode ter contado com a participação de outras mulheres, além daquelas cinco que foram oficialmente consideradas “líderes autonomistas.” Diante disso, por que apenas esses nomes foram registrados, entrando para a lista oficial dos líderes autonomistas? A resposta para tal questão não é tão simples de ser formulada, uma vez que envolve a intrincada temática dos processos de construção de memórias, sempre afeitos, como bem dissera o historiador Jacques Le Goff, a me-

Reunião de líderes autonomistas em 1948. Entre o grupo, estavam Laura Moretti (ao centro, de vestido claro), Helena Musumeci (de vestido escuro, ao lado de Ângelo Raphael Pellegrino) e Sofia Sampaio

canismos de manipulação que impõem esquecimentos e silêncios.⁷

Sem pretender adentrar a seara dessa discussão, que, por sua complexidade, renderia uma explanação à parte, este artigo propõe que pensemos a questão da participação de mulheres no movimento autonomista para além do que sabemos, oficialmente, a respeito, de modo que essa história não permaneça sendo narrada pela metade, o que a torna débil e superficial.

Que as hipóteses aqui apresentadas sejam o primeiro passo no sentido do encaminhamento de pesquisas fundamentadas em um conjunto documental diversificado, segundo critérios teórico-metodológicos que possam conceder à abordagem da importante temática da autono-

mia local, ainda marcada, predominantemente, por perspectivas triunfalistas, um caráter, de fato, historiográfico, comprometido com a crítica, com a análise interpretativa e com a reflexão. ■

¹ Este artigo é fruto da apresentação de sua autora no painel *A autonomia de São Caetano do Sul*, promovido pela Fundação Pró-Memória no dia 20 de outubro de 2021. O evento contou também com a participação de José de Souza Martins, que proferiu a palestra intitulada *Fatores, consequências e personagens ocultos no processo da autonomia de São Caetano*.

² CARVALHO, Cristina Toledo de. *Príncipe dos Municípios: a invenção da identidade de São Caetano do Sul (1948-1957)*. 2022. Tese (Doutorado em História). Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2022, p. 40.

³ *Ibidem*, p. 40.

⁴ DEEM um hospital à nossa terra. *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano I, n. 4, primeira página, 22 set. 1946.

⁵ NOSSA terra será independente. *Autonomia Municipal de São Caetano, uma ideia em marcha. Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano II, n. 41, primeira página, 22 fev. 1948.

⁶ MORETTI, Laura apud GARCIA, Carla Cristina. *As Outras Vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1998, p. 81.

⁷ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1994, p. 426.

Cristina Toledo de Carvalho é historiadora, além de mestre e doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, lançado pela Fundação Pró-Memória em 2015, e de mais de 60 artigos publicados na revista *Raízes*, de cuja Comissão Editorial é integrante.



Acervo Celson Caparroz



Durante as festas de aniversário de São Caetano, nos idos de 1970, era comum realizar simultâneas de xadrez, nas quais grandes mestres como Mequinho e Helder Câmara disputavam ao mesmo tempo com diversos jogadores. As competições aconteciam no General Motors Esporte Clube (GMEC). Na foto, vemos Henrique Costa Mecking, o premiado Mequinho, grande campeão brasileiro da época, de pé, competindo na simultânea em comemoração aos 94 anos de São Caetano do Sul, no ano de 1971, no GMEC. No ano seguinte, em 1972, em comemoração dos 95 anos da chegada dos imigrantes italianos ao Núcleo Colonial de São Caetano, aconteceu, no dia 30 de julho, a simultânea popular de xadrez, desta vez a cargo do mestre internacional Helder Câmara, também nas dependências do mesmo clube



Nesta imagem, na escadaria defronte ao antigo Palácio dos Esportes, no Bairro da Fundação, registrada no dia da Simultânea de Xadrez, ocorrida no dia 28 de julho de 1971, vemos, ao centro, o renomado enxadrista Mequinho (de óculos e blusa preta) e, ao seu redor, diversos competidores. Foram identificados: Paulo, Clóvis, Corvello, Lorente, José Carlos de Oliveira, Luiz Caymel, Celson Caparroz (no alto, de óculos), Elídio da Graça Flora, Enrique Cascales, Sebastian Creonte e Rene

A primeira igreja evangélica do ABC



Arquivo/Igreja Presbiteriana Filadélfia

nasceu em São Caetano

Antigo registro da Igreja Presbiteriana Filadélfia que demonstra a atenção especial sempre dada à infância. Foto sem data

SÃO CAETANO ERA SÓ UMA VILA DE SÃO BERNARDO, mas já abrigava em seu território, no ano de 1923, a primeira igreja evangélica do ABC. Isso porque a Igreja Presbiteriana Filadélfia aqui se instalava, como veremos nesta reportagem especial da revista *Raízes*. Corroborando essa informação, o *São Caetano Jornal*, periódico que, no início do século 20, circulava por estas paragens, trazia em sua edição de 16 de setembro de 1928 o registro de que “nesse distrito existiam 2 igrejas protestantes”, e uma delas era a Presbiteriana Filadélfia.

O objetivo deste artigo é dar visibilidade para a vertente de religiosidade que nasce no século 16 com o protestantismo de Martinho Lutero, como as presbiterianas de João Calvino, como as batistas e as comumente denominadas evangélicas. Por ser uma revista que busca a memória do passado, optamos por apresentar as igrejas com mais tempo de existência.

Uma palavra sobre o movimento protestante - A Reforma Protestante aconteceu em 1517, quando Martinho Lutero escreveu 95 teses que criticavam a Igreja Católica e as fixou na porta da Catedral de Wittenberg, que ficava na Alemanha. Os luteranos acreditam que a salvação é alcançada mediante as atitudes das pessoas, somando-se à paixão e morte de Cristo em expiação dos pecados dos homens. A crença luterana acredita que a *Bíblia* é a palavra de Deus e que a mesma deve ser lida e interpretada por todos.

O calvinismo teve início quando João Calvino torna-se protestante, na década de 1530. Mudando-se para a Suíça, ele atuou como pregador e fez com que a doutrina calvinista se tornasse majoritária em Genebra. Essa doutrina religiosa defende a predestinação absoluta, ou seja, que a salvação é determinada por Deus. Acreditam que, desde a criação do mundo, Deus estabeleceu quais indivíduos seriam salvos e quais seriam condenados.



Um dos eventos dominicais com os fiéis da Igreja Presbiteriana Filadélfia. Foto sem data

Pode-se dizer que os calvinistas são os evangélicos. No Brasil, hoje, a maior igreja que segue os princípios calvinistas é a Igreja Presbiteriana do Brasil. Mas há outras denominações e dissidências que, no cerne, seguem o modo de pensar do teólogo francês. Calvino também defendia a salvação pela fé, a valorização moral do trabalho e a prática da poupança como caminho para o enriquecimento. Já Lutero acreditava que as almas poderiam ser salvas pelas boas obras (ou seja, por aquilo que os cristãos fizessem em vida), enquanto Calvino defendia que a salvação só poderia acontecer por meio da predestinação.

Chegamos ao anabatismo, um movimento religioso surgido com as reformas protestantes. Essa seita tinha por principal característica a rejeição do batismo em idade infantil, por alegar que os indivíduos deveriam ser batizados em idade adulta, quando



Os fiéis sempre se confraternizaram após os cultos da Igreja Presbiteriana Filadélfia. Foto sem data

estariam aptos e maduros para fazê-lo. Teve início em Zurique, na Suíça, em 21 de janeiro de 1525, quando Conrad Grebel, Félix Manz e George Blaurock romperam com o reformador Ulrich Zwíngli. Hoje, estão divididos em grupos religiosos, como os menonitas ou amish.

Os grupos “não conformistas” na Inglaterra, no fim do século 16 e início do século 17, eram chamados de “anabatistas”, “separatistas” ou “puritanos”. Já o nome batista foi usado para de-

finir esses grupos na Inglaterra. A religião batista remonta ao início do século 17, fundada em Londres, no Reino Unido, por Thomas Relwys, protestante e divergente da Igreja Católica. O primeiro pastor batista brasileiro, Antônio Teixeira de Albuquerque, foi batizado e ordenado na igreja em Santa Bárbara D'Oeste, interior de São Paulo.

O fundador da Igreja Batista Regular foi John Smyth em 1607, recebendo forte influência dos anabatistas. Ao passar dos

Os grupos “não conformistas” na Inglaterra, no fim do século 16 e início do século 17, eram chamados de “anabatistas”, “separatistas” ou “puritanos”. Já o nome batista foi usado para definir esses grupos na Inglaterra. (...)

tempos, os batistas se organizaram de forma a defender os seguintes princípios: Jesus Cristo como Senhor e salvador da vida. O Espírito Santo é a presença ativa de Deus no mundo e, particularmente, na experiência humana. Respeito e aceitação das escrituras sagradas como única regra de fé e conduta.

A pioneira Igreja Presbiteriana Filadélfia no ABC - Consta das atas a informação de que no mês de fevereiro de 1923 foi fundado o trabalho evangélico no distrito de São Caetano, localidade que pertencia a São Bernardo. As atividades da Igreja Presbiteriana Filadélfia tiveram início no número 121 da Rua Senador Fláquer, na então Vila São José, por inspiração do reverendo Matathias Gomes dos Santos e de Francisco Móra, que muito

fizeram pela disseminação do evangelho nestas terras que viriam a ser conhecidas por Grande ABC. Essa nova igreja, hoje centenária, contou, na época, com o apoio da Igreja Unida de São Paulo, em especial do obreiro Elieser dos Santos Saraiva, que era o superintendente-geral das escolas dominicais das congregações irmãs. Após dois anos, a igreja foi transferida para um dos prédios da Rua Rodrigues Alves, no Bairro da Fundação.

A igreja cresce em tamanho e em número de fiéis, tanto que, no ano de 1928, a congregação passa a realizar seus trabalhos espirituais em edifício na Rua Heloísa Pamplona, onde permaneceu até 1938, quando decidiram adquirir terreno para construir uma sede própria, sendo escolhida a esquina das ruas Niterói e Goitacazes. Nesse local, às 15h30 do dia 13 de maio de 1938, foi lançada a pedra fundamental do novo prédio. Os mais antigos se recordam que, na ocasião, ouviu-se o canto do hino 552, *Igreja Alerta*, e a leitura da palavra no livro de I Reis, 6:11-19.

Para lembrança das gerações futuras, na cavidade da pedra fundamental, foram colocados uma *Bíblia*, alguns jornais diários, jornais evangélicos, algumas moedas da época e a cópia da ata em que ficou registrada a solenidade. Importante registrar que, no dia 21 de janeiro de 1946, aconteceu a aprovação pelo presbitério da sua nova denominação, quando passou a ser a atual Igreja

Presbiteriana Filadélfia.

Anos depois, em 23 de novembro de 1958, teve início uma nova fase, ocasião em que também ocorreu o lançamento da pedra fundamental para as obras da nova igreja, bem maior, localizada no número 151 da Rua Goitacazes. O trabalho árduo ocupou as ações por vários anos, enfrentando obstáculos e vencendo os embates financeiros pelos quais passava o país. O novo templo foi inaugurado em 1971, passando a porta de entrada a ter como endereço a atual Rua Niterói, nº 226.

Pastorearam o rebanho local, no período compreendido entre 1923 e os dias atuais, os seguintes pastores reverendos: Matathias Gomes dos Santos, Rodolfo Garcia Nogueira, Renato Ribeiro dos Santos, Miguel Rizzo Junior, Henrique de Oliveira Camargo, Mário de Cerqueira Camargo, Osvaldo Alves, Boanerges Ribeiro, Sebastião Machado, Alfredo Tome Stein, Wilson Castro, Gerson de Azevedo Meier, Domício Pereira Matos, Raimundo Lória, Paulo Licio Rizzo, Wilson C. Ferreira, Ludgero Machado de Moraes, Manoel Barbosa de Souza, Ismael de Oliveira, Joaquim Rodrigues Mourão, Raimundo Nunes dos Santos, João Emerick de Souza, Carlos de Castro, Foltton Nogueira da Silva, José Roberto Correa de Castro, Alexandre Rocha Petenati, Saulo Marcos de Oliveira, Davi Galvão Boldochi e o atual Silvio de Carvalho Balbino.

Acervo/Igreja Presbiteriana Filadélfia



Registro fotográfico dos anos 1940, aproximadamente, mostra fiéis da Igreja Presbiteriana Filadélfia

Acervo/Primeira Igreja Batista de SCS



Banda da Primeira Igreja Batista percorre a cidade. Foto sem data

Acervo/Primeira Igreja Batista de SCS



Grupo de meninas da Primeira Igreja Batista na década de 1960

Por ocasião das festividades do centenário, durante o culto, foi entregue um livreto contando a história, e dele extraímos esta frase que muito define o sentimento dos fiéis e que foi escrita pelo reverendo Silvio de Carvalho Balbino: “Assim se manifestou o nosso Deus na vida dos heróis da fé, que, no ano de 1923, lançaram as sementes que germinaram e produziram a frondosa árvore que é a Igreja Presbiteriana Filadélfia, e que os novos heróis brilhem cada vez mais na constelação da fé. Louvado seja o Senhor nosso Deus”.

A igreja batista que escolheu ser Voz de Cristo - A bonita história de fé e religiosidade que marca a caminhada da Igreja Batista Voz de Cristo teve início no dia 25 de junho de 1958, quando sua considerada “Igreja Mãe”, a Igreja Batista do Brás, realiza uma sessão extraordinária emitindo as cartas demissionárias aos irmãos que faziam parte dela, mas que também serviam na Congregação de Vila Marlene, em São Caetano do Sul, passando a receber a missão de formar a nova igreja.

A Congregação de Vila Marlene, que estava instalada na Rua Tietê, é oficializada como Igreja Batista Voz de Cristo em ato sob a presidência de João Batista Cangani, no dia 8 de agosto de 1958, em sua primeira sede, que ficava na Rua Tocantins, nº 167, na então Vila Marlene, em São Caetano do Sul.

Seu segundo e atual endereço é a Rua Vieira de Carvalho, nº 275, no Bairro Nova Gerty. A igreja para ali se mudou oficialmente no dia 4 de janeiro de 1964, quando as obras da primeira fase ficaram prontas. A inauguração da segunda etapa da igreja ocorreu no dia 1º de março de 1973. Antes disso, conforme as atas muito bem guardadas, ficamos sabendo que, no dia 26 de fevereiro de 1961, aconteceu o lançamento da campanha de doações para que fosse ergui-

do o novo templo e, já no dia 1º de abril daquele mesmo ano, o lançamento da pedra fundamental das obras. O término da construção do templo e do batistério só veio acontecer em 1983.

Nesses 65 anos, comemorados em 2023, passaram pela igreja os seguintes pastores: Francisco de Assis Carvalho, cuja posse ocorreu no dia 21 de junho de 1962; Antonio Augusto da Silva, que tomou posse no dia 4 de maio de 1974; Orlando Hugo Boettger tomou posse em 26 de março de 1977; Francisco de Assis Chaves de Carvalho foi empossado no dia 10 de fevereiro de 1980; Edson Martins tomou posse no dia 25 de maio de 1985; no dia 26 de setembro de 1987, foi empossado Laedes Paiva Pereira; Edwim Bomber foi convidado, no dia 17 de junho de 1990, a ser pastor ajudador, uma vez que ele já respondia por uma igreja. Ele foi oficializado como pastor em 15 de dezembro de 1991. Arlindo Rodrigues, após um período como pastor *trainee*, foi empossado como pastor em 31 de dezembro de 1993, ali servindo, portanto, há 30 anos. Atualmente, é auxiliado pelos pastores Danilo Manoel Camargo, Douglas de Almeida Caldas, Marcel Ribeiro Andrade e Anderson Adolfo.

Hoje, a igreja ampliou seus horizontes e já possui um templo não só em Avaré, no interior de São Paulo, como outros dois em Tacna, no Peru.



Vista parcial da entrada da antiga Primeira Igreja Batista. Vemos o pastor emérito Pedro Vovchenco e Cleuza Vovchenco



Fundo do quintal do terreno da Primeira Igreja Batista em 12 de maio de 1963

Primeira Igreja Batista rumo aos 90 anos - A Primeira Igreja Batista (PIB) de São Caetano do Sul nasceu como Congregação Evangélica Baptista na mesma localidade. E tudo começou com a reunião que aconteceu, precisamente, às 18h do dia 8 de setembro de 1935, data da primeira assembleia extraordinária que regulamentou os trabalhos. Na abertura da sessão, Carlos Salles (1º presidente da PIB) fez a leitura da Palavra de Deus, e o irmão Cândido Martins serviu como secretário. Logo nos primeiros encontros, manifestou-se a preo-

cupação com a coleta para custear a literatura da Escola Bíblica Dominical e o projeto de mais algumas classes para a mesma escola.

A congregação se reuniu no dia 19 de dezembro para eleger sua primeira diretoria. Carlos Salles foi escolhido como o encarregado e diretor do trabalho na congregação. Para superintendente da Escola Bíblica, a escolha recaiu sobre o nome de Adelino Santos. A secretaria foi ocupada por Leopoldo Cruz. Ainda nesse dia foram eleitos os tesoureiros, os professores da Escola Bíblica e o diretor do

coro, sendo que uma das primeiras ações de janeiro de 1936 foi a organização do primeiro coral da igreja.

Em 1º de janeiro de 1941, é organizada como Igreja Local Autônoma. Em tal dia, foram arroladas 41 pessoas como membros fundadores. O endereço na época era a Av. Conde Francisco Matarazzo, nº 587, no centro da cidade. Na ocasião, foi lido pelo moderador o pacto das igrejas batistas e suas responsabilidades em obedecer às doutrinas do Novo Testamento. No dia 5 de janeiro daquele mesmo ano, a igreja elege o pastor Odilom Farias para ser o seu pastor local, além de formar a nova diretoria.

No dia 29 de abril de 1942, a igreja tem o seu primeiro estatuto aprovado, e, ainda no referido ano, a Sociedade de Senhoras passou a existir tendo como primeira presidente Georgine Cardoso; os homens também criaram a sua sociedade no mesmo ano, que teve como presidente João Sautara Filho.

É da PIB de São Caetano que sai o primeiro missionário brasileiro para a Bolívia, o pastor Waldomiro Mota. Isso no ano de 1946. Em 1947, no dia 17 de janeiro, a igreja em assembleia decide construir um novo templo, agora na Rua Amazonas, local de sua atual sede. No mesmo ano, o pastor João Lemos assume a igreja, e um ponto marcante do seu ministério é a abertura das congregações de Vila Ânge-

la, Vila Gerty, Vila Zelina e Vila Califórnia. Hoje, são ao todo 23 igrejas organizadas pela PIB de São Caetano do Sul.

Ao todo, 15 pastores conduziram a PIB de São Caetano do Sul. Foram eles: Odilon Augusto de Faria, Carlos Gomes Monteiro, Jecê Bagly, Waldomiro Mota, Morgan, Joaquim Rodrigues da Silva, João Lemos, Antônio Lopes da Silveira, William de Souza, Erodice Fontes de Queiroz, Luiz Tomás de Queiroz, Sergio Pedro, João Augusto Barbosa de Lima, José Carlos da Silva Bento e o pastor atual, Sebastião Custódio Oliveira Neto.

Além dos pastores locais, a PIB atuou na formação de cerca de 40 pastores e missionários em quase 80 anos de igreja. Entre eles, os pastores: Ari Cabral, Pedro Wovchenco, Fernando Bochio, Wagner Vailatte, Wagner Cintra, Clóvis Mertinoff, José Carlos Bento, Isaías Segura, Paulo Sílvio Bastos de Carvalho, Silas Silveira, Gilson Bredder, Sérgio Pedro Fiorotti Júnior, Altamiro José dos Santos, entre outros. A PIB também se destacou em investir nas mulheres para os mais diversos trabalhos missionários. Entre elas: Marta Conovalov, Sara Conovalov, Cleuza Vovchenco, Ascenez Lira da Cruz e Nanete Queiroz.

Edem Kaiser (1º tesoureiro) é um dos irmãos mais antigos da igreja, com cerca de 56 anos de membresia. Também tem grande participação na história da

PIB, tendo ajudado na construção do novo templo e nas suas principais aquisições. Foi também vice-presidente por muitos anos e hoje é líder de patrimônio da igreja.

No dia 21 de setembro de 1991, ocorreu a posse do pastor Sebastião Custódio de Oliveira Neto, que é formado em Teologia pelo Seminário Teológico Betel, no Rio de Janeiro. Além do pastor Neto, a PIB conta hoje com o pastor Wagner Cintra, como pastor de missões, e com o pastor Pedro Vovchenco, como pastor de evangelismo e integração. A Primeira Igreja Batista tem ainda Marcos Robson como vice-presidente e Edem Kaiser como coordenador de patrimônio e administrador da igreja. A sede da PIB é na Rua Piauí, nº 293, no Bairro Santo Antônio.

Brasil, país com maior número de adventistas no mundo

- Nos idos de 1950, já existiam em São Caetano do Sul reuniões de grupos adventistas. Essa informação, assim como diversas outras utilizadas neste artigo, constam no livro *Caminhos da Fé – Itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul*, de Alexandre Toler Russo e publicado em 2004 pela Fundação Pró-Memória. Nele, a partir da página 57, ficamos sabendo que, “a princípio, o grupo se juntava na Rua Amazonas, e posteriormente, os encontros passaram a ter lugar na Rua Minas Gerais (atual Rua José

Benedetti). Foi só em 1963 que foi erguido o santuário da Rua Amazonas, nº 340". Nos anos 2000, teve início a campanha da construção do novo templo, desta vez no formato de uma bola. Tal templo foi erguido na Rua Engenheiro Rebouças, nº 520, no Bairro Cerâmica.

As instalações da Igreja Adventista do Sétimo Dia, além de sediarem os cultos regulares, também abrigam as aulas de religião destinadas a crianças, jovens e adultos. No prédio, ainda funciona uma sala reservada à assistência social.

O templo de São Caetano do Sul está inserido em uma estrutura organizacional válida para todos os adventistas do mundo. Em essência, cada igreja tem disposição interna própria, estando sob a liderança direta de um pastor. Apesar disso, as instituições religiosas não são autônomas, mas subordinadas a um órgão central administrativo (Associação). A mais importante célula no esquema estrutural adventista é a congregação local, que pode ser uma igreja organizada ou um grupo, quando o número de fiéis for pequeno. Em realidade, cabe somente à Associação decidir sobre a admissão ou demissão de qualquer membro. A Associação Geral, órgão que lidera os adventistas em todo o mundo, tem sua sede central nos Estados Unidos.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma igreja cristã pro-

testante com atuação mundial, que teve suas primeiras raízes entre as décadas de 1850 e 1860, concomitantemente nos Estados Unidos e na Europa. Seu início se deu a partir de um grupo composto por homens e mulheres de várias denominações religiosas, estudiosos da *Bíblia*, que em 1863 organizou e oficializou uma estrutura denominacional, passando a adotar o nome Igreja Adventista do Sétimo Dia. No Brasil, a mensagem adventista chegou por meio de impressos que ingressaram nas colônias de imigrantes alemães e austríacos, nos estados de Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo. Hoje, são 16,3 milhões de membros em 203 países, dos quais 1,2 milhão estão no Brasil, país com maior número de adventistas no mundo. Os adventistas baseiam a fé em 27 preceitos básicos que devem ser aceitos pelos adeptos batizados.

Mórmons! Tudo começou com o Ramo aberto em 1964 - A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem uma bonita história para contar. O primeiro "Ramo" aberto em São Caetano do Sul aconteceu no ano de 1964, ainda na Rua Maranhão, nº 944, sob orientação do dirigente Osmar Contier de Freitas. O terreno da atual sede na Rua Peri, nº 254 só foi comprado em julho de 1971. Ali, em forma de mutirão, os fiéis construíram o prédio, conforme relatou no livro *Caminhos*

da Fé – Itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul, em 2004, o então segundo conselheiro Oséas Francisco Pisani. Outra data significativa foi a de maio de 1973, quando o Ramo se tornou Ala e passou a ser coordenado pelo bispo Silvio Stravate.

O citado livro, de autoria de Alexandre Toler Russo e publicado pela Fundação Pró-Memória, traz ainda a explicação de que Ramo vem ser a primeira célula organizacional dos mórmons, ou seja, a reunião de membros, ainda em uma casa comum, onde acontece a celebração da fé. Com o crescimento do número de adeptos, é então formada a Ala, um núcleo que já se reúne em um local mais apropriado.

A Ala de São Caetano do Sul, além do espaço destinado ao culto, comporta ainda a Escola Dominical, a Sociedade de Socorro e as salas reservadas ao ensino do evangelho para pessoas acima de 12 anos. Os membros são divididos em turmas diferentes. Há classes para a preparação de professores, dos jovens entre 12 e 18 anos, de moços solteiros, adultos casados, visitantes e, por fim, a classe destinada ao estudo das genealogias, pois, como se sabe, os mórmons acreditam poder salvar os antepassados.

A Sociedade de Socorro tem como meta preparar as mulheres para as dificuldades do lar, o que inclui, por exemplo, noções de

economia doméstica e reaproveitamento de alimentos. Também realizam trabalhos sociais, procurando suprir as necessidades das pessoas carentes.

A Escola Primária, por sua vez, busca transmitir às crianças os valores da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. São meninos e meninas que se envolvem desde crianças com a religião, fortalecendo o sentimento de fé e religiosidade.

Metodista: a religião de caráter ordeiro, disciplinado e metódico - O metodismo surgiu no século 18, na Inglaterra, com a proposta de reerguer a religião e combater o racionalismo dominante na época. Os irmãos Wesley, John e Charles, após intensas experiências místicas, resolveram propagar e consolidar a fé religiosa, dando início ao movimento que se espalharia pelo mundo. Eles propunham uma vida cristã mais plena e mais de acordo com os ensinamentos bíblicos. No início, eles estavam vinculados à Igreja Anglicana, mas seus modos e linguagem não eram bem vistos pelos anglicanos, e, aos poucos, acabaram por organizar uma sociedade religiosa própria.

O nome metodista foi graças ao caráter ordeiro e disciplinado, realmente metódico, praticado pelos adeptos do movimento. Até 1791, ainda estavam vinculados à Igreja Anglicana, mas vários motivos, entre os quais a questão da ordenação de presbí-

teros, acabaram por tornar inevitável a ruptura. De uma forma geral, os metodistas preocupam-se com os problemas sociais, desenvolvendo intenso trabalho em benefício dos pobres e marginalizados. Um dos aspectos dessa atividade consiste na criação e manutenção de escolas para todos os níveis e qualificações.

Segundo o já citado livro *Caminhos da Fé*, a primeira tentativa de abertura de um trabalho metodista em São Caetano do Sul foi feita pelo casal Paulo Antônio Ramos e Alzira Weishaupt Ramos na Rua Serafim Constantino, e, no ano de 1951, começaram as obras da construção do templo, que tem sua sede na Rua Maranhão, nº 1.441, no Bairro Oswaldo Cruz. Fruto de generosa oferta de Rubens Penha e de doações vindas do exterior e de campanhas locais, que levantaram os fundos necessários.

A questão social é muito forte também em São Caetano do Sul, tanto que, já em 1979, foi criada a Escola Metodista de Educação Especial O Semeador. Contudo, três anos antes, já existia um embrião da escola, quando a comunidade metodista do município se sensibilizou com os problemas enfrentados por dois jovens com deficiência de uma família de membros da igreja.

Não demorou para surgir uma clínica odontológica especializada no tratamento dentário para deficientes intelectuais, e a

escola passou a atender em regime de semi-internato alunos maiores de 15 anos. Em 1980, a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul doou para a instituição um terreno de 2.066 m², na Rua dos Meninos, nº 555, no Bairro Nova Gerty, onde foi construída a sede da escola.

Congregação Cristã chega ao Brasil em 1910 - Hoje, a Congregação Cristã no Brasil possui cinco casas de oração localizadas em São Caetano do Sul, mas esta linda história de fé começou ainda no ano de 1936, quando um grupo ministerial começou a se reunir na cidade. A primeira casa de oração só viria a ser erguida em 1947. Essa primeira sede está localizada na Rua Santa Catarina, nº 243, no Centro. As outras quatro unidades ficam nos bairros Jardim São Caetano (Avenida Jardim Zoológico, nº 233), Prosperidade (Rua do Rádio, nº 153), Barcelona (Rua Piabanha, nº 132) e Nova Gerty (Rua Luíza, nº 116).

Só na capital paulista, são mais de 30 igrejas. E em todo o Grande ABC são mais de 150 casas de oração.

O fundador da Congregação Cristã no Brasil é o italiano Louis Francescon, que chegou ao nosso país, mais precisamente em São Paulo, no dia 8 de março de 1910. Sua história começa nos Estados Unidos, onde desembarca em 3 de março de 1890 e logo se converte à fé

evangélica, inicialmente fazendo parte da Igreja Presbiteriana Italiana, que havia sido fundada recentemente em Chicago, onde passou a residir.

Segundo relato próprio, Francescon, no início de 1894, viveu uma experiência espiritual, quando numa noite, em seu quarto, ao fazer as orações, lia o capítulo 2 da *Carta de Colossenses* e, ao chegar ao versículo 12, ouviu uma voz que o acusava de não cumprir a palavra escrita na *Bíblia*. De imediato, comunicou o ocorrido às autoridades da igreja e externou sua determinação em obedecer às ordens de Deus no tocante ao batismo, conforme relatado nas escrituras.

Ele passa a seguir Giuseppe Beretta, metodista livre que se unira aos presbiterianos italianos, já que ambos tinham as mesmas concepções no condizente ao batismo. Beretta foi batizado nos moldes bíblicos e, dessa forma, pôde batizar o amigo Francescon.

Logo muitos quiseram acompanhar os preceitos pregados pelos dois. Em 1907, Francescon visita a Congregação de W. Grand Ave, gosta muito do lugar e leva todo o seu grupo. Torna-se ancião dessa igreja em 25 de junho de 1908. No ano seguinte, abandona as atividades materiais e passa a viver integralmente para as ocupações espirituais. Passa a viajar para diversas cidades dos Estados Unidos, a fim de conseguir novas conversões. Concluí-

da essa sua fase de peregrinação, decide viajar para Buenos Aires e, depois, para São Paulo, ampliando as ações da Congregação Cristã na América do Sul.

Assembleia de Deus de São Caetano é a segunda mais antiga do país

- O ano era 1938, 85 anos atrás. Chegava a São Caetano, vindo dos Estados Unidos, o casal de missionários Francisco José Estauto e Herma Estauto. Eles tinham como missão dar início à história da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no município, um trabalho que realizaram com sucesso arrebatador. De imediato alugaram uma casa na Rua Rio Grande do Sul, nº 291, onde, no dia 12 de julho daquele ano, organizaram um culto ao ar livre. Dezoito dias depois, já estavam alugando o primeiro salão.

Todos os cultos foram dirigidos pelo pastor Silvío Brito, com cooperação também de Heitor Vieira da Rocha. São considerados fundadores dessa igreja, além dos missionários citados, Luiza Estauto, Delfino Brunelli, Benedito Brunelli e Silvío Pitorre.

Dois anos depois, o casal de missionários retorna aos Estados Unidos, mas deixa na direção da igreja João Gomes Pereira, mais conhecido como pastor João Nunes, sendo que o primeiro pároco foi Alfredo Araújo Silva. Durante a administração de Gomes, aconteceram duas mudanças de endereço. Da primeira

sede na Rua Heloísa Pamplona, nº 318, mudaram para a Rua Amazonas, nº 848, e, em seguida, para o número 1.134 da mesma rua, local em que permaneceram até 1943.

Quando o evangelista Álvaro Motta administrava a igreja, os fiéis adquiriram um terreno na então Rua Goiás, nº 679, onde construíram o templo sede, que foi inaugurado em 7 de julho de 1946. Interessante frisar que a Igreja Evangélica Assembleia de Deus de São Caetano do Sul é a segunda mais antiga do Brasil, ficando atrás apenas da de Madureira, no Rio de Janeiro.

Em janeiro de 1948, a direção da entidade religiosa passou a cargo do pastor Otávio José de Sousa, que veio da Congregação do Brás, mas, logo depois, em abril daquele ano, o pastor Raymond Nonato Barreto assume a liderança local. Era oriundo do Rio de Janeiro e veio designado pelo pastor presidente da Igreja Matriz de Madureira, Paulo Leivas Macalão. Na época, após decisão aprovada em reunião de ministério, o pastor Antônio Pastori saiu à procura de um terreno no centro de São Caetano do Sul, optando pelo endereço da atual sede na Rua São Caetano, nº 54, onde foi construído o prédio inaugurado em 20 de outubro de 1991, com capacidade para 1.800 pessoas.

Desde o seu surgimento em 1938, a Assembleia de Deus não parou de crescer. Merecem des-

taque os pastores que presidiram essa igreja no decorrer de sua trajetória na cidade: João Nunes, Álvaro Mota, Raymundo Nonato Barreto, Roberto Montanheiro, José Capaubo, Francisco Sílvio Passianotti, Otavio José dos Santos, Enoc Morgado, José Eduardo Modesto, Antônio Pastori, Perácio Grilli, Firmo Chaves Silva, Júlio Cesar Silva e Aparecido Dias. No dia 14 de outubro de 2010, pastor Aparecido Dias foi jubilado, ficando como presidente de honra do campo. Na ocasião, passou a presidência ao pastor Marcos Roberto Dias, presidente atual.

Avivamento Bíblico nasceu entre eucaliptos de Rudge Ramos - A Igreja Evangélica Avivamento Bíblico (IEAB) tem fortes raízes na cidade de São Caetano do Sul, já que um dos seus fundadores no Estado de São Paulo escolheu morar nessa cidade e aqui erguer um templo nos idos de 1960. Estamos falando do seu primeiro pastor, Alídio Flora Agostinho, pai do atual pastor Alírio Misael Agostinho.

Para contar a história da Avivamento Bíblico, é necessário voltar no tempo. Essa igreja nasceu em 7 de setembro de 1946, em meio aos eucaliptos que havia no pátio, aos fundos da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, em Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo.

Um grupo de irmãos metodistas das igrejas de Tucuruvi e Vila Mazzei, bairros da capital paulista, acreditava no batismo com o Espírito Santo como uma experiência pessoal. Reunidos naquele local, juntamente com os então seminaristas Mário Roberto Lindstron, Oswaldo Fuentes e Alídio Flora Agostinho, resolveram tornar oficial o movimento naquela data, inicialmente atuando dentro da igreja metodista.

Não podendo continuar no seio da Igreja Metodista do Brasil, o grupo passou a se reunir fora, a princípio, na casa de Edmundo Branquini e, depois, na humilde residência de Lázaro Sansão, na Rua Floreal, nº 10, em Jaçanã, na cidade de São Paulo. Para isso, ele separou uma pequena “área coberta de sapé”, anexa à sua casa. Foi escolhido Tertuliano Antunes como primeiro líder do grupo, enquanto os seminaristas continuavam na faculdade de Teologia. À nascente igreja deram o nome de Igreja Evangélica Avivamento Bíblico. O jovem Agostinho foi o segundo pastor, com apenas 20 anos de idade.

No ano de 1954, o campo de Jaçanã ganha mais uma congregação. Desta vez, a tenda de lona é erguida em Santo André, onde, logo no primeiro ano, já eram 25 os batizados. Por volta do mesmo ano, ainda estavam se estabelecendo as congregações de Vila Nair, no Alto do Ipiranga, na capital, e de São Caetano do Sul.

A IEAB São Caetano do Sul, atualmente sediada na Rua Visconde de Inhaúma, nº 878, no Bairro Nova Gerty, funcionou por décadas na Rua Santos Dumont, nº152, onde hoje ainda se encontra uma pequena comunidade da igre-



Alídio Flora Agostinho, fundador e primeiro pastor da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico em São Caetano do Sul

ja. Nesse local, segundo ata de 9 de setembro de 1962, aconteceu o culto inaugural da primeira parte da construção do templo. Naquele dia, também foi eleita a primeira diretoria, formada por pastor Alídio Flora Agostinho (presidente); Isaias Moreira de Abreu (vice-presidente); Osvaldo Marcelino (1º secretário); Alcides Caetano (2º secretário); João Caetano (1º tesoureiro); e José de Oliveira (2º tesoureiro). Essa diretoria viria a ser reeleita na segunda assembleia geral, que, segundo a ata oficial, aconteceu no dia 8 de dezembro de 1963. Outro informe significativo dessa ata diz respeito ao fato de que, em 23 de janeiro de 1965, observou-se a criação dos estudos bíblicos (a serem realizados aos sábados) e da escola dominical.

Caminhada de fé evangélica norteia família a fundar igreja - A Igreja Batista Vida Nova em Jesus chega aos seus 25 anos de ação evangelizadora. Nascida oficialmente em outubro de 1998, pôde contar, em sua trajetória de memória, com a caminhada de fé da família Liron. Afinal, contar a história dessa igreja é narrar a história de João Liron e Dulce Liron, que se transferiram para São Caetano do Sul, provavelmente nos idos de 1939, com três filhos bem pequenos, entre os quais, a hoje pastora, Manoella Liron Damelio, casada com José Damelio (já falecido), pais do fundador da igreja, o pastor Márcio Liron Damelio.

Quando chegou a São Caetano, o casal Liron foi morar onde hoje é a Rua Prates, nº 328, perto da Rua Ingá, no Bairro Nova Gerty. Passaram a cultivar uma grande plantação de batatas, pois, na época, essa região da cidade era um local, ainda não urbanizado, de chácaras e sítios.

Um fato relevante desse período foi a existência de uma forte escassez que trouxe penúria e fome, mas, graças a uma abençoada colheita abundante, os Liron puderam alimentar vários vizinhos. Esse fato era sempre lembrado pela anciã da família Retamero, que não se cansava de agradecer.

Pastor Márcio Liron Damelio, neto do presbítero João e filho da pastora Manoella, contou que seu avô sempre foi muito cristão, mas que, ao ler a *Bíblia*, ficava incomodado com algumas descobertas e, como seu líder não conseguia lhe dar as respostas, decidiu procurar uma igreja onde pudesse de fato conhecer o que a Palavra de Deus ensina. E, assim, filiou-se à Igreja Batista juntamente com sua esposa e filhos Manoel, Salvador (ambos já falecidos) e Manoella. Após alguns anos de membresia, eles passaram a frequentar uma congregação batista em São Caetano, cidade onde têm o privilégio de serem fundadores da Igreja Batista no Bairro Nova Gerty.

Morador de São Caetano do Sul, João Liron gostava de sintonizar a Rádio Cacique para ouvir a Palavra pregada pelo pastor

Acervo/Pastor Márcio Liron Damelio



Presbítero João Liron e pastora Manoella Liron Damelio, da Igreja Batista Vida Nova em Jesus

Acervo/Pastor Márcio Liron Damelio



Os pastores Reinaldo Schmidt e José Francisco Taborda, da Igreja Batista Vida Nova em Jesus

Acervo/Pastor Márcio Liron Damelio



Evento festivo na Igreja Batista Vida Nova em Jesus. Foto sem data

Venâncio, principalmente porque ele ministrava sobre os dons espirituais. Em um determinado dia, ele resolveu ir até a sede da emissora, que ficava na Rua Santa Catarina, no centro da cidade. E lá acabou encontrando o pastor Reinaldo Schimidt, com quem passou a nutrir uma grande amizade, que resultou numa forte caminhada de fé, sempre com ambos valorizando os dons espirituais. Dessa amizade, surgiu uma igreja, que logo se filiou à Convenção Batista Independente, hoje Batista Filadélfia.

Assim, na casa da família Liron/Damelio, foi fundada a Primeira Igreja Batista Independente de São Caetano do Sul, que se tornou, anos depois, a Igreja Batista Filadélfia, com sede na Rua Aparecida, nº 260, no Bairro Nova Gerty. Ali, João Liron faleceu servindo como presbítero. Como recordação, há a foto dele e de sua filha Manoella cortando a fita inaugural do novo templo da Igreja Batista Independente, no atual endereço.

O tempo passa e, em maio de 1997, o jovem Márcio Liron Damelio é ordenado ao ministério pastoral na Igreja Batista Hosana, onde passa a servir como pastor dos jovens. A Igreja Hosana ficava na Rua Visconde de Inhaúma, nº 600, no Bairro Nova Gerty, mas, alguns anos depois, infelizmente, encerrou suas atividades.

Os Liron/Damelio, quando saíram da Hosana, fundaram uma nova igreja. Pastor Márcio lembra que sua mãe pregou por seis meses na casa dos irmãos em Cristo Assis e Celessina, no início das atividades de uma nova igreja, na Avenida Paraíso. Eles eram tios da Nahiana, uma menina de 12 anos, que, num momento de oração, sentiu-se tocada por Deus para apresentar a sugestão do nome da nova igreja. Ela falou em voz alta o mesmo nome com que Deus assim havia inspirado o pastor Márcio, e todos concordaram de imediato que deveria ser Igreja Batista Vida Nova em Jesus.

Ter o nome “Batista” não só é pela origem do pastor Márcio, como também pelo estilo de culto, pela linha doutrinária. Por tradição, o evangélico batista gosta muito de estudar a *Bíblia*, com as ministrações nos cultos sendo sempre muito fundamentadas nos inspirados textos bíblicos.

A igreja que, em abril de 1998, começou na casa da Avenida Paraíso se transferiu, em outubro de 1998, para a Rua Visconde de Inhaúma, nº 600, no Bairro Nova Gerty, onde antes existia a Igreja Batista Hosana. Em janeiro de 2002, foi para a Rua Visconde de Inhaúma, nº 1.013. E, desde março de 2017, está no atual endereço, na Rua Capivari, nº 276, no Bairro Nova Gerty.

Durante a pandemia da Covid-19, quando as igrejas permaneceram fechadas, pastor Márcio decide deixar a igreja aberta, respeitando as restrições legais para aquele momento, para que as pessoas tivessem um local onde orar. Era, então, comum ver fiéis orando de forma individual pelos cantos. Esse fato levou a um forte crescimento de novos adeptos. Hoje, os estudos bíblicos acontecem nas noites de quarta-feira, às 18h30, e os cultos são realizados às segundas-feiras, às 20h, e, aos domingos, às 10h15.

Há 20 anos, uma segunda Igreja Batista Vida Nova em Jesus serve os fiéis da cidade de Mauá. Lá, o responsável é o pastor Roberto Consani, auxiliado pelo pastor Daniel Tavares.

Os três pilares da Igreja Apostólica Luz do Senhor: ensino, cura e libertação - A Igreja Apostólica Luz do Senhor nasceu em 1990 em São Caetano do Sul. Seu fundador é Reinaldo Moraes, ungido pastor em 1992 e que hoje é apóstolo nessa igreja. Sua esposa na época, hoje falecida, era a pastora Teresa Moraes. O atual pastor é o filho do casal fundador, Paulo Vitor Moraes, que, na época, tinha 5 anos. Vale reforçar que, no início, não era ainda uma igreja, e sim o Ministério Luz do Senhor.

Ele nos conta que “tudo foi fruto de um sonho de Deus que gerou no coração do pastor Reinaldo o desejo de orar, buscar o Espírito Santo e reunir pessoas para estudarem sobre fé e desenvolver uma nova forma de entender a Jesus”. Assim, um grupo de poucas pessoas numa pequena sala (sobreloja) na Avenida Goiás, no centro da cidade, reunia-se para orar.

Com o fortalecimento e crescimento do grupo, que não coube mais naquele espaço, transferiu-se para um espaço maior na Rua Manoel Coelho e, logo em seguida, para a Rua dos Autonomistas. Desde 1994, a sede é na Rua Tenente Antônio João, nº 275, no Bairro Santo Antônio. “Aconteceu tudo rapidamente. No início, tínhamos só um microfone com uma pequena caixa de som, um violão e algumas cadeiras. Quatro anos depois, estávamos instalados num prédio de três andares que já abrigara no passado uma indústria”.

Pastor Paulo se recorda de que o plano de ir para um local tão grande assustou muitos fiéis, mas pastor Reinaldo sempre confiou na promessa de Deus e nas mensagens que Ele lhe mandava e não teve medo de abraçar o projeto por entender que se tratava de uma experiência de fé. “Costumava dizer que antes era um fusca cheio e agora era um ônibus quase vazio. Antes, era uma sala bem pequena e agora um prédio de três andares. Mas logo começaram a vir famílias de todas as cidades do Grande ABC, até de longe, como Ribeirão Pires”.

A igreja trabalha com três bases: ensino – cura – libertação, mas com a preocupação sobre o que vai acontecer após essa cura, após essa aprendizagem. Pastor Paulo diz que “é preciso se libertar dos vícios. Só a cura não basta. É preciso passar por um aprendizado para poder mudar. Trabalhamos com ensino da Palavra. Como diz a *Bíblia*, conhecer a Verdade. Jesus é a Luz. Deus orientou nosso fundador que o ensino é a maior luz que o ser humano pode receber, pode ter”.

A igreja permanece aberta de terça a domingo, das 9h às 22h. Os encontros semanais acontecem às quartas-feiras, às 20h, e aos domingos, às 9h30, e o seminário, às terças e sextas-feiras, às 20h30. Um dos orgulhos dessa igreja é o fato de que, nestes poucos 33 anos, já formou mais de 20 outras igrejas no ABC e em todo o Brasil, as quais hoje já andam com suas próprias pernas, sempre no serviço de evangelizar, de levar a Palavra de Deus.

58 anos marcam a história dessa importante igreja - A Primeira Igreja Batista Filadélfia em São Caetano do Sul é uma das mais antigas e respeitadas da cidade e conta, atualmente, com 67 membros. Fundada em 24 de outubro de 1964, funciona em sua sede própria com capacidade para 250 pessoas. Em conformidade com a influência dos missionários pioneiros, essa igreja possui um forte apreço por missões; além das ofertas e doações encaminhadas à Convenção das Igrejas Batistas Independentes e à secretaria de missões.

A história conta que, no dia 24 de outubro de 1964, em um salão na Rua Visconde de Inhaúma, nº 545, foi organizada a Primeira Igreja Batista Pentecostal no município, com 38 membros. Na sequência da sua organização, a igreja pediu a consagração do irmão Reinaldo Schmidt ao Ministério da Palavra e, assim, o agora pastor Schmidt foi empossado presidente da nova igreja.

Com a ajuda dos fiéis, foi construído um pequeno prédio nos fundos de um terreno, conhecido como igrejazinha, depois, houve a construção de um segundo prédio, agora na frente desse terreno, e, finalmente, a construção do prédio maior, sobre a segunda edificação, com entrada pela Rua Adelaide, nº 175, Bairro Boa Vista.

Ao longo dos seus 58 anos, a igreja passou por três alterações de nome: organizada com o nome de Primeira Igreja Batista Pentecostal em São Caetano do Sul em 24 de outubro de 1964, teve seu nome alterado para Igreja Batista Independente em São Caetano do Sul em 25 de outubro de 1979 e, finalmente, Primeira Igreja Batista Filadélfia em São Caetano do Sul, em 26 de novembro de 2000.

Quatro foram os seus pastores: Reinaldo Schmidt, de 1964 a 1973; Jair Paulino Avelar, de 1973 a 1984; José Francisco Taborda, de 1984 a 2019, quando foi jubilado; e José Altair Pereira, de 2020 a 2022. Atualmente, o pastor é Richard Godoy Bueno. É importante ressaltar a presença marcante do pastor José Macrino Carvalho, pastor local muito querido na igreja. **(Humberto Domingos Pastore) ■**

Família Castaldelli: uma história de sucesso

 Paulo Alves da Rosa

A TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA CASTALDELLI, que comanda a rede de supermercados Joanin, está diretamente ligada ao desenvolvimento de São Caetano do Sul e da região, especialmente nos últimos 60 anos. E, para contar um pouco dessa história, é preciso voltar ao início dos anos de 1940, quando a cidade e o Grande ABC viveram um momento de grandes transformações econômicas e sociais.

O desenvolvimento caminhava a passos largos, com a chegada de novas empresas e a instalação de comércios para atender à demanda dos traba-

lhadores que se mudavam para a região. Ambiente muito propício para novos empreendedores. Foi o que enxergou Angelina Castaldelli, que, pensando num futuro melhor para os filhos, decidiu que era preciso ter o seu próprio negócio.

E foi assim que ela abriu seu primeiro armazém de secos e molhados, conhecido como a “Venda do Seu Joanin”, na Vila Gonzaga, atual Bairro Oswaldo Cruz, em São Caetano do Sul. O endereço, Rua Ingá com a Oswaldo Cruz, se tornaria uma das esquinas mais conhecidas ao longo dos anos, referência de

uma história de muito trabalho e de sucesso nos negócios.

Para abrir a “vendinha”, Angelina, filha de colonos italianos, pediu ajuda ao pai, comerciante na Vila Prudente, em São Paulo. Seu esposo, João Castaldelli, habilidoso marceneiro, deixou seu trabalho na General Motors para que, juntos, pudessem dar início a um dos mais prósperos negócios iniciados naquela época. Assim nasceu a rede Joanin, a primeira rede privada de supermercados da região, considerada hoje a maior do Grande ABC.

Com a dedicação de Angelina e o incansável trabalho de



João Castaldelli, que buscava, com sua carroça, novas mercadorias na Rua Santa Rosa, na capital, o armazém começou a conquistar a clientela da redondeza. Ela, sempre visionária, almejava ampliar o seu estabelecimento, algo que não demorou muito para acontecer.

O espaço cresceu, mas o cuidado que Angelina tinha com seus clientes era maior ainda. Na época, era comum o uso da caderneta, com as compras feitas na base da confiança. Chegaram a ter 750 cadernetas, onde tudo era anotado durante o mês e o acerto era feito “no dia do pagamento”. Na ocasião, os clientes ganhavam uma lata de doce pela sua fidelidade.

Na década de 1950, os negócios já começavam a prosperar, e os Castaldelli decidiram am-

pliar a oferta de produtos, que estavam mais focados nas necessidades diárias das famílias. Iniciaram a venda de materiais de construção no armazém e, ainda, deram início ao comércio por atacado. Também passaram a fazer entregas, em casa, para 4,8 mil funcionários da Aços Villares. Era o início do *delivery*, considerado um dos maiores desafios da história da “Venda do Seu Joanin”.

Os anos de 1960 marcam o início de uma nova atividade comercial: os supermercados, também conhecidos como autosserviços ou peg-pag, numa referência a uma rede consagrada da capital. Em 1963, acontece a abertura da empresa Cerealista Oswaldo Cruz, data que marca o início de uma nova fase na história dos negócios da família

Armazém de secos e molhados do casal João e Angelina Castaldelli, situado na esquina das ruas Oswaldo Cruz e Ingá

Com a dedicação de Angelina e o incansável trabalho de João Castaldelli, que buscava, com sua carroça, novas mercadorias na Rua Santa Rosa, na capital, o armazém começou a conquistar a clientela da redondeza. (...)



Credito: Jornal Consciência

O casal João e Angelina Castaldelli no armazém de secos e molhados que ficou conhecido como a "Venda do Seu Joanin"

Castaldelli. E, em 1969, mais duas conquistas marcantes: as inaugurações do depósito, na Rua Antônio Bento, e da Loja 1 dos Supermercados Joanin, na Rua Oswaldo Cruz, nº 1.363.

Em 1970, a empresa registrou o nome e o logotipo Joanin no Instituto Nacional de Propriedade Industrial. No mesmo ano, deu início a um processo de ampliação da rede, com inaugurações de novas lojas (atacado e varejo) em São Caetano do Sul, Santo André e na capital.

As décadas de 1980 e 1990 marcam a expansão e consolidação dos Supermercados Joanin como a maior rede privada de supermercados da região. E, com a ideia de sempre reinvestir os lucros que obtinham nos próprios negócios, seja na compra de mercadorias ou abrindo outras lojas, foram inauguradas mais de dez novas unidades, espalhadas

por toda a região (São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo, Santo André, Diadema e São Paulo), além da construção de uma nova Loja 1, reinaugurada em 1993.

Nas décadas de 2000 e 2010, a rede de supermercados Joanin manteve seu processo de crescimento, com inaugurações e ampliação dos seus serviços. Suas lojas chegaram às cidades de Mauá e Ribeirão Pires. São Caetano do Sul ganhou mais duas unidades, uma no Bairro da Fundação e outra no Bairro Santa Maria. Em 2014, foi inaugurada a primeira Drogaria Joanin, na Loja 1, que passou por nova reformulação.

Em 2023, quando completa 60 anos de autosserviço, mais uma grande conquista da família Castaldelli: a inauguração do novo centro de distribuição. O espaço, localizado na Rodovia Anchieta, km 17, em São Bernardo do Campo, possibilitará grande ganho logístico.

A "Venda do Seu Joanin" cresceu e multiplicou-se. Hoje, conta com 20 lojas e sete drogarias, instaladas na região do Grande ABC e na capital, que empregam mais de 2,2 mil colaboradores e têm circulação média de 40 mil pessoas por dia. A empresa também se destaca pelo trabalho em família. Os irmãos Alécio Castaldelli, Janete Castaldelli e Rubens Castaldello formam o "trio de ferro" que comanda a rede de supermercados. E não é só. A família também é maioria em toda a estrutura administrativa e de gestão da empresa.

A rede de supermercados Joanin está sempre crescendo e inovando, sem, porém, esquecer do pioneirismo e, principalmente, dos ensinamentos do casal João e Angelina Castaldelli, que, com trabalho, respeito, dedicação, simplicidade e honestidade, construiu uma bela história de sucesso.

Família Castaldelli – Segunda geração - João e Angelina Castaldelli criaram os filhos para trabalhar. Alécio e Rubens ainda eram crianças quando começaram a ajudar os pais nos negócios. Janete era amamentada embaixo do balcão da "vendinha" e dormia dentro de um caixote de batatas. Estudaram pouco. Alécio não concluiu o ensino fundamental. Rubens estudou um pouco mais, formou-se, e Janete concluiu o ensino superior, formando-se em Direito.

Alécio Castaldelli é reconhecido como um grande negociador, aquele que sabe comprar. Casado com Nereide Castaldelli Vitale, tem quatro filhos: Marisa Castaldelli Vidoz, Sergio Castaldelli (falecido), Renata Castaldelli de Souza e Alécio Castaldelli Júnior. A família cresceu com a chegada dos netos Henrique, Otávio, João Sérgio, Victória, Rafael, Rodrigo, Giulia e Henri.

Rubens Castaldello é considerado um estrategista nato, com visão sobre novos negócios. Foi casado com Nitta Lisa com quem teve três filhos: Rubens Castaldello Júnior, Fernanda Lisa Castaldello e Andrea Lisa Castaldello. A família se completa com os netos Juliano, Lucas, Murilo, Letícia e Rafael.

Janete Castaldelli Finamore, a caçula da segunda geração, é respeitada por sua integridade e seriedade. É casada com Mario Rosario Giordano Finamore, com quem tem dois filhos: Mário Sergio Castaldelli Finamore e Daniela Castaldelli Finamore Marassi. Dois netos completam a família: Maria Angelina e Antonella.

Homenagem à família Castaldelli - Em 30 de agosto de 2009, a prefeitura de São Caetano do Sul, na gestão de José Auricchio Júnior, inaugurou o Centro Integrado de Saúde e Educação (Cise) João Castaldelli, no Bairro Olímpico, em homenagem



Inauguração da loja 3 da rede Joanin na Rua Nelly Pellegrino, no Bairro Nova Gerty, em 1981



Avenida Paulo Alves da Rosa

ao fundador da rede de supermercados Joanin. O espaço é dedicado exclusivamente ao atendimento do público de terceira idade, com oferta de atividades de educação, cultura e lazer, além de serviços específicos para os maiores de 50 anos de idade.

Em 2023, o Cise João Castaldelli mudou de endereço devido às obras para a construção do parque linear da Avenida Presidente Kennedy. Foi para um espaço maior e mais adequado para a utilização dos seus frequentadores, na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, nº 1.245, no Bairro Olímpico. ■

Fachada do prédio que abriga o Cise João Castaldelli, situado, desde 2023, na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, nº 1.245, no Bairro Olímpico

Referência Bibliográfica
Supermercados Joanin: A esquina da história (edição comemorativa de 50 anos). São Caetano do Sul: Agência - Comunicação Brasil Ltda., 2014

Paulo Alves da Rosa é jornalista e editor de jornais e revistas. Criador e editor do *Jornal Convivência* há 28 anos. Trabalhou nas assessorias de imprensa da Prefeitura de São Caetano do Sul, na Câmara de Vereadores e na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs).

Hospital Infantil e Maternidade Márcia Braido: 50 anos de uma instituição pública pioneira na região

UM LUGAR “ONDE AS CRIANÇAS TÊM UM HOSPITAL SÓ PARA ELAS”. Em São Caetano, o sonho da construção de um hospital público centralizou e impulsionou os esforços das lideranças que defenderam a autonomia da localidade em relação à cidade de Santo André. A autonomia político-administrativa foi conquistada em 1948, após o vitorioso plebiscito de 24 de outubro, e o sonhado hospital passou a funcionar em 1954, ano da inauguração do (então) benemérito e filantrópico Hospital São Caetano. Cerca de 12 anos depois seriam firmadas as bases de um novo estabelecimento público, tão pioneiro quanto aquele primeiro hospital não só na cidade, mas em toda a região: um hospital só para crianças.

Essa louvável realização foi uma iniciativa do prefeito Hermógenes Walter Braido em sua primeira administração (1965-1969), que, bem

de acordo com o lema que adotara para expressar sua filosofia administrativa, almejava erigir uma “Cidade Nova”. Na área da saúde pública, a assistência médica prestada às gestantes e às crianças ganhou ímpeto com a construção e reestruturação de postos de puericultura e, afinal, com o ambicioso projeto de um hospital infantil. Depois de amplos estudos técnicos direcionados para a consecução do projeto, ocorreu, em novembro de 1966, na Vila Paula (atual Bairro Santa Paula), a solenidade – assistida por algumas “centenas de mães sancaetanenses” – de lançamento da pedra fundamental da casa de saúde infantil, situada na confluência das ruas Luiz Louzã e Rio de Janeiro. Por efeito da lei nº 1.590, de 3 de agosto de 1967, o novo hospital recebeu a denominação de Márcia Braido, em homenagem à filha do prefeito Walter Braido.

A administração municipal estabelecera como propósito a construção e instalação de um hospital infantil nos moldes mais inovadores da época, atendendo às exigências médicas e, em termos de capacidade de atendimento, às necessidades da população infantil da cidade. Os índices de mortalidade infantil, no Brasil daquele tempo, eram bastante expressivos e há muito preocupavam médicos, estudiosos do tema e autoridades públicas. O prefeito acreditava que o poder público sul-são-caetanense tinha condições de resolver ou atenuar esse problema em âmbito municipal, e isso se daria, principalmente, por meio da construção de um hospital que fosse concebido e executado em consonância com as diretrizes técnicas mais avançadas então disponíveis. Engenheiros e especialistas em instalações hospitalares orientaram a edificação do prédio em formato circular, obedecendo ao que havia de mais atual em termos pediátricos e, além disso, procurando garantir a máxima funcionalidade do

estabelecimento. Todo o equipamento para o novo hospital foi adquirido nos Estados Unidos e na Alemanha e era, segundo uma publicação da prefeitura, “o mais moderno existente”.

No início de 1969, o edifício estava concluído e todo equipado. Antes de entregar a gestão a seu sucessor, Braido ainda quis estabelecer uma estrutura administrativa para cuidar da casa de saúde. Pela lei nº 1.744, de 17 de janeiro daquele ano, ficou o Executivo municipal autorizado a instituir a Fundação Municipal da Saúde, à qual seria confiada a administração e manutenção do hospital pediátrico. No entanto, nem o hospital nem o seu órgão gestor entrariam tão logo em funcionamento. A instituição de saúde pública ficou embargada durante os quatro anos da segunda administração de Oswaldo Samuel Massei, prefeito municipal de 1969 a 1973. Walter Braido, reconduzido à prefeitura em 1973, não tardou em tomar todas as providências necessárias para que seu acalentado projeto fosse colocado em prática, ordenando reparos no prédio e no equipamento então abandonados. Foi quando pôde vir à luz, finalmente, a referida fundação (Fumusa), criada por lei (nº 2.033) de 4 de maio do mesmo ano, dando-lhe o caráter de “personalidade jurídica própria de direito público, sede e foro no Município de São Caetano do Sul, destinada, precipuamente, a manter, sem fins lucrativos, o HOSPITAL INFANTIL ‘MÁRCIA BRAIDO’”.

Em alguns meses, de fevereiro a julho de 1973, Braido capitaneou um trabalho intensivo, executado por várias equipes, para colocar em funcionamento o hospital infantil, pioneiro no gênero em toda a região. Solenemente inaugurado, no dia 28 de julho, com a presença de diversas autoridades públicas (como o governador do Estado de São Paulo, Laudo Natel), o equipamento foi saudado por grande parte da população de São Caetano e, em breve, dos municípios vizinhos, que também se utilizariam de seus serviços. As palavras iniciais do prefeito, naquela ocasião, sintetizam a expectativa dominante: “A minha felicidade, da minha família e dos meus colabo-



O Hospital Infantil Márcia Braido em foto recente



Acerva/PMSCS



Acerva/PMSCS

O Hospital Infantil Márcia Braido em construção. As obras se iniciaram em 1967 e, ao término da primeira administração Walter Braido (1965-1969), o prédio já estava concluído, mas só seria inaugurado em 28 de julho de 1973



Recepção do hospital infantil em foto da década de 1970



Criança sendo medicada sob os cuidados do Dr. Ângelo Antenor Zambom, primeiro diretor-clínico do hospital infantil. Foto da década de 1970

radadores seria a de que este hospital ficasse sempre vazio. Como isto, infelizmente, é impossível, procuramos dotar esta casa de todos os recursos capazes de salvar a vida e preservar a saúde de todos quantos o procurarem”.

A relevante atuação do hospital infantil logo se traduziria em números. Sob gerência da Fundação Municipal da Saúde, cuja presidência foi entregue a Francisco Locoselli, e tendo como diretor-clínico Dr. Ângelo Antenor Zambom, entre uma diversificada equipe de enfermeiros e médicos de várias especialidades, o Márcia Braidó teve cerca de 50% dos seus leitos permanentemente ocupados durante o primeiro ano de atendimento, prestando socorro a mais de 42 mil crianças. Segundo as estatísticas referidas pelo órgão da prefeitura, os pacientes provinham, em ordem de importância, dos seguintes municípios: São Caetano do Sul, Santo André, São Paulo, São Bernardo do Campo, Mauá, Ribeirão Pires, Diadema e Rio Grande da Serra. Os primeiros dados já apontavam que a instituição de saúde prometia assumir um lugar de destaque em âmbito regional.¹

Ao longo dos anos, o hospital passou por reformas e reestruturações em termos de funcionamento,

instalações e equipamentos, modernizando-se e expandindo-se em conformidade com os avanços científicos e tecnológicos que reverberaram na área da saúde. Expandiu-se, além disso, com a estruturação de sua maternidade, que foi incorporada ao nome da instituição pela lei nº 4.125, de 3 de abril de 2003, e, finalmente, pela lei nº 4.205, de 3 de março de 2004, pela qual passou a denominar-se Hospital Infantil e Maternidade Márcia Braidó. A lei nº 5.542, de 16 de agosto de 2017, autorizou a extinção da Fundação Municipal da Saúde, transferindo suas atribuições, obrigações, bens e recursos financeiros à Secretaria Municipal de Saúde (Sesaud). Em 2019, por meio do decreto nº 11.475, de 30 de outubro, foi denominado “Complexo Hospitalar Municipal o conjunto dos hospitais municipais formados pelos edifícios ‘Márcia Braidó’, ‘Maria Braidó’ e ‘Euryclides de Jesus Zerbini’, em toda sua extensão, (...) situado na Rua São Paulo, 1.840, Bairro Santa Paula, nesta cidade de São Caetano do Sul”.²

Hoje, o Complexo Hospitalar Municipal (CHMSCS) está sob gestão da Fundação do ABC (Organização Social de Saúde e entidade filantrópica de assis-

tência social, saúde e educação, instituída em 1967).³ Após tantas mudanças, o hospital infantil inaugurado em 1973 continua sendo referência no serviço prestado às crianças do município e da região, realizando atendimentos e/ou internações nas áreas de pediatria, ortopedia infantil, ginecologia, pré-parto e maternidade. A casa de saúde também oferece exames laboratoriais e radiológicos em ambientes preparados para um atendimento humanizado e eficiente.

Tendo completado 50 anos de atividade em São Caetano do Sul, o Hospital Infantil e Maternidade Márcia Braidó une-se ao seleto rol das instituições públicas que, além de prestarem serviços essenciais à comunidade, integram o patrimônio de valor histórico do município, a cuja identidade o referido hospital, na memória de tantos usuários e moradores, acha-se estreitamente ligado. **(Rodrigo Marzano Munari) ■**

¹ As informações sobre o projeto do hospital infantil, sua construção e seus primeiros tempos de funcionamento foram extraídas, principalmente, das seguintes publicações administrativas: *Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul – Cidade Nova* (primeira administração Walter Braidó – 1965-1969); *Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul – Cidade Nova – São Caetano do Sul vai bem de saúde* (segunda administração Walter Braidó – 1973-1977). Foi também consultado o suplemento especial do *Jornal de São Caetano*, de abril de 1967: *Dois anos de trabalho e tranquilidade*. Centro de Documentação Histórica da Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul (FPMSCS).

² As leis municipais referidas neste artigo foram consultadas no seguinte endereço: <https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/5281/leis-de-sao-caetano-do-sul/>.

³ Sobre a Fundação do ABC, consultar o site da entidade: <https://fuabc.org.br/quem-somos/historico/>.

Estigmatinos: frutos de 100 por um!

 João Tarcísio Mariani

ERA 22 DE DEZEMBRO DE 1923, sábado à tarde. Chegava ao povoado de São Caetano um sacerdote italiano, Giovanni Battista Pelanda (logo abrazeirado para padre João Batista), da Congregação Estigmatina, que foi recebido com muita alegria. Essa alegria se justificava por vários e bons motivos:

- 1º) Porque a população local há muito tempo clamava pela presença regular de pelo menos um sacerdote;
- 2º) Porque o padre João Batista vinha de Verona, norte da Itália, região de onde viera a maior parte dos imigrantes que aqui chegaram para ocupar o núcleo colonial em 1877;
- 3º) Porque São Caetano, se na

época contasse com cinco mil habitantes, 4.999 eram católicos e um era “espírito”, entendendo-se, não era espírita; quem não era católico era considerado “espírito de porco”!

4º) Porque, com a vinda permanente de um sacerdote para São Caetano, oferecia-se a oportunidade da criação de sua primeira paróquia, o que efetivamente aconteceu em 1924.

Portanto, os estigmatinos comemoram 100 anos de presença em São Caetano em 22 de dezembro de 2023! Vamos reviver, em resumo, esse centenário década por década?

Década 1923–1933 - A primeira década começa, como já

dissemos anteriormente, com a chegada do primeiro sacerdote estigmatino a São Caetano, padre João Batista Pelanda, assim narrada por ele próprio: “Em obediência aos meus superiores, aqui cheguei na tarde do sábado, 22 de dezembro de 1923, começando logo o meu ministério pela assistência a um casamento, a isso autorizado por provisão regular do Exmo. Vigário Geral Monsenhor Dr. E. Teixeira.”

No ano seguinte, em 28 de março de 1924, Dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, cria a Paróquia de São Caetano e nomeia como primeiro vigário o próprio padre João Batista Pelanda. Ele toma posse e, de imediato, percebe que sozinho não poderia dar conta do



Lançamento da pedra fundamental da Matriz Nova em 17 de agosto de 1930. O evento reuniu autoridades eclesíásticas e políticas, além de integrantes de associações beneficentes e esportivas e de uma grande massa de fiéis. Em primeiro plano, à direita, o padre Alexandre Grigolli, então auxiliar do padre José Tondin

trabalho. Por isso, diante das necessidades espirituais da população que, dia após dia, vinham aumentando, recorre aos seus superiores, que, prontamente, atendem-no, enviando um precioso auxílio na pessoa do padre Alexandre Grigolli, que era um dos três primeiros estigmatinos que haviam chegado ao Brasil em 1910 e cujas múltiplas aptidões somente podiam torná-lo muito querido por todos. Assim, a partir de 1925, os padres Pelanda e Grigolli cuidam da estruturação da paróquia, a começar pela catequese das crianças (imaginem: mil garotos matriculados!). Enorme incremento é dado à Pia União das Filhas de Maria e à Congregação Mariana, movimentos que se tornaram marcantes na cidade, pois, além de contribuírem para a formação cristã de moços e moças, promoveram um espírito de comunidade tal que os grandes acontecimentos referentes à arte, ao

esporte e ao lazer neles encontraram apoio e incentivo.

Após quatro anos de intenso trabalho, padre Pelanda volta definitivamente para a Itália, e vem substituí-lo o segundo vigário, padre José Tondin, que assume no dia 18 de abril de 1929.

Na ocasião, a cidade se apresentava em ritmo acelerado de crescimento, o que faz os padres Tondin e Grigolli sentirem a necessidade urgente da construção de uma igreja maior.

Para isso, os dois sacerdotes e o casal Ernesto e Anna Baraldi fizeram um acordo de permuta-doação de um amplo terreno localizado onde hoje está a Matriz Sagrada Família. Em 1930, foi lançada a pedra fundamental da Matriz Nova. No final de 1931, padre Tondin deixa a paróquia, entrando em seu lugar o terceiro vigário, padre Alexandre Grigolli.

Aqui, cabe abrir um parêntese para registrar que esse pároco foi alvo de muitas citações na revista



Padre Alexandre Grigolli, um dos pioneiros da Congregação Estigmatina no Brasil e em São Caetano. Chegou à cidade no dia 9 de fevereiro de 1924, aqui permanecendo até abril de 1946

Raízes ao longo dos 30 anos de edições, mas, em especial, vale destacar um artigo publicado em seu número 59, de julho de 2019, nas páginas 25 a 30, cujo título é *Sete oferecimentos... Sete instrumentos... Sete sacramentos* e que conta um pouco da história de vida do padre Alexandre Grigolli.

Voltemos a falar da primeira década e da luta com extremo empenho desse sacerdote que foi o responsável pelo início das obras da nova Matriz, as quais, já no Natal de 1933, compreendiam a Capela Mor (terminada), sendo-lhe anexado o barracão que serviu de capela provisória, na qual foi celebrada a primeira missa por intenção dos benfeitores.

Década 1933–1943 - Os estigmatinos se dedicam a São Caetano, em atividades ininterruptas

tas, desde 1923 e deixam nestes 100 anos para a cidade:

- O legado da fé, ao alimentarem a vida espiritual das famílias pelos batizados, casamentos, e participação em missas de júbilo ou de pesar;
- O legado cultural, ao preservarem um patrimônio histórico e artístico que é a própria Matriz Sagrada Família. Além disso, o legado cultural criou vínculos afetivos com a cidade, graças às manifestações artísticas por eles realizadas, como a promoção de música de alta qualidade, tendo como cenário a própria igreja, e a construção de um teatro, da primeira sede social e do Cine Paroquial;
- O legado educacional, quando a Congregação decidiu construir uma escola à altura de São Caetano. Em 1939, fundaram a Escola Paroquial São José. Mais tarde, ela recebeu o nome de Escola Paroquial São Caetano e, por último e até hoje, a denominação de Instituto de Ensino Sagrada Família, mantendo sempre elevado padrão de ensino na cidade;
- Não podemos nos esquecer ainda das diversas comunidades paroquiais nascidas em São Caetano pelas mãos dos estigmatinos: Nossa Senhora da Candelária, Nossa Senhora Aparecida, São João Batista, entre outras;



- Na história recente, os estigmatinos trouxeram para a nossa cidade o Encontro Internacional da Juventude Estigmatina (Eije), em 2013, e o Seminário Nacional de Iniciação à Vida Cristã, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 2014;

Dentre os legados de fé e de cultura, o último destaque veio em 2017 por meio da abertura do Museu Sagrada Família – Catequese e Arte. Esse museu é uma obra que abraça a Matriz Sagrada Família, formando com ela um só corpo e um só espírito. Ele consolida a presença dos estigmatinos entre nós, como história que foi, que é, e que será de *Catequese e Arte*.

O Museu Sagrada Família já nasceu com a aura do grande artista de arte sacra do Brasil, Cláudio Pasto, que, infelizmente, deixou-nos antes de ver a sua obra *Chuva do Advento* lá ser colocada. O insigne artista, além de ter colaborado com o espaço a partir de suas sugestões, legou a sua obra como verdadeiro presságio do futuro exitoso do museu.

Merecem ser homenageados, pelos 100 anos de fé e vida em São Caetano, todos os estigmatinos que por aqui passaram, estão passando e passarão deixando estigmas das virtudes do fundador da congregação, São Gaspar Bertoni. E, por isso mesmo, mostrando a sua capacidade de empreender na humanização e na santificação de cada um que nesta cidade teve o privilégio de conviver e ter o seu histórico de religiosidade escrito por meio dos estigmatinos.

A cidade de São Caetano do Sul tem muito a agradecer a esses religiosos, porque deles recebeu e continua recebendo caminhos de esperança e palavras de vida eterna. As sementes plantadas em São Caetano pelo pioneiro estigmatino em 1923 geraram frutos que se estendem até hoje, portanto, frutos de 100 por um!

Muito obrigado e parabéns, estigmatinos! ■

João Tarcísio Mariani
é membro da diretoria do Museu Sagrada Família – Catequese e Arte e do grupo de Educadores da Fé - monitores do Museu. É também membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Atende Fácil: 15 anos de serviços prestados à população de São Caetano do Sul

CONQUISTADA A SUA AUTONOMIA político-administrativa, em 1948, o antigo subdistrito de São Caetano (da cidade de Santo André), transformado em município de São Caetano do Sul, pôde desenvolver-se sob a atuação de seus próprios administradores e legisladores, eleitos pela população da nova cidade. No decorrer das últimas décadas, diversas iniciativas do poder público municipal colocaram em prática o compromisso de atender às principais demandas dos munícipes e, de outro lado, promover ações de incentivo ao empresariado, alavanca do desenvolvimento econômico da localidade.

Uma dessas iniciativas foi, sem dúvida, a medida que criou um braço da prefeitura na região central da cidade, com o objetivo expresso de prestar atendimento ao cidadão. No primeiro semestre de 2008, último ano de seu primeiro mandato, o prefeito José Auricchio Júnior anunciou a implantação do Atende Fácil, espécie de “Poupatempo municipal” que concentraria diversos serviços da

prefeitura, e, como unidade integrada do Atende Fácil Empresa, voltado para o atendimento ao setor empresarial.

O espaço tem cerca de 8 mil metros quadrados e é completamente operado e custeado pela administração. O governo municipal investiu cerca de R\$ 2,5 milhões no local. Após passar por uma série de testes e simulações operacionais, o equipamento público, situado na Rua Major Carlo Del Prete, nº 651, foi oficialmente inaugurado em 29 de maio de 2008 e passou a funcionar, efetivamente, a partir de 2 de junho do mesmo ano. Quando de sua inauguração, o prefeito Auricchio destacou a centralidade do empreendimento: “O Atende Fácil é uma vitória para São Caetano. Ele vai funcionar como uma sede da prefeitura na região central e, além de beneficiar os moradores que vão dispor de seus serviços, também será importante para movimentar ainda mais o comércio local”.

O Atende Fácil Empresa funciona, essencialmente, como um agente mediador na criação de

novas oportunidades de negócios, atendendo a todas as vertentes do empresariado. Entre seus benefícios está a abertura de firmas de modo rápido, fácil e com baixo custo, permitindo o acesso ao mercado e fortalecendo, principalmente, as micro e pequenas empresas de São Caetano do Sul. O espaço empresarial proporciona a redução da informalidade gerando novos postos de trabalho e um aumento no segmento produtivo.

A unidade avançada da prefeitura conta com estacionamento, espaços de convivência, auditório e diversos serviços de apoio ao munícipe. Através de seu portal na web, o Atende Fácil WebServiços, qualquer cidadão pode solicitar alguns dos serviços disponibilizados pelo Atende Fácil de forma simples e rápida, além de poder consultar o status de suas solicitações sem a necessidade de comparecimento ao local. No site (<https://atende-facil.saocaetanodosul.sp.gov.br/Portal>), pode ser acessada a lista completa dos serviços oferecidos ao cidadão e à pessoa jurídica.



Fachada do Atende Fácil, criado em 2008 para ser uma unidade avançada da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul no centro da cidade

Lista de órgãos cujos serviços são disponibilizados no Atende Fácil:

CERT - Coordenadoria de Empreendedorismo, Renda e Trabalho

IIRGD (RG) - Instituto de Identificação Ricardo Gumbleton Daunt

PROCON - Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor

SAESA - Sistema de Água, Esgoto e Saneamento Ambiental

SEAIS - Secretaria Municipal de Assistência e Inclusão Social

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEDETI - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho, Turismo, Tecnologia e Inovação

SEFAZ - Secretaria Municipal da Fazenda

SEJUR - Secretaria Municipal de Assuntos Jurídicos

SELJ - Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude

SEMOB - Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana

SEOHAB - Secretaria Municipal de Obras e Habitação

SEPLAG - Secretaria Municipal de Planejamento

SEPLAG 1 - Departamento de Administração e Recursos Humanos

SEPLAG 6 - Departamento de Controle Urbano

SESAUD - Secretaria Municipal de Saúde

SESURB - Secretaria Municipal de Serviços Urbanos

Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo - TRE/Cartório Eleitoral das Zonas 166ª e 269ª S. C. Sul

VIPE - Viação Padre Eustáquio Ltda.

O Atende Fácil alcançou, em junho de 2023, a marca de 15 anos de serviços prestados aos munícipes, tendo realizado mais de 7 milhões de atendimentos e contando com 97% de aprovação popular. Para o prefeito Auricchio, esse “elevado índice de aprovação confirma que estávamos certos quando concentramos o maior número de serviços públicos em um único local, facilitando o dia a dia dos moradores. Por isso, o Atende Fácil é motivo de grande satisfação”. Hoje, concentram-se no local 490 serviços, que solucionam problemas diversos e facilitam a obtenção de documentos – como o RG, o Cartão São Caetano e o Cartão do Sistema Único de Saúde –, contribuindo, inclusive, para a conquista de um emprego ou a formalização de uma empresa.

Mais recentemente, o prefeito José Auricchio Júnior colocou à disposição da população outros dois equipamentos do Atende Fácil. O Atende Fácil Express foi inaugurado em 13 de novembro de 2019 no Bairro Prosperidade (Avenida Prosperidade, nº 441). Fechada durante a pandemia de Covid-19, a unidade foi reinaugurada em 23 de maio de 2022, visando ofertar todos os serviços municipais que já são prestados na unidade do Centro.

No dia 16 de abril de 2023, foi inaugurado o Atende Fácil Saúde Pedro Kassab. Localizado na esquina das avenidas Goiás e Senador Roberto Simonsen, oferece um Centro de Especialidades Médicas, Centro de Exames e Diagnósticos e a primeira farmácia pública 24 horas da região. Além disso, o local conta com três consultórios para consultas *on-line*.

Essa expansão é demonstrativa da eficácia do equipamento, que vem se renovando e se aperfeiçoando, sobretudo nas formas de atendimento por via digital. Vida longa ao Atende Fácil! **(Serviço de Difusão Cultural) ■**



O prefeito José Auricchio Júnior e a primeira-dama Denise Auricchio na inauguração do equipamento, em 29 de maio de 2008



Equipe da então Diretoria de Desenvolvimento Econômico (Decon) da prefeitura, em 3 de junho de 2008, entrega o primeiro alvará de funcionamento do Atende Fácil Empresa para o empresário Aldo Ferreira Ramos Júnior



Uma das áreas de atendimento do equipamento em foto de 2011. Em 2023, o Atende Fácil completou 15 anos de serviços prestados, com aprimoramento constante de suas tecnologias para melhor atender às demandas dos munícipes

A árdua missão de resgate do Hino da Autonomia de São Caetano do Sul

AS NOVAS GERAÇÕES NÃO FAZEM IDEIA de quantas transformações tecnológicas ocorreram nas últimas décadas. Focando especificamente os anos de 1950, podemos afirmar que era muito, muito difícil tirar fotos, imagine realizar gravações e produzir filmagens. Por essa razão, quando são descobertos registros fotográficos, ou de áudio e vídeo, esses achados ganham notoriedade e são comercializados por valores superlativos.

Infelizmente o Hino da Autonomia de São Caetano do Sul não teve essa sorte. Por mais que fossem procurados, não foram encontrados registros em vídeo de execuções desse hino em eventos festivos da época.

Diferente do Hino de São Caetano do Sul, que pode ser visto e ouvido em incontáveis filmagens e até em disco, o Hino da Autonomia praticamente se perdeu no tempo. Não foram feitas gravações em vinil e nada foi captado pelas câmeras do período. O mais triste é que nem a partitura foi resgatada.

A cidade de São Caetano do Sul, que foi só uma pequena vila de Santo André, conseguiu sua emancipação após o plebiscito de 24 de outubro de 1948. O primeiro prefeito e os primeiros vereadores foram eleitos no início de 1949. A partir dessa data, foram criados o brasão e a bandeira, e, para deixar marcada a importância do

movimento autonomista, o novo município ganhou, além do seu hino, também o Hino da Autonomia, com música e letra de autoria de Arnaldo Vianna, figura queridíssima, que atuou por décadas como dentista da centenária escola Senador Fláquer, do Bairro da Fundação (então Grupo Escolar e hoje Escola Municipal de Ensino Fundamental).

Os integrantes do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama), que todos os anos organizam, com a prefeitura municipal, a Semana da Autonomia, iniciaram no ano de 2020 a missão de encontrar registros do citado hino. O jornalista Humberto Domingos Pastore, secretário do grupo, bateu em muitas portas, perguntou para uma infinidade de pessoas, procu-

Crédito: Paulo César Ribeiro



Plateia lotou o Teatro Santaofa Dumont para aplaudir a Orquestra Expressionne, no dia 24 de outubro de 2023

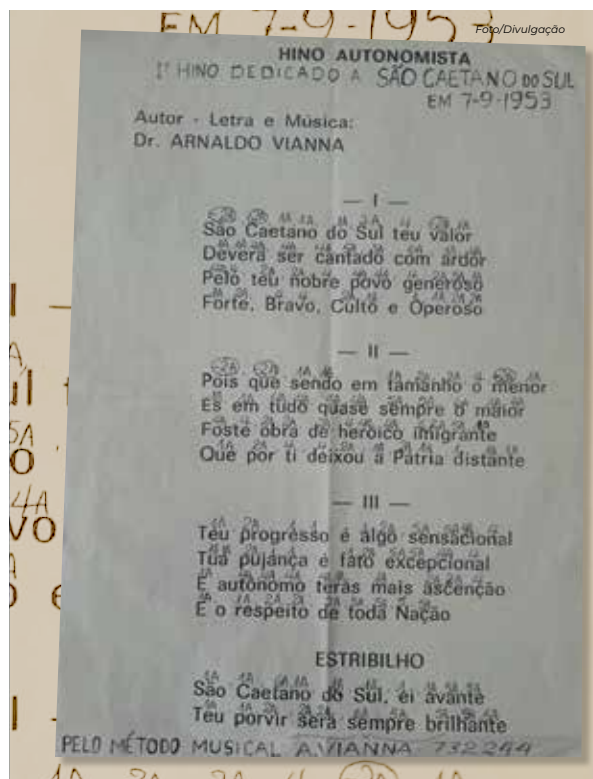
rou músicos da época, indagou na Senador Fláquer, e sempre a resposta era de que não se lembravam nem da letra, nem da música.

No final do ano passado, os integrantes do Gama levaram o fato para uma reunião do Conselho da Fundação Pró-Memória, e a equipe comandada por Charly Farid Cury se pôs a meditar sobre como resolver a questão. A primeira ação, a pedido da jornalista Paula Fiorotti, foi garimpar em todo o acervo do Centro de Documentação Histórica da instituição, missão que ficou a cargo da pesquisadora Nina Kuznetzow, que encontrou uma folha avulsa datilografada com a letra e também com várias referências escritas a mão pelo autor, inclusive a citação de uma data, possivelmente do dia em que pela primeira vez o hino foi executado, em 7 de setembro de 1953.

Com a letra resgatada, só faltava a música. Pensou-se inicialmente em realizar um concurso para que músicos escrevessem outra melodia em cima da letra, mas quis o destino que, em março deste ano, os deuses da música soprasses alegres ventos e Márcia Gallo, conselheira do Gama, na época integrante da Pró-Memória, conversasse com o fotógrafo Antônio Reginaldo Canhoni, que lembrou que, quando estudou no Senador Fláquer, no final da década de 1950, os alunos cantavam o hino em dias festivos. Canhoni, então, cantou enquanto era gravado pelo celular. E foi assim que se recuperou a primeira parte. Faltava a segunda, e numa campanha vitoriosa foram encontrados mais estudantes daquela época, que cantaram a parte faltante. As gravações foram feitas com as vozes de Ivani Regina Braido Oliveira, Esmeralda Lorenzini e Canhoni.

De posse das gravações, procuramos Douglas Bunder, da Secretaria da Cultura, o qual as mostrou ao maestro Ogair Junior, que se entusiasmou pelo projeto e com uma dedicação fora de série montou a estrutura musical. O resultado desse trabalho pôde ser visto e ouvido na bela noite de 24 de outubro de 2023, quando no Teatro Santos Dumont, no fechamento da Semana da Autonomia, a recém-fundada Orquestra Expressionne, que tem à frente o maestro Romero José da Silva, brindou a cidade com a execução do Hino da Autonomia, com a plateia emocionada aplaudindo de forma entusiasmada.

O evento integrou a celebrações pelos 75 anos da autonomia de São Caetano do Sul. **(Serviço de Difusão Cultural)** ■



Documento com letra do hino, encontrado no acervo da Fundação Pró-Memória

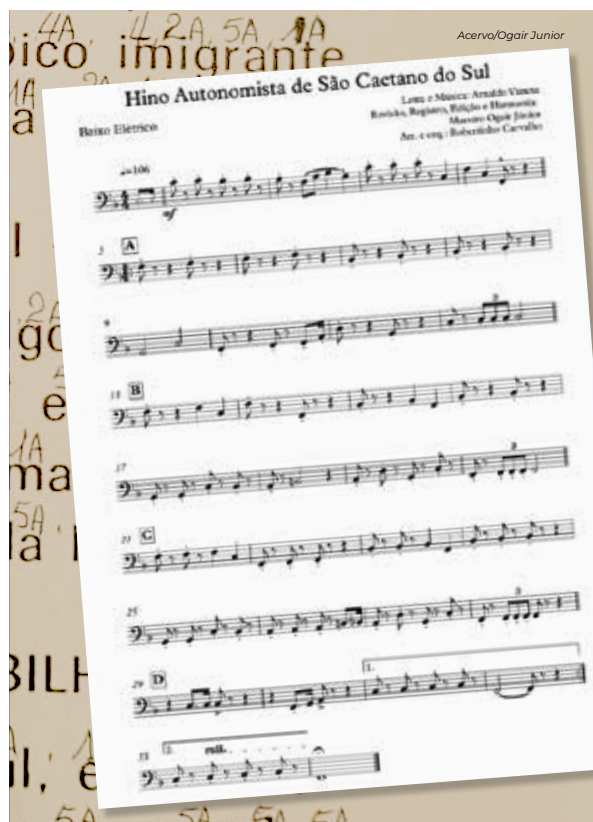


Imagem da partitura com novo arranjo do Hino da Autonomia, de autoria do maestro Ogair Junior

Doutrina espírita em São Caetano nasceu com a benzedeira Georgina

HÁ 85 ANOS, NO TEMPO EM QUE SÃO CAETANO não era do Sul, não passava de um distrito de São Bernardo, e a Avenida Goiás ainda era rua, nascia o Centro Espírita Luz e Verdade Cândida Rosa do Nascimento. O mais antigo dos 23 centros localizados no município foi criado em 30 de agosto de 1938 na então Rua Goiás, nº 118, e sua origem está ligada à pessoa de Georgina Américo de Oliveira. Atormentada por uma doença, a qual os médicos não conseguiam explicar, ela foi buscar ajuda entre os espíritas de Santo André, onde alguns médiuns lhe explicaram que Georgina tinha por missão iniciar em São Caetano

um trabalho semelhante ao que fora buscar na cidade vizinha.

As primeiras reuniões dos espíritas são-caetanenses aconteciam na própria casa de Georgina (na Rua Goiás), que logo ficou pequena, graças ao crescimento do número de adeptos. Sensibilizado com essa apertada realidade, Davi Cucato, um membro que havia encontrado conforto espiritual na comunidade, ofereceu um salão desocupado, bem pertinho, existente na mesma Rua Goiás. Só bem mais tarde, a sede foi transferida para a Rua Municipal, nº 374, no Bairro da Fundação.

Há 12 anos, quem preside o centro é Maria das Dores Cor-



Arquivo/Centro Espírita Luz e Verdade Cândida Rosa do Nascimento

Georgina Oliveira foi a pioneira em São Caetano do Sul. Foto da década de 1930

rea. Ela se recorda com carinho do antigo dirigente, Augusto Perrella, que, por mais de 60 anos, ali trabalhou. Foi ele, aliás, quem deu uma entrevista, anos atrás, para a revista *Raízes*, contando que Georgina Oliveira era benzedeira e católica praticante, uma figura que reuniu em torno de si todos aqueles que deram início à história do espiritismo em São Caetano do Sul. Na entrevista, ele recordou que as rezas e os benzimentos faziam parte da cultura popular nas primeiras décadas do século 20. No Bairro Santa Maria, o benzedeiro chamado Vicente Rodrigues Vieira alcançou grande renome, sendo respeitado até pelas autoridades católicas locais.

Perrella, que faleceu há 12 anos, sempre falava que, nos idos de 1900, os espíritas temiam perseguições, então, quase não se manifestavam, mas, mesmo assim, a doutrina avançava em vá-

Natal para os necessitados com 610 pessoas de 112 famílias, em foto de dezembro de 1950



Aerivo/Centro Espirita Luz e Verdade Cândida Rosa do Nascimento

rios Estados brasileiros. Em São Caetano, o espiritismo foi realmente posto em prática quando tiveram início as atividades na “Cândida Rosa do Nascimento”. A partir desse local, foram surgindo os demais centros, que passaram a ter forte atuação na cidade.

O nome Cândida Rosa do Nascimento dado ao centro espírita se deve ao fato de ela ter sido a mãe de Georgina de Oliveira e sua mentora espiritual, o espírito que lhe dava os conselhos que eram repassados aos que procuravam o local em busca de amparo para suas dores.

Um fato bastante interessante é que Georgina morava de aluguel, e a casa pertencia ao agente imobiliário Davi Cucato, cuja filha sofria de uma grave doença. Desesperado diante da situação, foi orientado a procurar Georgina, que a todos transmitia o alento que tanto buscavam. Cucato ficou sabendo então que Georgina era sua inquilina. Daquele momento em diante, passou a frequentar o espaço e, percebendo que a pequena sala da benzedeira já não comportava tanta gente, ofereceu um salão ao lado que se encontrava desocupado.

Foi assim o início da história da doutrina espírita em São Caetano. E lá se vão mais de oito décadas...
(Humberto Domingos Pastore) ■



Aerivo/Centro Espirita Luz e Verdade Cândida Rosa do Nascimento

Augusto Perrella foi presidente por décadas, até falecer. Foto de 2008

Maria das Dores Correa iniciou seu quarto mandato como presidente. Foto de 2023



Aerivo/Centro Espirita Luz e Verdade Cândida Rosa do Nascimento

A antiga Rua São Caetano, coração da vida comercial da cidade

No FINAL DA DÉCADA DE 1920, São Caetano era um Distrito de Paz pertencente ao município de São Bernardo e lutava por sua emancipação política por meio do Partido Municipal, que tinha nas pessoas de Armando de Arruda Pereira e José Mariano Garcia Júnior (presidente e vice-presidente, respectivamente) as suas duas grandes lideranças.

Com mais de 18 mil habitantes, o distrito são-caetanense possuía 35 fábricas, 15 lojas e 91 armazéns, segundo dados estatísticos urbanos levantados por aquele partido e divulgados pelo *S. Caetano Jornal* em suas edições de 16 e 23 de setembro de 1928. A maior parte dos estabelecimentos do comércio local concentrava-se na antiga Rua São Caetano (atual Av. Conde Francisco Matarazzo), o que nos permite afirmar que essa via era o coração da vida comercial da cidade naquele final de decênio. Das 15 lojas constantes na estatística citada, cinco estavam lá situadas, e dos 91 armazéns registrados, dez lá se encontravam.

Deixando de lado os frios registros numéricos e adentrando a seara das *curiosidades*, é interessante notar, a partir de anúncios publicados por aquele jornal no ano de 1929, a variedade de produtos comercializados e de serviços prestados por esses estabelecimentos, que iam de casas de ferragens, louças e tintas a empórios de gêneros alimentícios; de botequins que vendiam “o genuíno vinho italiano e bons petiscos” a charutarias que possuíam “completo sortimento de fogos e balões”; de oficinas de venda, reforma e conserto de bicicletas a oficinas de chapéus.

Mais do que curiosos, os referidos anúncios constituem verdadeiros registros dos costumes, hábitos e modos de vida vigentes em uma época histórica. Que as reproduções fotográficas que os retratam e que aqui apresentamos propiciem aos leitores um momento de descontração e também uma oportunidade de reflexão. ■

Crédito/S. Caetano Jornal, São Caetano, nº 76, ano II, 16 jun. 1929

Officinas de bicycletas — reformas — concertos — vendas de qualquer marca

IRMAOS PERUCCHI

Preços reduzidissimos

RUA SÃO CAETANO, 117

S. P. R.

São Caetano

— Sois apreciador do genuino vinho italiano e de bons petiscos? —

— Ides, a qualquer hora do dia ou da noite, ao

BOTEQUIM DO PONTO

— DE —

FRANCISCO MASSEI

Optimo serviço de automovel aos freguezes.

Rua São Caetano — S. CAETANO — S. P. R.

OFFICINA DE CHAPE'OS

O proprietario desta officina avisa aos seus amigos e freguezes, a mudança desta officina da Rua Manoel Coelho N.º 142-A para a **Rua São Caetano 140** pegado ao Bar Brasil, apto para servir o mais exigente freguez.

CONRADO SILVESTRE

RUA SÃO CAETANO N.º 140

Ferragens, louças, tintas, artigos de electricidade e materiaes para construcções

CASA BISQUOLO

Preços excepcionaes — Artigos de 1.ª qualidade.

JOÃO BISQUOLO

Rua São Caetano, 127 — S. CAETANO

CHARUTARIA FLOR DO MAR

Esta boa montada casa, avisa a sua distincta freguezia, que acaba de receber completo sortimento de fogos e balões de toda a qualidade, dos melhores fabricantes do Estado

Luiz Primo Baraldi

RUA S. CAETANO, 124

EMPORIO CENTRAL

O que ha de melhor em generos alimenticios, bebidas nacionaes e estrangeiras, necessarios para automoveis e tintas inalteraveis.

CUCCATO & Cia.

PNEUMATICOS MICHELIN

Agentes da THE TEXAS CIA.

GOOD-YEAR

vendas vendedores da CERAMICA SÃO CAETANO

CERVEJAS -

do assim a boa marcha do cyclista; será o concorrente favorecido com o fornecimento dos alimentos necessarios.

BARRACAS

Invenil Italia, o por um ponto no

Acervo Luiz Romano



Casamento de Mario Romano e Thereza Rocco Romano. A celebração ocorreu na Paróquia São Caetano no dia 19 de abril de 1947 e foi presidida pelo padre Ézio Gislimberti. As crianças são Norimar Romano e Ascedio Romano



Bodas de Ouro de Mario Romano e Thereza Rocco Romano na Matriz Sagrada Família em 20 de abril de 1997



Bodas de Prata de Mario Romano e Thereza Rocco Romano na Paróquia Nossa Senhora da Candelária em 19 de abril de 1972. Os padrinhos foram Orlando Romano e Nilza Romano, e o sacerdote que presidiu a celebração foi o padre José Caruso



Nesta imagem, o casal aparece junto aos filhos Luiz Domingos Romano (à esquerda) e Valdir Antonio Romano, por ocasião da celebração de suas Bodas de Prata



O casal junto aos filhos, noras e netos. A partir da esquerda, Valdir Antonio Romano, Matilde Barbosa Romano (nora), Fernando Barbosa Romano (neto), Luciana Barbosa Romano (neta), Mario Romano, padre José de Souza Primo, Thereza Rocco Romano, Luiz Domingos Romano e Anna Macajen Romano (nora)



Um escorregador de elefante em São Caetano

ELA ESTÁ ENTRE OS MAIS ICÔNICOS monumentos já construídos em São Caetano do Sul, arriscamos dizer o mais lembrado deles. A Concha Acústica chegou a ganhar até o apelido de “escorregador de elefante”, devido ao seu formato.

Inaugurada em 21 de março de 1961, nos últimos dias da primeira gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1957-1961), a Concha Acústica erguida junto ao antigo Jardim Público Primeiro de Maio marcou a paisagem

urbana sul-são-caetanense durante mais de 40 anos, impondo-se como um importante espaço destinado a apresentações artísticas ao ar livre.

Alvo dos mais entusiásticos adjetivos, muitos dos quais propagados pelas páginas do *Jornal de São Caetano*, tinha capacidade para abrigar em seu palco 400 figurantes e alcance de som que atingia 300 metros. Foi concebida pela equipe da empresa Búzio Tratamentos Acústicos, cuja pre-

cisão observada no projeto rendeu-lhe uma premiação no 25º Salão Paulista de Belas Artes. A sua construção ficou a cargo do engenheiro civil Paulo Mauro.

Depois de alguns anos sem ser utilizada, foi implodida no ano de 2004. Para os saudosistas e nostálgicos que desejarem rememorar-la a partir de informações mais detalhadas, o artigo *Nossa Concha Acústica*, publicado no 50º número de *Raízes* (dez. 2014), é uma ótima dica de leitura.

Aspecto da Concha Acústica na década de 1960

Vista panorâmica do antigo Jardim Público Primeiro de Maio, em que se destaca a Concha Acústica. Foto da década de 1960

Dona Lucy: história de uma pioneira no ensino infantil de São Caetano do Sul

Artur Henrique da Cruz Carvalho



Foto: Artur Henrique da Cruz Carvalho

Lucy ao completar 90 anos, em 18 de maio de 2005, em grande festa

CORRIA O ANO DE 1948, e, graças aos esforços dos cidadãos autonomistas, com a intervenção do então governador Adhemar de Barros, foi promulgada a autonomia política de São Caetano do Sul. Em 1949, a cidade vivia o raio de sua liberdade e começava a caminhar com suas próprias pernas, sob a gestão do seu primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino.

Com a nova administração, a educação foi totalmente reestruturada e novos cargos de professo-

res foram abertos, principalmente para o ensino infantil. Nomeada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, a professora Lucy veio para assumir o primeiro jardim da infância de São Caetano do Sul, que passou a funcionar, a partir de 1949, no então Grupo Escolar Senador Fláquer, que já funcionava desde 1920 no Bairro da Fundação.

Fazer parte do pioneirismo da educação, no período pós-emanipação política, foi uma grande honra para essa professora, que veio transferida de Capivari, interior de São Paulo, para esta cidade que a acolheu de braços abertos, principalmente pelas famílias do Bairro da Fundação, denominado popularmente de “pra baixo das porteiras”. Menção dos que residiam abaixo da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, que cortava a cidade ao sul de seus limites, frequentadores, em sua maioria, do referido grupo escolar.

Um pouco da história de dona Lucy, a professora - Lucy Gomes

Vieira da Cruz Carvalho nasceu em 18 de maio de 1915, em Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro. Passou sua juventude já na capital de São Paulo, no Bairro de Vila Clementino, onde estudou seus primeiros anos e formou-se no magistério no ano de 1937, pela Escola Normal Padre Anchieta, no Bairro do Brás.

Em janeiro de 1949, Lucy foi designada pelo governo de São Paulo para lecionar no Grupo Escolar Senador Fláquer, em São Caetano do Sul. Exemplo de dedicação, nesse período, viajava de ônibus do Bosque da Saúde até o Parque D. Pedro II, onde um outro ônibus a levava, com seus quatro filhos em idade escolar, até a Rua Heloísa Pamplona, endereço do Senador Fláquer. Em tom de brincadeira, muitos diziam que ela levava metade da escola para casa.

O grande desafio de Lucy foi dar asas à imaginação das crianças de quatro anos de idade no início de suas atividades escolares, preparando-as para enfrentar o primeiro ano escolar. Assim foi

com centenas de crianças, principalmente as do Bairro da Fundação.

Mãe de oito filhos, ainda tinha tempo de se dedicar com amor e afinho a todas as crianças matriculadas no Senador Fláquer. Quase todos os filhos de famílias proeminentes da cidade, como Garbelotto, Morseli, Fiorotti, Marchesan, Santarnecchi, Fláquer, Imperatrice, Dario, Rechia, Nakur, Buso e tantas outras. A grande maioria de seus pequenos alunos ainda hoje se lembra muito da querida dona Lucy.

Nos anos 1970, Lucy acumulou dois turnos ao ser convidada pelo professor Eugenio Voltarelli a integrar o corpo de professores do Instituto de Ensino Sagrada Família, tendo ficado até 1977, quando se aposentou definitivamente.

Lucy encerrou sua atividade como professora em 1977. Após sua saída do Instituto Sagrada Família, ali deixou suas filhas “Tia Jeanne” e “Tia Carminha”, que a substituíram por um bom tempo.

Uma nota triste na vida dessa professora tão dedicada aconteceu no dia 3 de março de 1997, quando sua caçula, Maria Salete, faleceu devido a um câncer de mama, aos 42 anos de idade, deixando duas netinhas, Juliana e Paula.

Já aposentada, pôde se dedicar à sua maior paixão, o piano. Autodidata, deu aulas particulares de iniciação ao piano e violão para muitos estudantes. Um famoso que iniciou com suas aulas foi o maestro Osmar Barutti, do sexteto do programa *Jô Soares Onze e Meia*. Barutti lembra-se dela com muito carinho até hoje.

Em 1995, foi convidada para a cerimônia comemorativa do Jubileu de Diamante do Grupo Escolar Senador Fláquer, hoje Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF). Aos 95 anos faleceu, em 20 de outubro de 2010. Uma guerreira que, além de criar seus oito filhos, cuidou de sua carreira com esmero e capacidade.

Assim chegamos ao fim da saga de uma pioneira do ensino, que adotou São Caetano do Sul e suas centenas de crianças, que até hoje encontramos, já adultas, com muitas saudades da querida dona Lucy, uma eterna sonhadora. ■



Assim ela viveu sua infância em Vassouras, interior do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu. Pés descalços, brincava com seu boneco Benjamin



Lucy em foto oficial de família, aos 3 anos de idade



Lucy em foto oficial de formatura, aos 22 anos

Acervo/Artur Henrique da Cruz Carvalho

Acervo/Artur Henrique da Cruz Carvalho



Foto de 1960. Da esquerda para a direita: Lucy, Luiz Eduardo, Artur Henrique, José Marcio e Antônio Celso. À frente, Jeanne Aparecida, Maria Áurea, Maria do Carmo e Maria Salete (suas três Marias, como não se cansava de dizer)

Artur Henrique da Cruz Carvalho (Tutu) é filho de Lucy. Foi assessor de comunicação da prefeitura em 1977, ano do centenário de São Caetano do Sul, quando coordenou a comissão dos festejos.

Uma estrangeira em São Caetano do Sul

Ala Voloshyn



Ala Voloshyn em foto recente

NASI EM 1956 EM SÃO CAETANO DO SUL, na casa de meus pais, de parto normal com assistência de uma parteira. Tudo muito diferente do que vemos hoje, mas era assim, pelo menos foi desta forma comigo. Fui batizada numa igreja ortodoxa, que ainda existe, na Rua Oriente, antiga Vila Barcelona. Hoje com pouquíssimos fiéis, pois a maioria deles já não está mais neste mundo.

Mãe e pai imigrantes ucranianos, chegados ao Brasil depois da

Segunda Guerra Mundial. Nada muito simples, condição que exigia boa capacidade de adaptação a uma cultura diferente, em época de construção ou reconstrução de uma vida abalada pela violência da guerra, ainda na infância e parte da adolescência.

Fui criança arteira e alegre, pequena menina que aprendeu a falar na língua de seus pais, o Ucraniano. E assim iniciei minha vida de estrangeira. O Português aprendi com outras crianças brincando na rua e depois na escola.

E pensando hoje sobre isto, entendo o impacto da linguagem na cultura. É através das palavras que assimilamos os costumes, valores, comportamentos de um povo. E eu a que povo pertencço? Brasileiro, ucraniano?

Tinha muita dificuldade em entender certas coisas como “namoro no portão”, o que significa, qual a diferença? Se passar do portão, o que muda? E quando ouvia a mãe chamar seu filho e ele responder “senhora?”. Que estranho, nunca foi assim com

minha mãe, e, a primeira vez que lhe respondi “senhora” quando me chamou, levei uma bronca da qual nunca entendi a razão! E “mistura” ao se referir ao acompanhamento do arroz e feijão! Por que “mistura”? Minha cabeça se enchia de perguntas.

Eu observava tudo, ouvia com atenção o que as pessoas diziam, tentava entender como tudo funcionava e como deveria me comportar! Uma estrangeira era eu! Em casa, só conversávamos em Ucraniano, até que, na escola, minha professora sugeriu aos meus pais que parassem com o hábito, pois eu confundia as palavras. Afinal, o Português para mim era uma língua estrangeira!

E assim fui crescendo, entre tropeços, dúvidas e muita atenção a tudo o que acontecia à minha volta. Nossa casa era uma das poucas aqui no Bairro Santa Maria, onde brinquei muito com o barro da rua de terra, subi em árvore e, claro, caí também! Não faltaram aventuras no carrinho de rolimã, que eu e meu irmão



Ala e sua cachorra
Asa em foto de 1958



Ala na escadaria de sua
casa em foto de 1958



Ala e o irmão Jorge, em
foto de 1960

pilotávamos em descida de terra desafiadora! Não sei como não nos arrebentamos, porque quedas não faltaram. Às vezes, acho que tínhamos dois anjos da guarda com cada um, porque aventuras e arrojões eram constantes! Tempo bom, em que a vida era repleta de descobertas com erros e acertos sem fim.

Tínhamos um descampado com flores silvestres que eu adorava colher. Passava bom tempo olhando florzinha por florzinha, sentia seu perfume, colhia as mais bonitas e trazia para casa para transformar qualquer copo em um vasinho para enfeitar a mesa da cozinha. Fiquei sabendo um tempo depois que a antiga Vila Santa Maria tinha sido uma pequena chácara com plantação de flores. Que incrível! Por isso, até hoje brotam flores que ninguém semeou! Talvez ainda sementes daquela época, penso eu. Que sorte a minha nascer em solo onde havia muitas flores! Amo flores e árvores também, o que vemos em muitos lugares aqui! Gosto disso e algumas até continuo a plantar no quintal que ainda mantemos, porque ainda vivo nesta cidade e no mesmo quintal onde nasci. Isto é que é criar raízes!

Muitas transformações aconteceram, São Caetano do Sul se desenvolveu muito em pouco tempo. Hoje, é uma cidade em que parece que não falta nada. Minha escola primária ainda está firme, “Professor Décio Ma-

chado Gaia”. Toda manhã lá ia eu para a aula sozinha, subia um morro com trilha que dava para a escola. Ia feliz da vida, gostava da escola, onde toda manhã tomava uma caneca de chocolate quente, lembro até hoje do sabor! Do cheiro da madeira das carteiras não se esquece, assim como da professora do primeiro ano, como era brava aquela moça! Eu não ousava contrariá-la, mas sobrevivi a ela, e a vida prosseguiu. Sempre me interessava por algo novo e diferente. Desfiles de 7 de setembro eram um evento e lá estava eu de bandeirante! Minha mãe costurou a roupa, que ficou muito bonita, e, mesmo que a chuva no final do evento nos obrigasse a procurar um abrigo, isso não era problema, pois o melhor já havia acontecido, o desfile pela escola! E, claro, depois lá íamos nós para o fotógrafo para as fotos de lembrança! Todo final de mês, nós nos arrumávamos para a ocasião, era obrigatório! O que foi bom, pois hoje posso rever um pouco da minha vida registrada nelas!

A menina queria experimentar, viver cada momento, aprender, e, assim, foram canto orfeônico, fanfarra, aulas de piano com minha professora Eunice. Acredita que fiz parte de uma das primeiras turmas de música da Fundação das Artes? Pois então, foi um erro, não pela Fundação, mas por eu ter deixado minha professora Eunice, pois, na verdade, não queria ser pianista,



Ala Voloshyn no colo de sua mãe, Maria Decky Voloshyn, em foto tirada na entrada de sua casa na antiga Vila Santa Maria. Foto de 1957

só queria tocar piano na casa da minha professora! E, quando quis interromper as aulas na Fundação das Artes, foi um terror em casa, minha mãe ficou uma fera comigo, mas não teve jeito, saí, e, por anos, meu piano deixei fechado e, depois, vendi, o que foi um equívoco. Não se vende um piano! Mas agora é tarde e o trauma da reação da minha mãe foi decisivo para esse triste desfecho.

A menina estrangeira continua até hoje, pois ainda observo tudo, como as pessoas agem, como são os costumes, como se comportam, quais os valores sociais. Não os compreendo completamente, não concordo com alguns, sinto-me, às vezes, um “pato fora da lagoa” tentando me adaptar. Minha cultura de origem ficou no sangue, no coração e ainda fala alto dentro de mim. A sensibilidade para a arte, o canto, que adoro, o senso poético e a firmeza em relação aos

valores éticos, a coragem e a resiliência, que não faltam no povo ucraniano. Nunca esqueci minha origem, meus ancestrais, sua luta pela sobrevivência num lugar tão gelado pelo inverno rigoroso, exigindo disciplina e força para enfrentá-lo. Nunca apagamos nosso DNA de terras distantes, de povo distinto!

Minhas avós eram de origem russa. Meu avô paterno tinha ascendência mongol e meu avô materno era um mistério, amante da cultura e literatura, que trago em meu coração, assim como minha avó. A *baba* Anna, linda, uma poetisa que cantava, bordava, plantava, contava histórias, uma pequena mulher, doce, brava e muito valente, características que eu herdei dela e as vivifico no meu trabalho e na minha vida!

Posso dizer que sou uma ucraniana brasileira sul-são-caetanense? Não sei, mas estou certa de que nossos ancestrais



Ala Voloshyn como bandeirante por ocasião de um desfile de 7 de setembro, em 1966. O traje típico foi confeccionado por sua mãe

vivem dentro de nós e esperam que os honremos sendo seres humanos melhores a cada dia, por vontade e esforço. Acredito nisto, vivo isto! ■

Ala Voloshyn é psicóloga, escritora, blogueira, contadora de histórias, mediadora de conversa filosófica e mentora em escrita criativa. Colunista em jornal desde 1993. Publicou o livro infantil *Pimenta do Reino* (2008), e participou das antologias: *De Maria a José* (2012) e *Elas em Poesia* (2019) e o autorial de poemas, *Voa Alto* (2019). Atuou na preparação do livro *O Discurso do Burrinho*, de Eli Antonio Luizaga (2022) e como coorganizadora da antologia *Fragmenta Amoris* (2022), dos alunos do Laboratório de Jovens Escritores, em 2022.

Abanadeira de café, mãe de oito filhos:

Maria Thereza e seus 100 anos

NO DIA 2 DE JANEIRO DE 1923, nascia em Silveiras, no interior de São Paulo, a menina Maria Thereza, que, ao se casar, aos 16 anos, ganhou o sobrenome Moraes. Filha do casal Rafael Medeiros e Ana Machado, casou-se com Ezequiel Pinto de Moraes, com quem teve oito filhos: Expedito, Matilde, Raul, Fábio, Sebastião Heleno, Maria, Mercês e João Lindolfo. Hoje são falecidos Expedito e Heleno.

Ela veio para São Caetano do Sul em agosto de 1960, com 37 anos de idade, mas, antes disso, passou por diversas cidades da região sorocabana, como Silveiras, Lucélia, Quatá, João Ramalho, Martinópolis e as paranaenses Ourizona e Apucarana, para onde espera nunca mais voltar, já que as recordações não são boas, pois ali a terra não era firme e, por ser fofa, ela sempre caía nos buracos formados por esse tipo de terreno movediço.

Thereza trabalhou na roça, desde criança, aliás, como todas as crianças que naquele tempo labutavam na lavoura, na terra. Inicialmente como abanadeira de café no sítio de seu avô e, depois já casada, fazendo colheita de algodão na pequena fazenda de seu sogro. Ela se recorda de que tudo era feito de forma manual. Não tinha nada de maquinário, garante.

Um período muito difícil na sua vida, e de que se lembra muito bem e com muita tristeza, foi quando tinha 9 anos e estourou a Revolução de 1932. Ela narra que as famílias tinham de viver fugindo, se escondendo, muito assustadas com os tiros de canhões que se ouviam a todo instante.

Ela conheceu seu marido na roça. Cada um trabalhando em fazendas vizinhas. Pouco se viam e



A tradicional foto da família na cidade de Aparecida (SP)

menos ainda se falavam. Tinha seus 16 anos quando, numa sexta-feira, chegando da labuta na roça, ouviu de sua mãe que no dia seguinte, sábado pela manhã, a família iria até a área central de Quatá para fazer a papelada do casamento dela no cartório.

Maria Thereza contou que foi com muita surpresa e indignação que ouviu a frase de sua mãe, mas, como naquele tempo as crianças e as mulheres não tinham direito de dar opinião e nem de abrir a boca, teve de engolir calada aquele dissabor. “Fiquei com um ódio grande de meus futuros so-



Arquivo Maria Thereza Moraes

Em 1939, o casamento com Ezequiel Pinto de Moraes

gros, que diziam que eu e o filho deles estávamos namorando. Eu nem sabia o que era namorar”, explica.

No dia seguinte, as duas famílias foram em um veículo tipo jardineira. Ela se lembra como hoje de que “os noivos” nem se olhavam durante a viagem. Mas, na volta, casada, teve que ir morar no sítio do sogro, onde o casal trabalhou na colheita. Em pouco tempo o marido, Ezequiel, comprou um caminhão para transportar a produção do campo para a cidade, e Maria Thereza passou a ficar em casa cuidando do lar e dos filhos que não paravam de nascer. Era um por ano, como nos contou, sorrindo.

Ainda hoje, passados mais de 80 anos, nossa querida anciã

não se cala e vaticina: “Naquele tempo, a mulher não falava. Não podia abrir a boca, não tinha direito a nada. Nem pensar em sair de casa para fazer uma compra. E não era só eu. Todas as mulheres sofreram muito nesse período”.

Para mudar um pouco o foco da narrativa, perguntamos: como fazer para chegar aos 100 anos? E aí ela citou que suas duas avós ultrapassaram essa idade. Uma faleceu com 103 e a outra, com 108 anos. Na verdade, disse: “Um dos segredos é manter a saúde mental, usar a memória e aí o restante do corpo vai junto”.

Ela também nos contou que tudo começou a mudar quando, em agosto de 1960, ela, o marido e os oito filhos vieram para São Caetano do Sul, a convite do seu cunhado, Lindolfo Pinto de Moraes, que anos antes tinha se transferido para essa região do Grande ABC. Lindolfo, em Martinópolis, já tinha uma linha de ônibus tipo jardineira, aqueles veículos abertos usados para o transporte público. Quando veio para São Caetano, montou a empresa de ônibus Nossa Senhora de Fátima, que fazia a linha que levava os passageiros da área central até o Bairro Barcelona. Anos depois, em sociedade com o empresário Passarelli, foi dono da linha São Caetano do Sul até a Penha, em São Paulo.

Com o objetivo de melhorar a vida de seu irmão, mandou chamar toda a família e arranjou uma casa toda mobiliada que fi-

cava na Rua São Paulo, entre as ruas Osvaldo Cruz e Amazonas. Logo depois, já em condição melhor, os Moraes se mudaram para uma casa maior na Rua Lourdes, onde eles passaram a acolher os familiares que chegavam do interior. Ela se recorda de que ali chegaram a morar muitos agregados...

A garagem da empresa de ônibus ficava na Rua Amazonas, um pouco para baixo da hoje Avenida Goiás, que, na época, só tinha uma pista. A empresa tinha dez ônibus. E ali foram trabalhar, além do irmão Ezequiel, os três sobrinhos. Um foi aprender a atuar na parte elétrica dos veículos, outro foi estudar datilografia, trabalhar no escritório e na contabilidade, e o outro irmão, na parte de funilaria e pintura. Já o pai deles foi para a limpeza dos ônibus, que diariamente precisavam ser lavados.

Maria Thereza conta, ao final da conversa, que, no caso dela, pouca coisa mudou, já que continuava dentro de casa cuidando do lar e dos filhos que cresciam, não mais em número, mas em idade. Hoje ela reside numa casa do Jardim São Caetano, onde, para recordar o tempo do interior, tem um espaço para o jardim e outro para uma pequena horta. (Serviço de Difusão Cultural) ■

No dia 22 de outubro de 2023, Maria Thereza Moraes faleceu. Mesmo assim, escolhemos por manter o texto em sua forma natural de origem, escrito que foi logo após a entrevista que realizamos em sua residência, no mês de setembro.

Décio e Esmeralda: a história de um casal sul-são- caetanense

O ANO DE 1960 MARCA O INÍCIO DESTA HISTÓRIA. Esmeralda Maria D'Agostini tinha 15 anos, e Décio Maximiliano Lorenzini completara 19 anos na ocasião em que se conheceram, no mês de agosto, e começaram a namorar. Para ser mais exato, esta história tem um epílogo. É que dois anos antes a menina Esmeralda já conhecia seu futuro sogro, sem ter visto o futuro marido. É que Décio estudava no internato, o Colégio Arquidiocesano Santa Maria, em Campinas, e Esmeralda ia à *soirée* das moças, com sua mãe e a irmã mais velha, um evento semanal do Cine Max, do empresário Ricieri Lorenzini. Quando o filme não era permitido para menores de 14 anos, ela ficava aguardando na sala da gerência, local de trabalho do pai de Décio. Lá, a então menina acabava sempre dormindo no sofá. Esmeralda se recorda também de que, quando vinha para a área central da cidade, encontrava Lorenzini no portão de sua casa, um pomposo sobrado, conhecido como o “Palacete da Rua Santa Catarina”.

Aquele ano de 1960 foi realmente um divisor de águas em suas vidas. Em março, Ricieri Lorenzini faleceu, e Décio teve de sair da escola e retornar a São Caetano do Sul. Já na adolescência, trabalhava



Acervo/Esmeralda Lorenzini

Chegada do filho
Christian Max Lorenzini

Acervo/Esmeralda Lorenzini

Casarão da Rua Santa Catarina
construído pela família Lorenzini

no barzinho do Cine Max vendendo doces e refrigerantes. A rede de cinemas da família era completada com o Cine Lido, Cine Primax e Cine Aquarius. Décio chegou a gerente e junto de seu irmão Aldo passou a cuidar de tudo. Seu dia só terminava quando fechava o borderô. Anos depois, chegou ao grupo o caçula Walter.

O pomposo sobrado, que ilustra este artigo, já não existe. Ele ficava ao lado da faixa da rede elétrica ali existente. Funcionou mais tarde como sede de um banco, e hoje, no local, existe uma loja comercial de produtos de beleza feminina.

Esmeralda D'Agostini, quando se casou com Décio, acrescentou o sobrenome Lorenzini. Passou sua infância na casa da Rua Luiz D'Agostini, aliás, nome de pioneiro na cidade e também seu bisavô. Seus pais eram Ettore D'Agostini e Cecília Gasparetto D'Agostini. Hoje viúva, contou-nos que, no tempo de namoro, a diversão era sair para jantar. Recordar-se com carinho dos bailes, lembrou os carnavais na General Motors e as idas aos cinemas, às vezes até aos cines da capital.

Décio Maximiliano Lorenzini nasceu no dia 13 de março de 1941, no Bairro da Fundação. Filho de Ricieri Lorenzini e Victória Gomes Lorenzini, era neto de Maximiliano Lorenzini, também imigrante italiano e hoje nome de rua, que inaugurou vários cinemas em São Caetano



Um casal amado e amável: Esmeralda e Décio no dia do casamento

nas décadas de 1940 e 1950, tendo iniciado com o Cine Central, no Bairro da Fundação. Quando estudou no educandário em Campinas, por merecimento, recebeu condecorações, medalhas de honra ao mérito em eventos que tiveram como local o teatro municipal daquela cidade. Foi casado com Esmeralda Maria D'Agostini Lorenzini. Seu filho, Christian Max Lorenzini, é casado com Vanessa Klimke Lorenzini, ambos exercendo a profissão de advogados nesta cidade. Viveu intensamente, era admirado por quem o conhecia e deixou saudades quando partiu, no dia 11 de maio de 2017.

Por indicação de José Miranda Filho, foi nomeado assessor do então prefeito Raimundo da Cunha Leite, papel que, nas palavras do saudoso advogado, Dr. Antônio Russo, exerceu com notável destreza. Décio também atuou no ramo da construção civil e foi dono de restaurante e pizzaria.

Esmeralda, sobre o período de ouro dos cinemas de rua, narra que, com a chegada das locadoras de vídeo, o mundo dos cinemas foi perdendo sua força e o encanto. Mas se lembra de que o recorde de bilheteria foi quando exibiram o filme *Marcelino Pão e Vinho*. Todavia, era comum a fila dobrar a esquina nos finais de semana. “O mundo do cinema era glamoroso. Não existia uma cidade sem cinemas. As pessoas marcavam encontro na frente dos cines. Sempre diziam: depois da primeira sessão, ou antes da segunda sessão. O cinema foi a diversão principal por décadas”, afirma. E conclui, como que buscando uma imagem daquela época: “Décio era um cavalheiro, sempre muito generoso, deixava falar seu coração e assim deixava tanto crianças como adultos entrarem no cinema sem pagar. Ele ajudava muito as pessoas. Tinha sempre este sentimento”. **(Serviço de Difusão Cultural) ■**



Rua homenageia quem nunca existiu

QUEM TROUXE ESTA CURIOSA INFORMAÇÃO foi o professor José de Souza Martins, e ela pode ser lida na página 198 do seu livro *Subúrbio*. Parece inacreditável, mas a via que começa na Rua Amazonas e percorre toda a lateral da estação ferroviária homenageia uma pessoa que nunca existiu.

Estamos falando da Rua Serafim Constantino. Este “cidadão” ganhou nome de rua sem nunca ter existido. Quem existiu de fato

foi Constantino Serafini, que, como a maioria dos italianos, tinha o costume de assinar colocando o sobrenome na frente do nome.

O cidadão que “não ganhou nome de rua” não só teve o nome modificado, como também ganhou um Serafim no lugar de Serafini. A história tem mais de 100 anos e curiosamente nunca foi corrigida. O italiano que deveria ganhar nome de rua era engenheiro e atuava como gerente da

fábrica de sabão e graxas Pampolina, Sobrinho & Cia. Ele era muito influente nesse núcleo colonial. Tanto que no dia 15 de novembro de 1908 foi eleito presidente da centenária Sociedade Beneficente União Operária, que, como a Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe de Nápoli, era uma associação prestadora de mútuo socorro. ■

Referência Bibliográfica

(MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*, Vida cotidiana e história no subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Editora Hucitec e Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, 363p.)



Rua Serafim Constantino em foto da década de 1970

Luís Pereira, o “Luís Chevrolet”

☰ Mario Edson Botteon

UMA VEZ, relendo artigos antigos sobre esportes, deparei-me com o nome de Luís Pereira, um sujeito famoso na minha época, mais conhecido como Luís Chevrolet (King Kong, El Mago, Maestro foram os outros apelidos atribuídos a ele). Não precisava nem perguntar para os mais velhos se conheciam o jogador, que era querido por todas as torcidas, fato inédito no futebol, pois, como poucos, teve oportunidade de atuar por vários clubes de expressão (seleção brasileira, Esporte Clube São Bento, de Sorocaba, Sociedade Esportiva Palmeiras, Atlético de Madrid, Clube Regatas do Flamengo, Associação Portuguesa de Desportos, Sport Club Corinthians Paulista, Esporte Clube Santo André, Associação Atlética Central Brasileira, de Cotia, Associação Desportiva São Caetano e Esporte Clube São Bernardo). Assim, permitiu aos apaixonados por futebol ser observado com calma e admirado pelos torcedores de cada clube pelo qual passou.

As qualidades que desenvolveu na ocasião em que atuava como zagueiro (beque central, como dizem os antigos) são sempre lembradas, sendo também referenciado como uma pessoa alegre e divertida. Profissional aplicado, corajoso e irreverente,

impôs-se como um bom “xerife” de área (para usar um linguajar futebolístico), além de sua capacidade de ajudar os companheiros de ataque (situação não usual na época). Não à toa que no Palmeiras foi, talvez, o maior goleador (com 35 gols) na sua posição a passar pela agremiação.

Para quem acompanhou a cena do futebol na década de 1970, Luís Pereira foi um zagueiro inesquecível. Era reconhecido de longe por suas pernas arqueadas e por seus piques rápidos em direção ao ataque, sua marca registrada. Por mais estranho que possa parecer, as jogadas mais lembradas e apreciadas da sua carreira foram aquelas em que deixava o setor defensivo e partia para o ataque, principalmente quando a equipe estava em desvantagem no placar. A torcida delirava.

A antecipação nas jogadas e sua colocação eram os seus pontos fortes. Nunca foi um zagueiro desleal, mas era enérgico e muito determinado em suas divididas. Sua carreira vitoriosa contempla as seguintes conquistas:

Palmeiras

Campeonato Brasileiro: 1969, 1972 e 1973

Campeonato Paulista: 1972 e 1974

Troféu Ramón de Carranza: 1969, 1974 e 1975

Copa Del Atlântico (Mar Del Plata): 1972

Torneio Laudo Natel: 1972

Taça dos Invictos: 1972

Torneio Cidade de Barcelona: 1969



Luís Pereira em foto do início dos anos 2000, aproximadamente

Atlético de Madrid

Copa da Espanha: 1975 e 1976

Campeonato Espanhol: 1976 e 1977

Troféu Ramón de Carranza: 1976, 1977 e 1978

Troféu Villa de Madrid: 1976

Flamengo

Campeonato Carioca: 1981

São Caetano

Campeonato Paulista – Série A3: 1991

Seleção brasileira

Mundialito de Cáli: 1977

Luís Pereira foi considerado pela Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS) o trigésimo sétimo melhor jogador sul-americano de futebol do século 20 e o segundo melhor zagueiro do futebol brasileiro, ficando atrás somente de Domingos da Guia, pai de Ademir da Guia, do Palmeiras.

Nascido em 21 de junho de 1949 na cidade baiana de Juazeiro, Luís Edmundo Pereira chegou a São Caetano do Sul no mesmo ano em que nascera. Em busca de dias melhores, sua família se estabeleceu em uma casa simples situada no Bairro Barcelona. Para ajudar seus pais, trabalhou como ensacador de farinha e torneiro mecânico, iniciando no futebol nos times amadores de empresas como General Motors e Cerâmica São Caetano, e na Associação Beneficente Recreativa Esportiva Vila Barcelona, onde jogava como centroavante.

Depois de algum tempo, em 1966, por meio de um amigo chamado Jacó, foi encaminhado para o Esporte Clube São Bento, de Sorocaba, apesar das apostas desfavoráveis, que não acreditavam que ele pudesse se firmar profissionalmente como atleta de futebol, em razão, principalmente, de algumas características físicas suas (magro e com pernas tortas). Começou sua carreira profissional atuando em algumas partidas na posição de quarto zagueiro ou volante, o que lhe permitiu mostrar o seu talento nato e contrariar a “lógica” dos gurus de chuteiras.



O então prefeito Walter Braido, durante o seu terceiro mandato (1983-1988), recebeu, em seu gabinete, os jogadores Luís Pereira (que aparece gesticulando) e Wladimir (o segundo, a partir da esquerda). Na imagem, foi também identificado Ramis Sayar (no canto direito)



Time da A.D. São Caetano em 1991, no antigo campo de futebol situado na Rua Eduardo Prado, onde hoje se encontra o Palácio da Cerâmica. A partir da esquerda, Osmir, Ivair, Carlão, Marcão, Paulinho Kobayashi, Luiz Carlos Arruda, Tião, Martorelli e Luís Pereira

Encontrou seu espaço no elenco de profissionais, entrando em alguns jogos na posição de quarto zagueiro, ou ainda como volante, já que o titular da zaga central era Marinho Peres, outro fenômeno da época. Quando Peres foi negociado com a Portuguesa de Desportos, o técnico Wilson Francisco Alves não teve dúvidas em entregar o posto para Luís Pereira.

Naquele tempo, arriscava suas primeiras subidas ao ataque, talvez se espelhando em Ditão, do Corinthians. Suas boas atuações no São Bento fizeram com que o presidente do clube, Alaor Rodrigues, emprestasse seu passe ao Palmeiras, em junho de 1968.

Luís Pereira chegou ao Parque Antártica para um período de seis meses de testes. Sem ter uma dimensão exata da oportunidade que se desenhava em sua vida, não escondia de ninguém o desejo de retornar a Sorocaba, por sentir saudades da noiva Marilu.

Humilde e com um baixo salário, comeu muito sanduíche e nunca teve vergonha de dizer isso em público. Mesmo na reserva por quase todo o período do empréstimo, o Palmeiras decidiu comprar seu passe,

o que lhe rendeu, em valores da época, seis mil cruzeiros de luvas. Com o dinheiro à disposição, não teve dúvidas: deu entrada em seu primeiro imóvel e providenciou seu casamento.

Suas primeiras conquistas no alviverde foram o Torneio Roberto Gomes Pedrosa e o Troféu Ramón de Carranza, ambos disputados em 1969. Em 28 de novembro de 1971, Luís Pereira foi autor de um gol memorável no Estádio do Pacaembu. Depois de uma dividida, pouco depois da linha divisória do círculo central, a bola ganhou altura e acabou encobrindo o goleiro Jair, do Grêmio, terminando o jogo com o placar de 3 a 1. Os outros gols do Palmeiras foram anotados por Hector Silva e Fedato, também de São Caetano do Sul.

O ano de 1972 trouxe-lhe inúmeras alegrias. Considerado até hoje como a “temporada perfeita”, esse período foi o mais produtivo e vencedor do jogador no Parque Antártica. Naquele ano, o Palmeiras ganhou tudo: campeão paulista de forma invicta, campeão brasileiro, campeão do Torneio de Mar Del Plata e campeão do Torneio Governador Laudo Natel, além da posse da Taça dos Invictos. Essa fase corresponde à época da chamada “Academia”, como o Palmeiras ficou conhecido.

Diante do sucesso e com o seu futebol em alta, Luís Pereira foi lembrado pela comissão técnica da seleção brasileira em 1973, durante o período de preparação para o Mundial de 1974. Naquela oportu-

nidade, ele já estava casado, e sua esposa Marilu havia perdido o filho durante o parto. Chateado com a situação, o zagueiro pensou em recusar a sua convocação, mas, incentivado pela sua mulher, abraçou o desafio. “Você deve ir, vá, jogue por mim, jogue muito!”.

Infelizmente, o sucesso alcançado no clube não se repetiu na seleção, que apresentou resultados apertados e pouco convincentes, devido ao esquema de jogo irritante e demasiadamente defensivo praticado na época. Mas, mesmo assim, não deixou de marcar presença, quando fez a sua primeira grande atuação na vitória contra a Alemanha por 1 a 0, em 16 de junho de 1973, quando anulou completamente o sempre perigoso atacante Müller.

O que todos previam aconteceu: o fim do sonho do tetra, quando fomos derrotados pelos incríveis holandeses, com Luís Pereira sendo expulso de campo, depois de uma entrada violenta em Johan Neeskens.

Voltando ao Brasil, foi campeão paulista de 1974, conquistando novamente o Troféu Ramón de Carranza em mais duas edições (1974 e 1975), ocasião em que foi negociado com Leivinha para o Atlético de Madrid, clube em que fez também muito sucesso, o que lhe rendeu um novo apelido: “El Defensa Espectáculo”.

Graças a uma proposta do Flamengo, retornou ao Brasil, tendo uma rápida passagem pelo futebol

carioca. Voltou ao Palmeiras no ano de 1981, lá permanecendo até 1984. Atuou ainda pela Portuguesa de Desportos, em que foi vice-campeão paulista de 1985, pelo Corinthians em 1986, Santo André, A.D. São Caetano e Central Brasileira, de Cotia, antes de pendurar suas chuteiras.

Costumava dizer que não tinha medo se um dia o seu futebol acabasse. Se isso acontecesse, não pensaria duas vezes, pegaria suas ferramentas e voltaria a trabalhar na General Motors. Consta que, após o término de sua carreira, houve um jogo festivo em sua cidade natal, Juazeiro, para marcar a sua despedida, mas, logo no início do jogo, após uma falta dura, Luís Pereira foi expulso, e a torcida no estádio ficou, como não poderia deixar de ser, enfurecida a ponto do prefeito da cidade retirar o juiz de campo, substituí-lo e recomençar a partida com Luís Pereira, para a satisfação dos torcedores.

Pela sua importância no meio futebolístico, o seu nome consta em várias páginas na internet, as quais destacam os feitos e números alcançados durante a sua gloriosa carreira. De nossa parte, como torcedores, não poderíamos ficar alheios. Daí esta homenagem ao nosso eterno LUÍS CHEVROLET. ■

Referências Bibliográficas
Blog *Tardes de Pacaembu* – O futebol sem as fronteiras do tempo.
Edições da Revista *Placar*.
Wikipédia.

Mario Edson Botteon
é empresário aposentado.

Os jogos do São Paulo Futebol Clube em São Caetano do Sul



Renato Donisete Pinto

O SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE é uma das maiores agremiações do cenário do futebol mundial. Foi fundado em 25 de janeiro de 1930. Possui 12 títulos internacionais. Na sua gloriosa trajetória, o clube visitou a cidade de São Caetano do Sul em várias oportunidades; seja enfrentando os clubes da cidade (São Caetano Esporte Clube, Associação Atlética São Bento, Clube Atlético Monte Alegre, Saad Esporte Clube e Associação Desportiva São Caetano) ou paulistas (Clube Atlético Juventus e Esporte Clube Mogi Mirim); ou mesmo realizando um clássico contra a Sociedade Esportiva Palmeiras no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Vários craques do futebol brasileiro desfilaram toda a sua garra e técnica na cidade, basta olhar com atenção nas fichas técnicas desses confron-

tos. A seguir, um breve relato das visitas do Tricolor Paulista em terra sul-são-caetanense.

A primeira vez que o São Paulo Futebol Clube visitou São Caetano foi em 1938, na época em que a localidade ainda era um distrito do município de São Bernardo, para enfrentar, em jogo amistoso, o São Caetano Esporte Clube. A partida foi realizada no Estádio Conde Francisco Matarazzo, o famoso Estádio da Rua Paraíba. O São Paulo voltaria a enfrentar o São Caetano mais duas vezes em 1941, também em amistosos. No dia 29 de abril de 1944, em comemoração ao 30º aniversário da sua fundação, o São Caetano realizaria partida amistosa com o quadro amador do São Paulo. Três craques são-paulinos foram homenageados: Leônidas, Sastre e Fiorotti. José Fiorotti nasceu em

Ataque do São Paulo na área do São Bento. Foto de 7 de outubro de 1956

São Caetano e, antes de atuar pelo São Paulo, no início da carreira, integrou a equipe do São Caetano que foi campeã do interior do Estado em 1929 (referente ao ano de 1928).

São Caetano E.C. 1 x 5 São Paulo F.C. - Amistoso/ 7 de agosto de 1938/ Estádio Conde Francisco Matarazzo/ São Caetano: Minelli; Antoninho, Russo, Reis, Armando, Bisueta, Jurandyr, Aurélio (Marinotti), Mesquita, Deca e Waldemar/ São Paulo: Caxambu, Aníbal e Horácio; Evaristo, Sidney (Damasco) e Orozimbo; Ministrinho, Carioca, Elyseo, Milani (Pixe) e Felipelli. Técni-

co: Tito Rodrigues/ Árbitro: João Lourenço; Gols: Carioca, aos 10, e Antoninho, aos 20 minutos do primeiro tempo; Elyseo, aos 6, 25 e 27, e Felipelli, aos 38 minutos do segundo tempo.

São Caetano E.C. 3 x 1 São Paulo F.C. - Amistoso/ 30 de março de 1941/ Estádio Conde Francisco Matarazzo/ São Caetano: Manilli, Tonin e Carlos; Escovinha, Gallet e Geraldo; Jurandir, Gomes, Tião, Marinotti e Archet (Toscano)/ São Paulo: Caxambu, Bento e Iracino (Strauss), Cioffi, Válter e Zaclis; Ministro, Jofre, Luisinho, Armando e Rodrigues. Técnico: Vicente Feola/ Gols: Tião (2) e Gomes para o São Caetano e Jofre para o São Paulo.

São Caetano E.C. 1 x 6 São Paulo F.C. - Amistoso/ 14 de dezembro de 1941/ Estádio Conde Francisco Matarazzo/ São Caetano: Oswaldo (Manile); Martorelli, Cioffi, Claudionor, Galet (Arlindo), Geraldo, Jurandir, Marinotti (Aurélio), Tião, Fogueira e Calú/ São Paulo: Caxambu, Aníbal e Iracino (Orozimbo); Zaclis (Strauss), Walter e Bala; Mendes, Jofre (Luís Malta), Hemédio, Paulo e Novelli. Técnico: Vicente Feola/ Árbitro: José Alexandrino/ Gols: Mendes, aos 10 e 36 minutos do primeiro tempo; Hemédio, aos 42 do primeiro tempo e 2 minutos do segundo tempo; Calú aos 17; Mendes, aos 30; e Paulo, aos 34 minutos do segundo tempo.

Com o Estádio Anacleto Campanella inaugurado em 1955 no município de São Caetano do Sul, o São Paulo F.C. enfrentaria a A.A. São Bento na cidade em três oportunidades: com uma equipe mista num jogo amistoso comemorativo do primeiro aniversário da nova agremiação; e, depois, retornaria para duas partidas válidas pelo Campeonato Paulista.

A.A. São Bento 2 x 0 São Paulo F.C. - Amistoso/ 26 de junho de 1955/ São Bento: Arlindo, Elpídio e Lamparina; Gaia, Savério e Diogo; Nelsinho, Zé Carlos (Ubiratan), Bota, Dema e Chuna/ São Paulo: Elias; Meloni e Clélio; Alan, Pian e Cardenuto; Mil-tinho, Negri, Zezinho (Sarcinelli), Lanza e Haroldo/ Árbitro: Paulo Simões/ Gols: Chuna, aos 20 minutos, e Bota, aos 40 minutos do primeiro tempo.



Defesa de Aldo próximo de Dino Sani e Turcão. Foto de 7 de outubro de 1956



Lateral Júnior acompanhando o atacante Somália, observado pelo árbitro Wagner Tardelli. Foto de 30 de outubro de 2005



Rogério Ceni cobrando falta. Foto de 26 de outubro de 2003



Arquivo/Albino Mabeaga

A.A. São Bento 2 x 2 São Paulo F.C. - Campeonato Paulista/ 17 de setembro de 1955/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Bento: Cerri; Elpidio, Lamparina; Clóvis, Gaia e Diogo; Gibi, Tantos, Bota, Dema e Lino/ São Paulo: Costa; Pé de Valsa e Mauro; Vítor, Bauer e Alfredo; Maurinho, Roque, Gino, Teixeira e Canhoto. Técnico: Vicente Feola/ Árbitro: Esteban Marino/ Gols: Tantos, aos 31, e Maurinho, aos 39 minutos do primeiro tempo; Bota, aos 39 minutos, e Pé de Valsa, aos 42 minutos do segundo tempo.

A.A. São Bento 1 x 4 São Paulo F.C. - Campeonato Paulista/ 7 de outubro de 1956/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Bento: Aldo; Elpidio, Savério, Maurinho, Rubens, Turcão, Marinho, Zé Carlos, Bota, Dema e Varca. Técnico: Álvaro Nahum/ São Paulo: Bonelli, Turcão e Mauro; Sarará, Vítor e Riberto; Maurinho, Lanzoninho, Zezinho, Dino Sani e Canhoto. Técnico: Vicente Feola/ Árbitro: Mário Diego Blasi/ Gols: Lanzoninho, aos 23, e Savério (contra), aos 45 minutos do primeiro tempo; Zezinho, aos 22, Dema, aos 27, e novamente Zezinho, aos 39 minutos do segundo tempo.

Com o fim da A.A. São Bento, o São Paulo F.C. só voltaria a São Caetano do Sul em 1965 para participar de um jogo beneficente em prol das entidades Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) e Associação de Proteção

à Maternidade e à Infância (Apami), ocasião em que enfrentou o C.A. Monte Alegre. Naquele ano, o Monte Alegre disputava a segunda divisão de profissionais do Campeonato Paulista. Uma curiosidade: o defensor são-paulino Landola (Fernando Paolilo) nasceu em São Caetano do Sul e vestiu a camisa do São Paulo nos anos de 1964 e 1965.

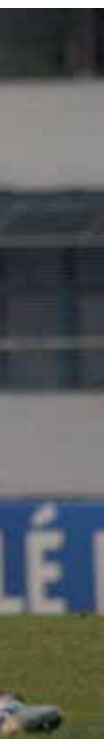
C.A. Monte Alegre 1 x 3 São Paulo F.C. - Amistoso/ 21 de novembro de 1965/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ Monte Alegre: Ecio (Nenê); Oscar, Vilmar (Jaú) e Tim; Levi (Valter) e Otto (Riberto); Touguinha, Zezinho, Claudiney (Cruz); Preguinho (Hugo) e Valter Prado/ São Paulo: Suly (Raul); Carbone e Landola; Zoé (Ademir), Jurandir e Tenente (Santos), Peter (Tático), Nenê (Valter), Aluísio (Pagão), Vadinho (Efraim) e Valdir (Reginaldo). Técnico: Jim Lopes/ Árbitro: Albino Zanferrari/ Gols: Nenê (2) e Aluísio para o São Paulo e Claudiney para o Monte Alegre.

O São Paulo enfrentou o Saad E.C. em São Caetano do Sul em apenas três oportunidades. O primeiro confronto aconteceu em 1971, numa partida amistosa. Em 1985, em menos de dois meses, um amistoso no aniversário da cidade com portões abertos ao público. Nesses confrontos, o São Paulo foi representado pelo "Expressinho", uma equipe treinada por Zé Carlos Serrão que excursionava e dava experiência para os novos talentos do clube.

Saad E.C. 1 x 1 São Paulo F.C. - Amistoso/ 20 de julho de 1971/ Estádio Municipal Anacleto Campanella. Saad: Ronaldo (Fininho); Roberto, Flávio, Oscar e Ari (Caxias); Zanetti e Raimundinho (Cebola); Antenor (Gilberto), Coppini, Arlindo (Zélio) e Fernandes (Valdir)/ São Paulo: Sérgio (Vanderlei), (Picasso); Tenente (Dias), Jurandir (Lima), Arlindo e Gilberto; Carlos Alberto e Pedro Rocha; Terto, Paulo (Téia), Toninho Guerreiro e Paraná (Toninho II). Técnico: Osvaldo Brandão/ Árbitro: Renato Barbeito/ Gols: Paraná, aos 16 do primeiro tempo, e Flávio, aos 30 minutos do segundo tempo.

Saad E.C. 3 x 2 São Paulo F.C. (Expressinho) - jogo-treino/ 29 de maio de 1985/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ Árbitro: Roberto Nunes Morgado/ Gols do Saad: Londrina (2) e Valdemir.

Saad E.C. 2 x 2 São Paulo F.C. (Expressinho) - Amistoso/ 28 de julho de 1985 / Estádio Anacleto Campanella/ Saad: Swami (Silvio); César, Márcio (Valter Alemão), Edir (André) e Odair (Zé Luís); Valdemir, Sabá (Dedé), Bárbara e Cacá (Klen); Chumbinho e Andrade (Gideon)/ São Paulo: Zé Carlos (Oliveira); Luís Carlos, Santos (Varlei), Cícero e Marcos; Renato, China (Marcelo) e Lange (Vagner); Rudnei, Agnaldo e Freitas (Mussashi)/ Árbitro: Epitácio Pinheiro Rodrigues/ Gols: Andrade, Agnaldo (2) e Bárbara.



Arquivo/Diário do Grande ABC (Fernando Damás)



Arquivo/Diário do Grande ABC (Fernando Damás)

Primeiro jogo envolvendo o São Paulo F.C. e a Associação Desportiva São Caetano. Partida realizada sob forte chuva em São Caetano do Sul. Válido pelo Torneio Rio-São Paulo.

A.D. São Caetano 1 x 0 São Paulo F.C. - Torneio Rio-São Paulo/ 24 de março de 2002/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Sílvio Luiz; Russo, Daniel, Dininho e Rubens Cardoso; Marcos Senna, Marlon, Adãozinho e Aílton (Marco Aurélio); Wágner (Messias) e Brandão (Somália). Técnico: Jair Picerni/ São Paulo: Rogério Ceni; Belletti, Jean, Reginaldo e Gabriel; Fábio Simplício (Sandro Hiroshi), Maldonado, Souza (Lúcio Flávio) e Kaká; Reinaldo e França. Técnico: Nelsinho Baptista/ Árbitro: Sálvio Spínola Fagundes Filho/ Gol: Wágner, aos 14 minutos do segundo tempo/ Público: 7.217 pagantes.

Um dos maiores clássicos do futebol paulista foi realizado no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Pelas semifinais do Supercampeonato Paulista, o São Paulo superou o Palmeiras e avançou às finais, conquistando o título.

S.E. Palmeiras 0 x 2 São Paulo F.C. - Supercampeonato Paulista/ 19 de maio de 2002/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ Palmeiras: Sérgio; Taddei, Alexandre, Cesar e Misso; Paulo Assunção, Célio, Magrão (Juninho) e Lopes (Pedro); Muñoz e Christian (Itamar). Técnico: Vanderlei Luxemburgo/ São Paulo: Roger; Rafael, Reginaldo (Emerson) e Jean; Gustavo Nery, Maldonado, Fábio Simplício, Lúcio Flávio (Julio Baptista) e Adriano; Reinaldo e Dill (Sandro Hiroshi). Técnico: Oswaldo de Oliveira/ Árbitro: Romildo Correia/ Gols: Reinaldo, aos 40, e Fábio Simplício, aos 48 minutos do segundo tempo.

Mais uma derrota do São Paulo para o São Caetano.

A.D. São Caetano 3 x 0 São Paulo F.C. - Campeonato Brasileiro/ 7 de setembro de 2002/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Sílvio Luiz; Daniel, Dininho e Serginho; Fábio Santos (Irineu), Claudécir, Magrão, Adãozinho e Marlon; Adhemar e



Gustavo Nery protegendo a bola do Marcinho, observado pelo técnico Tite. Foto de 26 de outubro de 2003



Lucas Moura partindo para o ataque. Foto de 5 de março de 2011



Rivaldo disputando a bola com Oswaldo. Foto de 20 de fevereiro de 2013



Arquivo/Direito da Grande ABC (Rafael Cornei)

Anailson (Marcos Aurélio). Técnico: Mário Sérgio/ São Paulo: Roger; Rafael (Gabriel), Jean, Régis e Gustavo Nery; Maldonado, Fábio Simplício (Júlio Baptista), Ricardinho e Kaká; Reinaldo e Leandro (Oliveira). Técnico: Oswaldo Oliveira/ Árbitro: Romildo Correia/ Gols: Magrão, aos 37 minutos do primeiro tempo; Marcos Aurélio, aos 10, e Claudécir, aos 28 minutos do segundo tempo.

Primeira vitória do São Paulo em confrontos com o São Caetano.

A.D. São Caetano 0 x 1 São Paulo F.C. - Campeonato Brasileiro/ 26 de outubro de 2003/ Estádio Municipal Anacleto Campanella / São Caetano: Sílvio Luiz; Dininho (Thiago), Gustavo e Serginho; Mineiro, Marcelo Mattos (Somália), Fábio Santos, Marcinho e Zé Carlos (Elivélton); Adhemar e Warley. Técnico: Tite/ São Paulo: Rogério Ceni; Gabriel, Jean, Lugano e Gustavo Nery; Alexandre (Adriano), Carlos Alberto, Ricardinho (Fabiano) e Fábio Santos; Kléber e Luís Fabiano (Diego Tardelli). Técnico: Roberto Rojas/ Árbitro: Luís Marcelo Vicentini Cansian/ Gols: Luís Fabiano, aos 2 minutos do segundo tempo/ Público: 8.324 pagantes.

A vitória do São Paulo, com dois gols do atacante Grafite, salvou o Corinthians do rebaixamento no Campeonato Paulista. Com esse resultado, a equipe da Mooca caiu para a Série A2. Uma curiosidade: o lateral do Juventus, Jorge Luís, nas-

ceu e, na época, morava no Bairro Santo Antonio, em São Caetano do Sul.

C.A. Juventus 1 x 2 São Paulo F.C. - Campeonato Paulista/ 14 de março de 2004/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ Juventus: Williams (Fernando); Itabuna, Ivan, Fábio e Luís Henrique (Elisandro); Edmilson, Daniel, Serginho e Terrão (Joílson); Wellington Paulista e Valdo. Técnico: Roberto Brida/ São Paulo: Rogério Ceni; Gabriel, Rodrigo, Lugano e Fábio Santos; Adriano, Souza (Danilo) e Marquinhos; Grafite (Tardelli), Luís Fabiano e Jean (Vélber). Técnico: Cuca/ Árbitro: Sálvio Spínola Fagundes Filho/ Gols: Grafite, aos 32 e aos 42 minutos do primeiro tempo; e Terrão, aos 12 minutos do segundo tempo.

Disputa de um jogo difícil pelo Campeonato Brasileiro. As duas equipes vinham de derrotas na competição.

A.D. São Caetano 0 x 0 São Paulo F.C. - Campeonato Brasileiro/ 13 de julho de 2004/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Sílvio Luiz; Anderson Lima, Dininho, Gustavo, Serginho e Triguinho; Marcelo Mattos, Mineiro, Mateus (Marco Aurélio); Warley (Euller, depois Borges) e Fabrício Carvalho. Técnico: Muricy Ramalho/ São Paulo: Rogério Ceni; Cicinho, Flávio, Lugano e Fábio Santos (Aílton); César Sampaio, Renan (Souza), Danilo e Vélber; Grafite (Márcio) e Jean. Técnico: Cuca/

Árbitro: Sálvio Spínola Fagundes Filho/ Público: 5.770 pagantes.

Neste jogo decisivo pela Copa Sul-Americana, o São Paulo arrancou um empate em São Caetano do Sul. Na decisão no Morumbi, aconteceu novo empate em um gol. Na decisão por pênaltis, vitória por 4 a 1 do São Paulo, que classificou o time para a terceira fase da competição.

A.D. São Caetano 1 x 1 São Paulo F.C. - Copa Sul-Americana/ 15 de setembro de 2004/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Sílvio Luiz; Dininho, Gustavo e Thiago; Anderson Lima, Paulo Miranda (Marcelo Mattos), Mineiro, Marcinho (Danilo) e Triguinho; Euller e Fabrício Carvalho (Fernando Baiano). Técnico: Péricles Chamusca/ São Paulo: Rogério Ceni; Lugano, Fábio e Rodrigo; Cicinho, Alê, César Sampaio, Danilo e Fábio Santos; Jean (Rondon) e Grafite. Técnico: Emerson Leão/ Árbitro: Sílvia Regina de Oliveira/ Gols: Gustavo, aos 35 do primeiro tempo, e Grafite, aos 27 minutos do segundo tempo/ Ocorrências: cartão vermelho para Anderson Lima/ Público: 2.828 pagantes.

Jogo emocionante válido pelo Campeonato Paulista, com vitória de virada do São Paulo nos minutos finais de jogo. No final do certame, o Tricolor Paulista conquistaria o título.

A.D. São Caetano 3 x 4 São Paulo F.C. - Campeonato Paulista/ 9 de



Arquivo/Direito da Grande ABC (Jai Palezi)



Arquivo/Direito da Grande ABC (Celso Luiz)

fevereiro de 2005/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Silvio Luiz, Ceará, Neto, Thiago e Triguinho; Zé Luís, Raulen, Paulo Miranda, Canindé (Douglas); Anailson (Alessandro) e Luís Cláudio. Técnico: Zetti/ São Paulo: Rogério Ceni; Fabão (Alex), Rodrigo e Ed Carlos (Luizão); Cichinho, Josué, Mineiro (Marco Antonio), Danilo e Júnior; Grafite e Diego Tardelli. Técnico: Emerson Leão/ Árbitro: Rodrigo Marcos Cintra/ Gols: Luiz Cláudio, aos 3, Diego Tardelli, aos 10, e Anailson, aos 40 minutos do primeiro tempo; Zé Luís, aos 17, Marco Antonio, aos 40, Grafite, aos 42, e Josué, aos 46 minutos do segundo tempo/ Ocorrências: cartão vermelho para Triguinho e Luiz Cláudio/ Público: 8.096 pagantes.

Jogo válido pela 35ª rodada do Campeonato Brasileiro.

A.D. São Caetano 0 x 1 São Paulo F.C. - Campeonato Brasileiro/ 30 de outubro de 2005/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Silvio Luiz, Thiago, Gustavo e Neto (Pingo); Alessandro, Zé Luís, Júlio Cesar (Canindé) e Triguinho; Edilson, Somália e Jean (Márcio Mixirica). Técnico: Jair Picerni/ São Paulo: Rogério Ceni; Fabão, Ed Carlos e Lugano; Cichinho, Denilson, Josué, Richarlyson e Júnior; Souza e Roger (Flávio). Técnico: Paulo Autuori/ Árbitro: Wagner Tardelli Azevedo/ Gols: Neto (contra), aos 16 minutos do segundo tempo/ Público: 3.944 pagantes.

Em partida válida pelo Cam-

peonato Paulista, o goleiro Rogério Ceni faria em cobrança de pênalti o 56º gol da sua carreira. No final do certame, o São Paulo ficaria com o vice-campeonato, e o Mogi Mirim seria rebaixado.

São Paulo F.C. 3 x 0 Mogi Mirim E.C. - Campeonato Paulista/ 22 de fevereiro de 2006/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Paulo: Rogério Ceni; Ed Carlos, Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo (Rodrigo Fabri) e Júnior; Thiago e Alex Dias (Leandro). Técnico: Muricy Ramalho/ Mogi Mirim: Edervan; Preto, Xandão e Alexandre Luz; Dudu, Wellington, Pepo (Marcos Vinícius), Fernando (Ramirez) e Wesley; Marquinhos Alagoano (Gerson) e Dinei. Técnico: Círio Quadros/ Árbitro: Paulo César de Oliveira/ Gols: Mineiro, aos 7, Souza, aos 10, e Rogério Ceni, aos 34 minutos do segundo tempo/ Público: 9.675 pagantes.

Mais uma vitória que manteve o São Paulo na liderança do campeonato brasileiro. A equipe, posteriormente, conquistaria o título.

A.D. São Caetano 0x1 São Paulo F.C. - Campeonato Brasileiro/ 21 de setembro de 2006/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Mauro; Thiago, Gustavo e Anderson Lima; Madson (Leandro Lima), Daniel, Muçamba, Élton (Dinelson) e Canindé; Marcelinho e Lucas (Martin). Técnico: Hélio dos Anjos/ São Paulo: Rogério Ceni; Iلسinho, Miranda, Fabão e

Richarlyson; Josué, Mineiro, Lenilson (Rodrigo Fabri) e Danilo; Thiago (Ramalho) e Leandro (Alex Dias). Técnico: Muricy Ramalho/ Árbitro: Sálvio Spínola Fagundes Filho/ Gol: Richarlyson, aos 2 minutos do segundo tempo/ Público: 5.178 pagantes.

Jogo importante para classificação das duas equipes para as semifinais. Na fase decisiva, o São Paulo foi eliminado pelo próprio São Caetano, que conquistaria o vice-campeonato.

A.D. São Caetano 1 x 0 São Paulo F.C. - Campeonato Paulista/ 25 de março de 2007/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Luiz; Paulo Sérgio, Maurício, Thiago e Triguinho; Luis Alberto, Glaydson, Canindé (Marabá) e Douglas; Luiz Henrique (Leandro Lima, depois Galiardo) e Somália. Técnico: Dorival Júnior/ São Paulo: Rogério Ceni; Alex Silva, Ed Carlos (Lenilson) e Miranda; Souza, Hernanes, Júnior, Hugo (Francisco Alex) e Jadilson; Marcel e Borges (Aloísio). Técnico: Muricy Ramalho/ Árbitro: Élcio Paschoal Borborema/ Gol: Canindé, aos 44 minutos do primeiro tempo/ Público: 9.067 pagantes.

Jogo válido pelo Campeonato Paulista com a presença dos jovens Lucas Moura e Casemiro.

A.D. São Caetano 0 x 2 São Paulo F.C. - Campeonato Paulista/ 5 de março de 2011/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São

Caetano: Luiz, Artur, Jean Roth, Anderson Marques e Bruno Recife; Erandir, Ricardo Conceição, Souza (Kleber) e Ailton (Walter Minhoca); Luciano Mandi (Eduardo) e Vandinho. Técnico: Ademir Fonseca/ São Paulo: Rogério Ceni; Xandão, Rhodolfo e Luis Eduardo; Jean, Rodrigo Souto (Wellington), Casemiro (Marlos), Lucas e Juan (Il-sinho); Dagoberto e Willian José. Técnico: Paulo César Carpegiani/ Árbitro: Leandro Bizzio Marinho/ Gols: Rhodolfo, aos 29, e Jean, aos 45 minutos do segundo tempo/ Público: 5.744 pagantes.

Em jogo válido pelo Campeonato Paulista, o São Paulo virou o placar em cima do Azulão. Em campo, a presença de três campeões mundiais de 2002: Rivaldo pelo São Caetano e Rogério Ceni e Lúcio pelo São Paulo.

A.D. São Caetano 2 x 4 São Paulo F.C. - Campeonato Paulista/ 20 de fevereiro de 2013/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Fábio; Samuel Xavier, Bustamante, Eli Sabiá e Pirão (Diego); Moradei (Eder), Leandro Carvalho, Marcone e Rivaldo (Eduardo); Danielzinho e Jobson. Técnico: Geninho/ São Paulo: Rogério Ceni; Douglas, Lúcio, Rafael Tolói e Cortez (Carleto); Denílson, Maicon (Wellington), Jadson e Ganso (Aloísio); Osvaldo e Luís Fabiano. Técnico: Ney Franco/ Árbitro: José Cláudio Rocha Filho/ Gols: Luís Fabiano, aos 13 minutos, Danielzinho, aos 24, Jobson, aos 26, e Maicon, aos 45 minutos do primeiro

tempo. Luís Fabiano, aos 27, e Aloísio, aos 47 minutos do segundo tempo/ Público: 9.213 pagantes.

Jogo válido pelas quartas de final do Campeonato Paulista. O São Paulo seguiu para as semifinais depois de vencer o São Caetano no Morumbi por 2 a 0.

A.D. São Caetano 1x0 São Paulo F.C. - Campeonato Paulista/ 17 de março de 2018/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Paes; Alex Reinaldo, Sandoval, Max e Bruno Recife; Ferreira, Vinicius Kiss (Cristian), Nonato (Niltinho) e Chiquinho; Ermínio (Stéfano Yuri) e Diego Rosa. Técnico: Pintado/ São Paulo: Jean; Éder Militão (Bruno), Arboleda, Rodrigo Caio e Júnior Tavares; Jucilei (Liziero) e Petros; Nenê, Cueva (Marcos Guilherme) e Valdívia; Diego Souza. Técnico: Diego Aguirre/ Árbitro: Vinicius Furlan/ Gol: Chiquinho, aos 7 minutos do segundo tempo/ Ocorrências: cartão amarelo para Vinicius Kiss, Niltinho e Rodrigo Caio/ Público: 5.224 pagantes.

Jogo mais recente entre as duas equipes na cidade. No final do campeonato, o São Caetano foi rebaixado para a Série A2, e o São Paulo foi vice-campeão.

A.D. São Caetano 1x1 São Paulo F.C. - Campeonato Paulista/ 20 de março de 2019/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Luiz Daniel; Alex Reinaldo, Saimon, Max e Capa; Esley

(Rafael Marques), Vinicius Kiss, Pablo e Vitinho (Diego Rosa); Minho e Bruno Mezenga (Hernandes). Técnico: Pintado/ São Paulo: Tiago Volpi; Igor Vinicius (Bruno Peres), Bruno Alves, Anderson Martins e Reinaldo; Luan, Hudson, Igor Gomes (Jonathan Gómez) e Antony; Pablo e Gonzalo Carneiro (Everton Felipe). Técnico: Vágner Mancini/ Árbitro: Luiz Flávio de Oliveira/ Gols: Antony, aos 24, e Pablo, aos 40 minutos do segundo tempo/ Público: 3.425 pagantes.

Os jogos das categorias de base do São Paulo Futebol Clube em São Caetano do Sul serão documentados em outra oportunidade. ■

Agradecimentos

Rodolfo Pedro Stella Jr e Vitoria Santos (Banco de Dados/ DGABC)

Referências Bibliográficas

- BORBA, Marco. Defesa bate cabeça e Azulão segue sem vencer sob comando de Geninho. *Diário do Grande ABC*, 21 fev. 2013.
- COSTA, Alexandre da. *Almanaque do São Paulo*. São Paulo: Abril, 2006.
- CRISTOFANI, Analý. Azulão e S. Paulo empatam e técnicos seguem ameaçados. *Diário do Grande ABC*, 14 jul. 2004.
- Azulão faz 3 e deixa o São Paulo cada vez mais frequentes. *Diário do Grande ABC*, 8 set. 2002.
- Azulão mantém tabu, mas só empatia. *Diário do Grande ABC*, 16 set. 2004.
- Dilúvio azul bate o S. Paulo. *Diário do Grande ABC*, 25 mar. 2002.
- São Paulo vence com gol do 'embaixador'. *Diário do Grande ABC*, 23 fev. 2006.
- D'ANGELO JUNIOR, Domingos Antonio; D'ANGELO, Marcello Antonio. *A data da fundação do São Paulo Futebol Clube*. São Paulo: DBA Editora, 2020.
- DERROTADO o misto do São Paulo em S. Caetano. *Diário da Noite*, 27 jun. 1955.
- FATTORI, Anderson. São Paulo mostra força e derrota São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 6 mar. 2011.
- FAUSTINI, Vinicius. Passou raspando! São Paulo empatou, mas vai às quartas do Paulista. 20 mar. 2019. Disponível em: www.lance.com.br. Acesso em: 20 ago. 2023.
- LIGERO, José Victor. Na estreia de Aguirre, Jean falha e São Paulo perde do São Caetano. 18 mar. 2018. Disponível em: www.gazetaesportiva.com. Acesso em: 20 ago. 2023.
- MEDICI, Ademir. *Uma história de campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: São Caetano Esporte Clube, 2003.
- MOMPEAN, Adriana. São Paulo vence no Anacleto e termina invicto a primeira fase. *Diário do Grande ABC*, 15 mar. 2004.
- PRASEMPRE Mitô. São Paulo: São Paulo Futebol Clube, 2016.
- RAMOS, Rafael. São Caetano e São Paulo seguem rumo a uma das semis. *Diário do Grande ABC*, 26 mar. 2007.
- RODRIGUES, Anderson. Gol contra barra subida do Azulão. *Diário do Grande ABC*, 31 out. 2005.
- RODRIGUES, Anderson. S. Caetano tropeça em Richarlison e mantém desespero. *Diário do Grande ABC*, 21 set. 2006.
- SANTIAGO JR, José Renato Sátiro; SNELL JR, Raul. *Almanaque do São Paulo: 90 anos de glórias*. São Paulo: José Renato Sátiro Santiago Junior, 2020.
- S. Paulo F.C. vence Monte Alegre 3x1. *Jornal de São Caetano*, 27 nov. 1955.
- VALENTIM, Nilton. São Paulo afunda o Palmeiras. *Diário do Grande ABC*, 20 mai. 2002.
- VALENTIM, Nilton; RAMOS, Rafael. Leão rugiu, juiz treme e São Paulo arranca vitória no Campanella. *Diário do Grande ABC*, 10 fev. 2005.

Renato Donisete Pinto é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul e do Memofut (grupo de Literatura e Memória do Futebol), é autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos Autores, 2019). Participou da Antologia *Bola na Rede* (InHouse, 2023).

Arco Verde Futebol Clube Campeão do Torneio Municipal Luiz Mantovani de 1967

Luiz Domingos Romano

O ARCO VERDE FUTEBOL CLUBE sagrou-se campeão no domingo, 10 de março de 1968, ao derrotar, na decisão do torneio municipal, a equipe da Sociedade Esportiva Gisela, por 2 a 1. O jogo decisivo foi realizado no Bairro Rudge Ramos, na praça de esportes do Meninos Futebol Clube, na cidade de São Bernardo do Campo.

Foi um lídimo campeão do torneio municipal de futebol, título merecido e que vale como autêntico campeonato, coroando uma brilhante campanha em que diretores, atletas, associados e simpatizantes deram o melhor de si para a almejada conquista.

Ao longo do certame, o Arco Verde Futebol Clube foi, sem dúvida, o esquadrão mais equilibrado, apresentando padrão definido de jogo graças ao grande trabalho do seu técnico, Vitorio Bosco. O resultado veio para a alegria da grande coletividade alverde da Rua Engenheiro Rebouças.

O campo estava lotado pelos torcedores dos dois clubes, que realizaram um jogo bem dispu-



Arco Verde Futebol Clube

Flâmula do
Arco Verde
Futebol Clube

tado, emocionante, com belas jogadas de ambos os lados, digno de uma grande decisão, como conta o jogador do Arco Verde F.C, o ponta esquerda Antonio Carlos Caversan, o Carlão, que participou de todos os jogos. Ele afirma que houve um pênalti a favor do Gisela, que o grande goleiro Molina defendeu quando o placar do jogo estava 2 a 1 para o Arco Verde. Nesse momento, “só foi alegria e muita vibração. Ali, senti que o título era nosso”, comenta.

Carlão relembra, ainda hoje com saudades, essa grande decisão. “O nosso time era completo. Uma grande defesa, um meio de campo bem técnico e um ataque ‘matador’”.

Pela histórica conquista, merece ser destacado ainda o

presidente do clube José Alves Pereira, um dos baluartes dessa campanha pelo seu empenho e dedicação ao clube de seu coração. No dia 16 de março daquele ano, a manchete do *Jornal de São Caetano* era a seguinte: Encerrado com sucesso o Torneio Municipal: Arco Verde F.C. Campeão com “C” maiúsculo.

Arco Verde F.C. (campeão) 2 x 1 S.E. Gisela (vice-campeão)

Data: 10 de março de 1968 (domingo).

Local: Meninos Futebol Clube, Bairro Rudge Ramos, São Bernardo do Campo.

Arco Verde F.C.: Molina, Valdir, João, Gordinho, Santo, Bob e Wilson, Lair, Italiano, Messias e Carlão / **S.E. Gisela:** Pedrinho (Neu), Zezinho, Moleiro, Jairo, Nanã e Tonhão, Alberto,

Danda, Pedrão e Joãozinho.

Gols: Lair (Arco Verde) e pênalti de Pedrão (Gisela).

Árbitro: Marconi Potge / Auxiliares: Felipe Sanches Martins e Diógenes Macedo (todos da Federação Paulista de Futebol).

Guarani Futebol Clube (3º lugar) 5 x 2 Ponta Porã Futebol Clube (4º lugar)

Guarani F.C.: Preto, Javali, Miguel, Sobral, Betão, Néó e Zeca, Bahia, Maurício, Roberto e Serginho / Ponta Porã F.C.: Raimundo, Aurélio, Jorge, Zé Carlos, Joãozinho e Gaguinho, Zelito, Dalco, Pedro, Mixirica e Osni.

Gols: Roberto (2), Néó, Bahia e Maurício (Guarani F. C.); Pedro e Mixirica (Ponta Porã F.C.).

Árbitro: Darcio Oliveira da Federação Paulista de Futebol (F.P.F.) / Auxiliares: Valter Alves e Lourival Araujo França da Liga Sancaetanense de Futebol (L.S.F.). A renda da jornada esportiva somou NCr\$ 393,00. ■

Agradecimento

Antonio Carlos Caversan
Fonte de informação: *Jornal de São Caetano*.

Luiz Domingos Romano é designer na área de produto e embalagem e pós-graduado em Comunicação Visual. Atualmente, é proprietário da LD Romano Design Ltda. Colecionador, pesquisador e memorialista na área esportiva, é membro do Memofut (Grupo de Literatura e Memória do Futebol), em São Paulo, e conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.



Acervo/Luiz Domingos Romano

Carlão recebe a faixa de campeão do Torneio Municipal Luiz Mantovani do então prefeito Hermógenes Walter Braido em 1968



Carlão, com a faixa de campeão, em foto de 2023

Acervo/Luiz Domingos Romano



O jogador Carlão com o uniforme do Arco Verde em 1967



Banca Jardim 1º de Maio em foto da década de 1990. Na época, o estabelecimento já apresentava um conceito de vendas com características que extrapolavam a proposta da comercialização de jornais e revistas

As bancas de jornais são eternas

▣ Marcos Eduardo Massolini

O PROGRESSO É INEXORÁVEL, as tecnologias são arrebatadoras e, nesse processo inevitável da jornada humana na sociedade, o que era imprescindível em certa época pode se tornar obsoleto em outro momento da história ou virar nicho para um segmento específico de público. A telefonia móvel, por exemplo, praticamente extinguiu o telefone público de rua, o famoso “orelhão”. Já os discos de vinil voltaram bravamente à ativa depois de permanecerem no limbo, primeiro com a invasão dos compact discs (CDs) e, na sequência, com a explosão das plataformas musicais, que transportaram a música das gravadoras para o formato digital. Ho-

je, se os long-plays (LPs) de vinil ainda resistem, é porque um número considerável de colecionadores e apreciadores do universo *vintage* os mantêm na crista da onda.

As bancas de jornais, outro ícone cultural do século 20, surgiram há mais de 100 anos e há indícios de que o nome “banca” tenha se originado do primeiro jornaleiro a montar um ponto físico de vendas no Rio de Janeiro, o imigrante italiano Carmine Labanca. Nos últimos anos, o número de bancas em todo o Brasil tem diminuído drasticamente e são várias as causas para esse fenômeno. Além das assinaturas de jornais e revistas terem gradativamente afastado o leitor dos espaços físicos de vendas, o próprio hábito de ler veículos impressos sucumbiu diante da avalanche da internet e os próprios meios de imprensa estão se transferindo para o formato *on-line*. Outro fator considerável para o “esvaziamento” das bancas foi o fim da Distribuidora Nacional de Publicações (Dinap), que pertencia à Editora Abril, outrora um “império” editorial, que, por conta de diversos fatores econômicos e administrativos, fechou seu parque gráfico e encerrou diversos títulos de revistas.



O garoto Marcos Eduardo Massolini com um gibi em foto de 1981

As bancas de jornais fazem parte da minha vida desde que me conheço por gente e, certamente, foi “amor à primeira vista”. Quando minha mãe, dona Lourdes, professora da rede pública que venerava as línguas (principalmente a portuguesa e a francesa) e incentivava desde sempre a leitura, levou-me, pela primeira vez, a uma banca, eu tinha 5 anos de idade. Fiquei maravilhado com aquelas dezenas de capas de revistas distribuídas nas prateleiras, numa explosão de cores, letras e fotos que marcaria para sempre a minha memória como um carimbo. Foi naquele dia de julho de 1972 que minha mãe comprou o meu primeiro gibi, *Mônica*, da Editora Abril, com personagens da famosa turma criada pelo visionário Mauricio de Sousa. Foi o primeiro gibi da minha coleção, que hoje já ultrapassou os dois mil exemplares e é um dos reflexos nítidos da minha paixão desmesurada pelas bancas – a

minha outra coleção é de revistas e magazines do século 20.

Na então Vila Barcelona da minha infância, existiam vários pontos de vendas de jornais e revistas. Um dos mais marcantes era o estabelecimento que ficava em frente ao supermercado Cooperhodia (hoje Coop), na Rua Joana Angélica, e que, pelas suas características de loja, com porta de correr e paredes de cimento, era uma “banca diferente”. Lá, eu completei a excelente coleção *Os Bichos*, que saía em fascículos semanais e depois era encadernada em cinco volumes tomos de capa dura. Outra famosa banca do bairro era a do Romualdo (Tatu), na esquina das ruas Maceió e Taipas, onde completei vários álbuns de figurinhas – um deles foi o *Galeria Disney*, uma febre entre a criançada da época. Essa banca, dos anos 1960, durou até pouco tempo atrás com outro proprietário – hoje preserva as características antigas, mas é um ponto de acessórios para celular.

Meu pai, seu João, foi um contumaz frequentador desses estabelecimentos desde a infância e, durante toda a sua vida,

comprou revistas, jornais e fascículos diversos. Eu me lembro como se fosse hoje: meu pai voltando do trabalho com seu jornal a tiracolo (que podia ser *Folha da Tarde* ou *Jornal da Tarde*), um gibi para mim, uma revista de montar ou a revista *Recreio* para minha irmã e fatalmente um fascículo semanal da vez, que depois podia virar uma enciclopédia ou encadernados volumosos. Foi assim com a enciclopédia *Conhecer*, *A Bíblia Mais Bela do Mundo*, enciclopédia *Disney*, *Mãos de Ouro* (com pontos de bordado), *História da Música Popular Brasileira*, *Grandes Compositores da Música Universal* (esses dois últimos incluíam discos de vinil encartados) e tantas outras séries.

Entre as bancas preferidas do meu pai, a do “Alemão”, que ficava, no início, na Rua Maranguá (Bairro Olímpico) e, posteriormente, transferiu-se para a esquina da Avenida Kennedy com a Rua Tapajós, e a do Fernando, na Rua Lomas Valentinas, no Bairro Santa Maria. A essa última meu pai fazia questão de levar os netos Gabriel e Leticia todos os domingos de manhã para preservar a tradição “revisteira” da família.

As bancas de jornais fazem parte da minha vida desde que me conheço por gente e, certamente, foi “amor à primeira vista”.



Banca de jornais de Antônio Luiz Scimini (Nico) na esquina da Avenida Senador Roberto Simonsen com a Rua Baraldi, em foto de 1964. Foi instalada em 1953, tornando-se referência do segmento na cidade



Marcos Eduardo Massolini, nos anos 1990, indo comprar revistas na banca do Carlão, ao lado da panificadora Canoa, na Rua Oriente

Eu, por minha vez, continuei um assíduo frequentador. Nos últimos anos, fui freguês frequente de duas bancas no Bairro Barcelona: a do Jaime, em frente ao Imes (atual Uscs) – que encerrou as atividades –, e a do Carlão, ao lado da panificadora Canoa, na Rua Oriente, que ainda abre, mas em horário restrito. Carlão perpetua a história do seu pai, seu José, que, por longos anos, manteve pontos de vendas de revistas no centro de São Caetano.

Mesmo com a crise no setor,

algumas bancas na cidade insistem na sobrevivência. Uma parte delas, na tentativa de adaptação aos novos tempos, ampliou o escopo com a inclusão de minigeladeiras, brinquedos e acessórios eletrônicos. Na Rua Visconde de Inhaúma, no Bairro Nova Gerty, que já foi um importante corredor comercial para os jornalheiros, pouco mais de meia dúzia de bancas resiste. No Bairro Barcelona, um pequeno estabelecimento ao lado da padaria Lindo Pão, na Rua

Votorantim, está lá há anos. Outro ponto no bairro, que se mantém há um bom tempo, é a revistaria Cidade, na Praça do Expedicionário. A banca do Fernando, próxima ao portão principal da General Motors, na Avenida Goiás, surpreende pela quantidade de revistas em suas prateleiras. No centro, ainda se encontra alguma resistência em torno da estação ferroviária, mas a pioneira banca da cidade, que ficava na esquina da Rua Baraldi com a Avenida Senador Roberto Simonsen, encerrou as atividades recentemente. A Casinha das Letras, na Rua Monte Alegre, pode ser considerada uma “superbanca”, já que é um híbrido de livraria-banca-cafeteria e o seu abrangente e surpreendente acervo de revistas, livros, álbuns e edições especiais a torna um verdadeiro “oásis” cultural em São Caetano do Sul.

Enquanto isso, remando contra a maré, vou adentrando, com o mesmo brilho nos olhos, todas essas bancas de jornais que ainda se mantêm a duras penas e à base de muita coragem e resiliência. Afinal, no meu mundo e no mundo desses bravos jornalheiros modernos, as bancas são eternas! ■

Marcos Eduardo Massolini é jornalista e escritor. Em 2001 lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e o grupo *São Caetano Inesquecível*, no Facebook. Em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis*, e, em 2016, o livro de ficção *Abílio e o Espelho* no formato e-book. O ano de 2021 marcou o lançamento de seu terceiro livro de poesias: *Quase Oásis*.



ÓRGÃO DE FOLE

O ÓRGÃO DE FOLE, também conhecido como harmônio, é um instrumento musical de teclas que, embora projetado para uso doméstico, tornou-se bastante comum em igrejas. Nesta edição, destacamos um exemplar (provavelmente, do ano de 1935) doado ao Museu Histórico Municipal pelo Externato Santo Antônio. O instrumento era utilizado em aulas de canto e nas celebrações de missa. ■

Acevo/FPMSCS



Na imagem, músico tocando órgão na Igreja Nossa Senhora Aparecida. Foto de 1979

LUIZ PASQUALINI



Sem título
Luiz Pasqualini
Acrílica sobre tela
50 x 40 cm
2017

Acervo/Pinacoteca Municipal (FMCS)

LUIZ PASQUALINI nasceu em São Caetano do Sul, em 1986. Já participou de diversas edições da Vitrine – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul, projeto realizado pela Pinacoteca Municipal. Autodidata, tem a pintura a óleo como sua especialidade, entre cores e cenas do cotidiano em um figurativismo contemporâneo.

Começou a pintar aos 12 anos, mas após uma pausa para outros trabalhos, retomou sua carreira artística em 2016. Já conquistou prêmios em diversas cidades do Estado de São Paulo, como Rio Claro, Ilhabela, Mogi-Guaçu, Mococa, Ubatuba e Mogi das Cruzes. Em 2018, ganhou o prêmio Casa da Cultura no Salão Arareense de Artes. Em 2019, foi prêmio aquisitivo no 51º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba e, em 2022, conquistou menção honrosa no 28º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande. ■

EXPOSIÇÕES

ANEXO DA PINACOTECA



As Formas Simbólicas da Terra

Com o objetivo de mostrar a produção artística em cerâmica realizada no ateliê aberto do Espaço Cultural – Casa de Vidro, no dia 20 de junho, a Fundação Pró-Memória realizou a abertura da exposição *As Formas Simbólicas da Terra*, com obras dos artistas Cinthia Vaz Giorgi, Fabricio Urbaneja, henriq, Ilda Tinte, Joice Trujillo, Maitê Andorra, Reche, Regis Ribeiro, Tatá Anastácio, Vitória Fogaça e Yuri Tabosa. Além de prestigiar o trabalho de cada um, a intenção foi, ainda, mostrar a importância do ateliê para a produção cultural local. A exposição ficou em cartaz até 31 de julho.

ESPAÇO DO FORNO

Os Velhos Tempos do Comércio em São Caetano

Com a exposição *Os Velhos Tempos do Comércio em São Caetano* a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul reabriu o Espa-

ço do Forno no dia 29 de junho, trazendo imagens e objetos antigos referentes ao tema, em um pequeno esboço do desenvolvimento do comércio local, destacando oito pontos comerciais que marcaram época na cidade e que mostram características do comércio sul-são-caetanense e os hábitos de consumo presentes na cidade ao longo de diferentes períodos históricos. As imagens são do Centro de Documentação Histórica da instituição.



PINACOTECA MUNICIPAL

Ressignificação

No dia 21 de julho, foi aberta, na Pinacoteca Municipal, a exposição *Ressignificação*, que apresentou obras do artista urbano Cláudio Duarte, mais conhecido como Ise. Com curadoria de Ana Carolina Ralston, a mostra, que trouxe 21 telas, cinco instalações e duas esculturas do amplo leque de criações de Ise, ficou em cartaz até 15 de outubro.



Sentir pra Ver e Movimento em Branco

A Pinacoteca de São Caetano do Sul abriu as portas para a arte inclusiva. Na quinta-feira, dia 23 de novembro, as exposições *Sentir pra Ver* e *Movimento em Branco* foram abertas ao público. As obras que compõem ambas as mostras apresentam diferentes materiais e formas e convidam os visitantes para uma experiência sensorial, podendo cada uma delas ser tocada, ouvida e sentida. A visita acontece até 25 de fevereiro de 2024, com entrada livre e gratuita, de domingo a domingo, das 8h às 19h.



EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

1º Centenário de São Caetano do Sul - 1977

Para comemorar o 146º aniversário da cidade, a Fundação Pró-Memória apresentou, a partir do dia 28 de julho, em sua página no Instagram, um conjunto fotográfico alusivo à comemoração do 1º Centenário de São Caetano do Sul. Celebrado em 1977, foi uma das edições co-

memorativas mais marcantes do aniversário da localidade. As imagens que integraram essa mostra virtual compõem o acervo do Centro de Documentação Histórica da instituição.

OFICINAS PROJETOS E EVENTOS

Programa Fazendo Arte

Desde o dia 12 de junho, a Fundação Pró-Memória está realizando o programa *Fazendo Arte*, que contempla a realização de oficinas gratuitas abertas ao público nas áreas de gravura, cerâmica e papel artesanal. Contratados via edital, os artistas Bruna Marassato, Delfina Reis, Ilda Tinte, Leonardo Gomes, Maitê Andorra, Regis Ribeiro, Yuri Tabosa e Vitória Fogaça foram os oficinairos responsáveis pela realização das seguintes oficinas: *Xilogravura e monotípias: do popular ao erudito*, *Papel Artesanal com Fibras Naturais para Gravura em Metal*, *Cerâmica Intuitiva*, *A gravura alternativa: embalagem tetrapak e acetato*, *Cerâmica Criativa*, *Cerâmica para Iniciantes* e *Papel artesanal com fibras naturais*. Já foram realizados três ciclos de oficinas, com carga horária de 15 horas (cada). As atividades acontecem no Espaço Cultural – Casa de Vidro.



Oficina Desenho de Observação

No dia 5 de outubro, foi promovida no Espaço Cultural – Casa de Vidro a Oficina *Desenho de Observação*. Com o objetivo de desenvolver a percepção e a habilidade manual dos participantes, a iniciativa foi ministrada por Fabrício Urbaneja, artista multimídia nascido em 1985 na cidade de São Paulo. Atualmente, Urbaneja vive e trabalha em São Caetano do Sul. Na Pinacoteca de São Caetano do Sul, participou das exposições coletivas *7ª Vitrine* (2022), *Pinacoteca 360° – Uma Panorâmica do Acervo* (2021) e *Contra Ponto* (2017).

Férias na Pinacoteca

De 18 a 24 de julho, a Pinacoteca Municipal realizou o projeto *Férias na Pinacoteca*, com oficinas de cerâmica para crianças. Com cerca de 3 horas de duração, foram realizados oito encontros, com mais de 60 crianças, entre 6 e 11 anos, participantes. A oficina foi ministrada por Maitê Andorra.



Lançamento do catálogo da exposição Ressignificação e Oficina de Técnicas de Pintura em Spray

No dia 7 de outubro, teve lugar na Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul uma programação especial. Das 10h às 12h, o artista Claudio Ise comandou a visita guiada junto à exposição *Ressignificação*, que ficou aberta até 15 de outubro e trouxe diversas obras de sua autoria. Posteriormente, foi lançado o catálogo dessa mostra com o objetivo de situar o público visitante no universo criativo de Ise. O evento teve entrada livre e gratuita. Na ocasião, também aconteceu a oficina de técnicas de pintura em spray. Ministrada por Claudio Ise, a oficina apresentou conceitos básicos de técnicas utilizadas na construção de letras artísticas no estilo do grafite. Os participantes tiveram oportunidade de realizar um exercício prático para a reprodução das letras. A oficina, com entrada gratuita, contemplou um público com idade a partir de 10 anos e ofereceu 15 vagas.

Palestra sobre a história de São Caetano

No dia 25 de outubro, a Fundação Pró-Memória realizou uma palestra sobre a história do município na sede dos Patrulheiros Mirins de São Caetano. Os jovens acompanharam com atenção detalhes da trajetória política, cultural e econômica da cidade. A palestra foi ministrada pela jornalista Paula Fiorotti.



PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

Medalha Di Thiene

Em evento realizado no dia 6 de agosto, no Salão Nobre da Câmara Municipal, foram condecorados com a tradicional Medalha Di Thiene personalidades que prestaram serviços relevantes à sociedade sul-são-caetanense em variados âmbitos. A honraria, uma das mais importantes concedidas pela

municipalidade, é o reconhecimento aos contributos deixados pelos homenageados em suas respectivas áreas de atuação. A Fundação Pró-Memória realiza a indicação de pessoas a serem homenageadas.



Semana da Autonomia

Com uma programação variada, a Semana da Autonomia foi um sucesso. No dia 24 de outubro, o Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama) e a Fundação Pró-Memória, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, promoveram, no Teatro Santos Dumont, o Concerto da Autonomia. Na ocasião, a Orquestra Expressione, sob a regência do maestro Romero José da Silva, apresentou o Hino da Autonomia ao público. Outras ações compuseram também a programação de eventos de tal semana, como

a roda de conversa organizada, no dia 19 de outubro, pelo Gama no Sesc São Caetano, que contou com as participações da documentarista Denise Szabo e da historiadora Cristina Toledo de Carvalho; e o jantar festivo em homenagem aos líderes autonomistas, promovido, no dia 23 de outubro, pelo Rotary Club de São Caetano do Sul. Na oportunidade, o sociólogo José de Souza Martins e o memorialista Ademir Medici palestraram sobre o movimento que articulou a campanha autonomista na cidade.



Cidadão da História

No segundo semestre, foram homenageados pelo projeto *Cidadão da História* munícipes e empresas de variados segmentos dos bairros Santa Maria, Mauá, Jardim São Caetano, Boa Vista, Fundação e Olímpico. A revista *Ratzes* congratula-se com os contemplados pelo mencionado projeto.



HOMENAGEADOS

Cidadão da História

BAIRRO NOVA GERTY - 4/3/2023

MUNÍCIPES - AMÉLIA MICHELASSI MARINELLI - CLAUDETE ROSA MELONI - CLÓVIS QUADROS E ANA MARIA DE SOUSA QUADROS (CASAL) - ERMANO TÚBERO JÚNIOR - FRANCISCO MUNHOZ - JACONIAS JOSÉ DOS SANTOS - LUCI GONÇALVES CÂNDIDO - MANOEL MARTINS DAS NEVES - MARIA ROSA ALVES - MARIA QUITÉRIA DE SOUSA - NADIR APARECIDA DOS SANTOS PEDRO FERNANDES - NADIR CANTISANI - VICTÓRIA GODOY - **INDÚSTRIA/COMÉRCIO** - GUAXUPÉ VEÍCULOS SERVIÇOS E PEÇAS LTDA - LOJA HERING

BAIRRO CERÂMICA - 15/4/2023

MUNÍCIPES - ANTÔNIO CARLOS PINTON e AMÉLIA AFONSO PINTON - ANTONIO ERALDO LANGHI e MARIA DE LOURDES COMISSO LANGHI - HELENA MASSOLA DE ANTONIO - JOSÉ BIANCHIN - LUCINDA DOS SANTOS - MARIA EMÍLIA RODRIGUES BAZAN - MARLENE LOZANO - VANDA DE MARTINI GABRIELLI - **INDÚSTRIA/COMÉRCIO** - CROSSFIT CERÂMICA - RESTAURANTE DONA LINA E SEU LUIGI - VALDERI RESTAURANTE

BAIRRO SÃO JOSÉ - 3/6/2023

MUNÍCIPES - ANTONIO CAVALLI FILHO E MARIA ZAGO CAVALLI (CASAL) - ANTONIO ZANIN E HELENA DE SOUZA ZANIN (CASAL) - IRMA CUSTÓDIA PEZZO E HILDERICO PEZZO (CASAL) - DR. RICARDO KENITI OSHIO - MANOEL VALENTIM DE CERQUEIRA E MARIA BENEDITA SILVÉRIO DE CERQUEIRA (CASAL) - MANOEL DE LIRA - IZABEL JULIO AGUIAR - MARQUINHOS LIMA - MARCO ANTONIO ROCHA - JOSÉ MIGUEL SOARES DA CONCEIÇÃO - ELINEIDE DA SILVA GUZZELLA - DIEGO RAMON GARCIA -

INDÚSTRIA/COMÉRCIO - FARMÁCIA MODELO - MAGAZINE AMÉLIA - DUTRA CABELEIREIRAS - OVOS SÃO JOSÉ

BAIRRO SANTA MARIA- 1º/7/2023

MUNÍCIPES - IVANI ROSA PEGORETTI - DÁCIO BARONTINI - ISABEL DANTAS RODRIGUES - ROSA IRENE MILANI GALVÃO - BENEDICTA APARECIDA ABBADE - RICARDO CRUCCI - RUI BERNARDO FERNANDES DE MATOS - OSWALDO GALLO E IRAIDES RAVELLI GALLO (CASAL) - OLÍMPIO GARCIA BLANCO - MARIA TERESINHA DE OLIVEIRA SILVA E JOSIAS FERREIRA DA SILVA (CASAL) - DORVALINO BISELES AUGUSTO - NAZIR ISSA - **INDÚSTRIA/COMÉRCIO** - APAE - ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE SÃO CAETANO DO SUL - AVÍCOLA E ROTISSERIE MAIS QUE FRANGO- BAZAR ALAMEDA - CASA DE CARNES ALAMEDA- DESAFRA MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO - EMPÓRIO DOS CALÇADOS - TARGET ACADEMIA

BAIRRO DA FUNDAÇÃO- 29/7/2023

MUNÍCIPES - ADALGISA REIS DIAS - AGRICIO BATISTA DA SILVA - APPARECIDA MENDES CAMILO - JOSÉ CARLOS BORTOLETTO E MARIA LUIZA BAIARDI BORTOLETTO - JOSÉ FERNANDES DE ALMEIDA E NORMA MICHELIN DE ALMEIDA - LUIZ ANTÔNIO DE CARVALHO E LÚCIA BORGES DE CARVALHO - RAIMUNDO NONATO DE SOUZA - RUTH CARLOS DALCIN - SALVADOR FRANCISCO CARUSO - THEBIS MARETORELLI - **INDÚSTRIA/COMÉRCIO** - AUTO MOTO ESCOLA E DESPACHANTE BAHIA - BAR DO ARAÚJO - BICICLETARIA CICLO MILLENIUM - CARNES PAMPLONA- DROGARIA FARMA CALÇADÃO- POINT DAS FRITAS- SAM'S CLUB.

BAIRROS JARDIM SÃO CAETANO

E MAUÁ - 2/9/2023

MUNÍCIPES - CLAUDIO

DOMINGUEZ - DAIR ANTONIO GANZERLA E IVANNY GOBBO GANZERLA (CASAL) - JOSÉ DE OLIVEIRA VILAS BOAS E MARIA MARINGOLO VILAS BOAS (CASAL) - MARIA DE LOURDES VECCHI - MARIA DO CARMO GATTI - MARIA THEREZA MORAES - NILO RIBEIRO DE FIGUEREDO E NEIDE DOMINGUEZ FIGUEREDO (CASAL) - ODAIR MACHADO DE MORAES - PENHA MARIA STELA CALDO DA SILVA - SANTINA BARRETO ESCADA - VALTER MARIANO E ILMA DIAS MARIANO (CASAL) - **INDÚSTRIA/COMÉRCIO** - BILHETERIA EXPRESS - LAVANDERIA VIA DEL PULITO.

BAIRRO BOA VISTA - 30/9/2023

MUNÍCIPES -ALCIDES ORLANDO - BOSCO ARAUJO DE MENEZES E MARIA CECILIA QUEIROZ DOMINGUES MENEZES (CASAL) - GERALDO ORLANDO - JOSÉ DOMINGOS DA SILVA - LAÉRCIO FERREIRA E LÁZARA VENANCIO FERREIRA (CASAL) - MARIO TOMASSI E MARIA DIRCE TOMASSI (CASAL) - RINALDO LUIZ CODATO - **INDÚSTRIA/COMÉRCIO** - CENTRAL NACIONAL DE EMBALAGENS INDUSTRIAIS - ELIANE CABELEREIRAS - ISACAR-MECÂNICA MULTIMARCAS - SORVETERIA KASCÃO.

BAIRRO OLÍMPICO - 28/10/2023

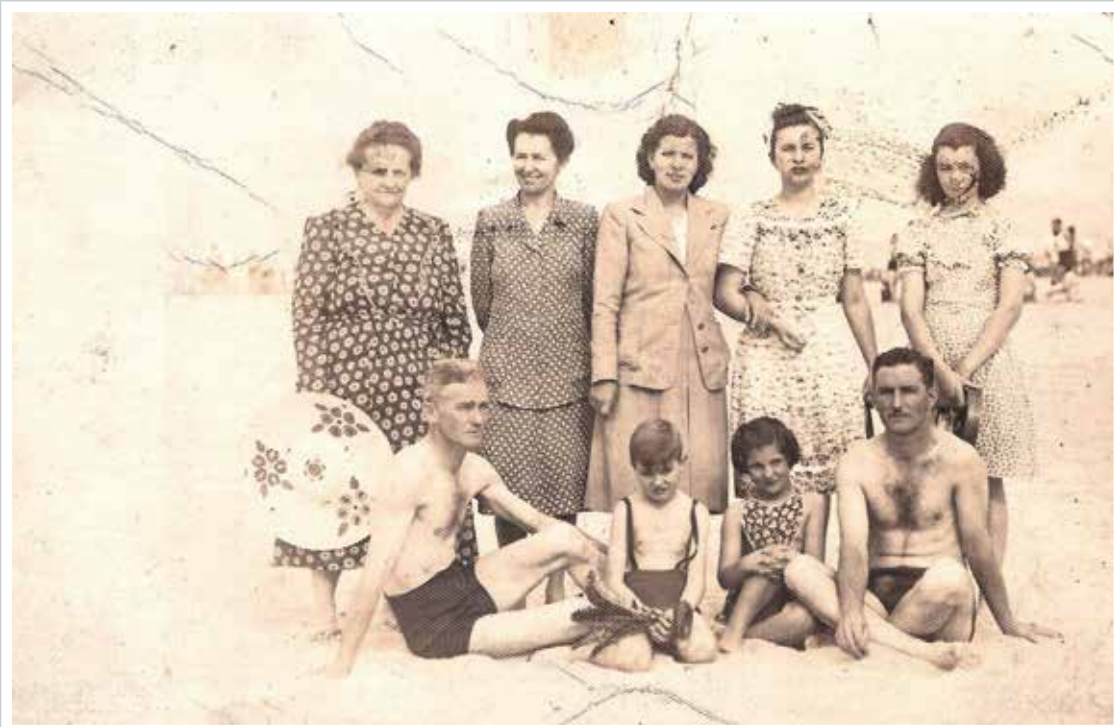
MUNÍCIPES - CELECINA AMORIM DE MORAIS - ESTER RIBEIRO RAMOS - GENY MILANI DE CARVALHO E SWAMI RIBEIRO (CASAL) - MARIA APARECIDA DOS SANTOS DALTIO E MOACIR PASCOAL DALTIO (CASAL) - MARIA GENI BERTOLDO BELTRAMI - MARILVIA BONFANTI RIBEIRO - OSVALDO AMBRÓSIO - PAULO ROBERTO MALDONADO - THEREZA DOS SANTOS XAVIER - **INDÚSTRIA/COMÉRCIO** - CASA DE CARNES DO CAMPO - DFAST - PEÇAS AUTOMOTIVAS - LOUNGE BAR.

Acervo/FPMSCS



Público acompanha missa campal realizada na Praça Ermelino Matarazzo, no Bairro da Fundação, ao lado da Paróquia São Caetano, no dia 28 de julho de 1963, por ocasião do 86º aniversário da cidade

Acervo/FPMSCS



Família Lorenzini durante passeio em Santos, no ano de 1944. Em pé, a partir da esquerda, vemos: Santa Leoni Lorenzini, Rosa Fiorotti Lorenzini, Rosalia Lorenzini, Zulmira Lorenzini e Clara Lorenzini. Sentados, da esquerda para a direita, estão: Henrique Mario Lorenzini, Henrique Lorenzini, Neusa Lorenzini e Jacob Elyseu Lorenzini

Acervo/FPMSCS



Esquina das ruas Senador Roberto Simonsen e Casemiro de Abreu em foto de 1937

Acervo/FPMSCS



Plateia representando São Caetano do Sul durante participação do município no programa *Cidade contra Cidade* (transmitido pelo SBT e comandado pelo apresentador Silvio Santos) no ano de 1977. Na ocasião, o município enfrentou São José do Rio Preto (SP) e ganhou a disputa de conhecimentos gerais por três pontos a um. No placar final geral a cidade do interior de São Paulo saiu vitoriosa

Acervo/FPMSCS



Autoridades municipais visitam obras do desassoreamento do Rio dos Meninos em 1978. Entre o grupo, estão o então prefeito Raimundo da Cunha Leite e Roberto Cerqueira César, secretário estadual de Negócios Metropolitanos

Acervo/FPMSCS



As irmãs Angela e Vera Lúcia Massei Fedatto posam para foto com suas fantasias de carnaval. Foto de 1949

Acervo/FPMSCS



Santiago Del Rey Neto posa para foto em 1955, ao lado de veículo, na Rua Santa Catarina

Acervo/FPMSCS



Os irmãos Maria Inês e Claudio Colonheze posam para foto na estação ferroviária de São Caetano em 1950

Acervo/FPMSCS



Casamento de Gessi Gonçalves e José Mazzutti. Ao lado dos noivos, os padrinhos João Relá e Maria José Relá. Foto de 1952



FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

SEDE ADMINISTRATIVA
PINACOTECA MUNICIPAL
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
São Caetano do Sul – SP
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
pinacoteca@fpm.org.br
centro.documentacao@fpm.org.br

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
São Caetano do Sul – SP
(11) 4229-1988
museu@fpm.org.br

SALÃO EXPOSITIVO
ESPAÇO VERDE CHICO MENDES
Avenida Fernando Simonsen, nº 566
São Caetano do Sul – SP

ESPAÇO CULTURAL
CASA DE VIDRO
Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
São Caetano do Sul – SP

ESPAÇO DO FORNO
Praça do Forno
Espaço Cerâmica
São Caetano do Sul – SP



WWW.FPM.ORG.BR



ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL